

**MARCELO NAPUTANO**

**IDENTIDADES CULTURAIS EM IMIGRANTES DE SEGUNDA GERAÇÃO**  
**“OS FILHOS DE PEDRINHAS”**

**ASSIS**

**2012**

**MARCELO NAPUTANO**

**IDENTIDADES CULTURAIS EM IMIGRANTES DE SEGUNDA GERAÇÃO  
“OS FILHOS DE PEDRINHAS”**

**Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências  
e Letras de Assis – UNESP – Universidade  
Estadual Paulista para a obtenção do título de  
Mestre em Psicologia.**

**Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade**

**Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo**

**ASSIS**

**2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

N216i Naputano, Marcelo  
Identidades culturais em imigrantes de segunda geração:  
"Os filhos de Pedrinhas" /  
Marcelo Naputano. Assis, 2012  
144 f. + anexos

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras  
de Assis - Universidade Estadual Paulista.  
Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo

1. Imigrantes – Pedrinhas Paulista (SP). 2. Italianos – Brasil.  
3. Cultura. 4. Identidade. 5. Globalização. I. Título.

CDD 301.32  
325.1

*A tutti i figli delle immigrazioni di tutti i tempi che sono diventati “persone con il trattino” e che, spesso per questo, hanno travagliato in qualche modo. A tutti gli Italo-brasiliani che sostengono un’identità fatta da ricerca e più appartenenze. Ai “figli di Pedrinhas” e alla mia figlia Cecilia, italo-brasiliani in movimento.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Doutor José Sterza “Justo/Giusti”, nome e adjetivo *allo stesso* tempo, habitante e promotor das múltiplas possibilidades de novas linguagens, pensamentos e implementações. Agradeço a confiança e o respeito continuamente construídos com grande amizade, *pasta e vino*. *Grazie, grazie e grazie ancora*.

Ao Professor Doutor Francisco Hashimoto e à Professora Doutora Mary Yoko Okamoto, eles também “brasileiros com tracinho”, pelas valiosas contribuições no Exame de Qualificação e pela disponibilidade em fazer desta ocasião de encontro acadêmico formal um encontro entre pessoas envolvidas existencialmente em uma temática.

Ao Professor Doutor Eduardo Augusto Tomanik, da Universidade Estadual de Maringá, pelas preciosas questões levantadas em ocasião da defesa desta dissertação.

Ao Professor Doutor Sandro Mezzadra, da Universidade de Bolonha, pelo entusiasmo, academico e humano, com o qual me recebeu para a frequencia em seu curso *Le Frontiere della cittadinanza* e pelas leituras realizadas.

À Professora Doutora Sandra Aparecida Ferreira, pelo auxílio precioso na revisão de meu “portugaliano”, pelas significativas considerações feitas e pela sua delicadeza extraordinária.

À Professora Doutora Mariele Rodrigues Correa, pelo apoio e pelas indicações metodológicas, por sua amizade, por seu auxílio em um momento difícil de recuperação de saúde e por sua hospitalidade incondicionada.

Ao professor, amigo de velha data, Jorge Alves de Lima, pelos serviços prestados na revisão e na correção de parte dos textos desta dissertação.

Aos tantos brasileiros, italianos e ítalo-brasileiros que me auxiliaram objetivamente na construção desta dissertação – feita entre a Itália e o Brasil.

*Grazie* à Professora Doutora Letizia Zini Antunes e a seus familiares, que tornaram a minha estadia em Assis, para a frequência nas disciplinas, em um grande prazer de companhia e apoio.

*Grazie* a Giorgio Preci “James”, bolonhês que, sem me conhecer, me ofereceu as condições de moradia e me acompanhou até Buenos Aires, em um congresso onde eu, um ítalo-brasileiro na Argentina, apresentei um trabalho em italiano aos ítalo-argentinos, em um encontro entre pessoas com um mesmo senso de construção de pertinência identitária, muito além do rígido paradigma nacional/cultural. Questão que, com humor e ironia, me fez pensar na possibilidade concreta de amizade/identificação entre brasileiros e argentinos... Obviamente, o tema não era o futebol.

*Grazie* à ACLIA, Associação de Cultura e Língua Italiana de Assis, e a seus professores, que me deram as condições de um local de trabalho e os primeiros contatos com Pedrinhas Paulista.

*Grazie* à Nilza, da cidade de Pedrinhas, Paulo e Vânia, da cidade de Assis, que estiveram lá em casa por três meses aprendendo italiano, ensinando português e fazendo companhia às minhas mulheres.

Aos meus colegas de mestrado e a todos os meus amigos de parceria e auxílio em Assis, particularmente a Marcos Paulo Shiozaki, nipo-brasileiro amante do *caffè all’italiana*, com quem tomei muitos cafés em grandes conversas, a Raphael Rodrigues Sanches, amigo nos vários momentos de crise corriqueira, a Adriano da Silva Rozendo e a Rafael de Oliveira Rodrigues, pela disposição e ajuda prática.

A todos os filhos de Pedrinhas que participaram direta ou indiretamente nesta pesquisa, na construção de uma narrativa sobre a condição de “filhos de” e “brasileiros com tracinho”. Em especial modo, a Ivano Fornasier e a sua família, com os quais mantenho uma estreita relação de amizade e construção de nossas pertencas identitárias. Obviamente, em língua dantesca na variante *veneta-romagnola*, com pronúncia brasileira, paulista e interiorana.

Estes tantos agradecimentos fazem parte da convicção de uma dissertação elaborada na insígnia da construção coletiva de um percurso de um eu/nós constituintes.

*Non importa il Paese dove viviamo ma il Paese che vive  
in noi*

Giuseppe Garibaldi

*Todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos. Elas têm suas “geografias imaginárias”, suas “paisagens” características, seu senso de “lugar”, de “casa/lar”, bem como suas localizações no tempo – nas tradições inventadas que ligam passado e presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado, em narrativas de nação que conectam o indivíduo a eventos históricos nacionais mais amplos, mais importantes.*

Stuart Hall

NAPUTANO, Marcelo. Identidades culturais em imigrantes de segunda geração – “Os filhos de Pedrinhas”. 2012, 144 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista – UNESP.

## RESUMO

No mundo contemporâneo, a discussão a respeito das identidades culturais é assunto não somente para os acadêmicos. Todos nós vivemos na chamada época da ‘globalização’ e da aproximação das diversas culturas que, por vezes, parece enriquecedora e, outras vezes, ameaçadora em relação às identidades individuais ou coletivas, anteriormente entendidas como imutáveis. Os debates teóricos sobre o tema se polarizam a favor ou contra o processo de interligação de povos, nações e Estados Nacionais e colocam em evidência a discussão sobre os possíveis significados e limites da identidade e da cultura que, no passado, eram tomadas como objetos consolidados, seguros e impermeáveis. A partir de teóricos que tratam da identidade nas atuais condições de mobilidade geográfica, social, cultural e psicológica, a presente investigação focaliza o processo de formação de identidades culturais nos filhos – a chamada segunda geração – de imigrantes italianos para o Brasil, por meio de uma pesquisa de campo realizada na cidade de Pedrinhas Paulista (SP). Metodologicamente, esta pesquisa se orienta pelos paradigmas contemporâneos emergentes nas ciências, tendo a pesquisa qualitativa e a psicologia social construcionista como principais referências. O *locus* da pesquisa de campo, a pequena cidade de Pedrinhas Paulista, fundada por imigrantes italianos e, hoje, habitada majoritariamente por seus filhos – os “filhos de Pedrinhas” – oferece uma oportunidade muito especial para o estudo e a compreensão de identidades híbridas que se colocam como uma das mais desafiadoras construções de subjetividade no mundo atual, profundamente marcado por fluxos ininterruptos de migrações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imigração; culturas; identidades.



NAPUTANO, Marcelo. Identità culturali degli immigrati di seconda generazione – “I figli di Pedrinhas”. 2012, 144 p. Tesi di Master in Psicologia Sociale. Facoltà di Scienze e Lettere di Assis - Universidade Estadual Paulista - UNESP.

## **RIASSUNTO**

Nel mondo contemporaneo la discussione delle identità culturali è una questione non solo per gli specialisti. Noi tutti viviamo nella cosiddetta era della 'globalizzazione' e del ravvicinamento delle culture diverse che a volte sembra arricchire, e talvolta minaccioso, riguardo alle identità individuali o collettive, in precedenza considerati immutabili. Dibattiti teorici sulla questione si polarizzano a favore o contro il processo di collegamento dei popoli, delle nazioni e degli Stati nazionali e collocano in evidenza la discussione sui possibili significati e limiti dell'identità e della cultura che, nel passato, erano considerati argomenti consolidati, sicuri e impermeabili. Partendo dai teorici che affrontano la questione dell'identità nelle presenti condizioni di mobilità geografiche, sociali, culturali e psicologiche, la presente investigazione si concentra sul processo di formazione dell'identità culturale nei figli – la chiamata seconda generazione – d'immigrati italiani in Brasile, attraverso una ricerca sul campo condotta nella città di Pedrinhas Paulista (SP). Metodologicamente questa ricerca è guidata da emergenti paradigmi contemporanei nel campo delle scienze, essendo la ricerca qualitativa e il costruzionismo sociale, i riferimenti principali. Il locus della ricerca sul campo, la cittadina di Pedrinhas Paulista, fondato da immigrati italiani e ora abitata per lo più dai loro figli - "i figli di Pedrinhas" - offre un'opportunità davvero speciale per lo studio e la comprensione delle identità ibride che sono una delle costruzioni più impegnative della soggettività nel mondo di oggi, profondamente segnati da continui flussi migratori.

**PAROLE CHIAVE:** Immigrazione; culture; identità.

NAPUTANO, Marcelo. Cultural identities of second generation immigrants – "Sons of Pedrinhas". 2012, 144 p. Thesis of Master in Social Psychology. Faculty of Science and Letters of Assis - Universidade Estadual Paulista - UNESP.

## **ABSTRACT**

In the contemporary world, the discussion of cultural identity is a matter not only for experts. We are living in the so-called era of 'globalization' and of approach of the different cultures that sometimes seem to enrich people, but other times they appear threatening, regarding the individual or collective identities, previously considered immutable. With regards to this issue, theoretical debates are polarized for or against the process of connecting people, nations and national states. They highlight the discussion on the possible meanings and limits of identity and culture that, in the past, were considered strengthened, safe and impermeable arguments. Starting from the point of view of the experts who handle the issue of identity in the current condition of geographical, social, cultural and psychological mobility, my research, conducted in the city of Pedrinhas Paulista (SP), focuses on the process of cultural identity construction – called the second generation – in sons of Italian immigrants to Brazil. Considering that the qualitative research and social constructionism are the main references, from a methodological point of view, this research is led by emerging paradigms contemporaneous in the science field. The town of Pedrinhas Paulista, locus of my fieldwork, was founded by Italian immigrants and now is inhabited mostly by their sons - the "sons of Pedrinhas". It offers a very special opportunity for the study and understanding of hybrid identities that are one of the most challenging constructions of subjectivity in today's world, deeply marked by continuous migration.

**KEYWORDS:** Immigration; culture; identities.

## SUMÁRIO

<b>PRÓLOGO</b> .....	13
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	18
<b>CAPÍTULO I – APONTAMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	26
1.1. Considerações gerais.....	26
1.2. O construcionismo social.....	29
1.3. Os estudos culturais .....	33
1.4. Nosso mundo contemporâneo.....	39
<b>CAPÍTULO II – MIGRAÇÕES</b> .....	43
2.1. Ontem e hoje.....	43
2.2. Pedrinhas Paulista, um caso atípico.....	52
2.3. Impressões do cotidiano.....	59
2.4. <i>I vecchi</i> .....	65
<b>CAPÍTULO III – CULTURAS</b> .....	75
3.1. O que é cultura?.....	75
3.2. “Ismos” – multicultural, intercultural e transcultural.....	84
<b>CAPÍTULO IV – IDENTIDADES</b> .....	90
4.1. Suas pluralidades.....	90
4.2. Identidades e imigração hoje.....	95

<b>CAPÍTULO V – OS FILHOS DE PEDRINHAS</b> .....	103
5.1. Os filhos de Pedrinhas, nossos protagonistas.....	103
5.2. Lugares-comuns.....	106
5.2.1. Línguas.....	108
5.2.2. Cozinha.....	113
5.2.3. Família.....	117
5.2.4. Trabalho.....	122
5.3. Outros lugares.....	126
5.3.1. Rompimento com os “velhos”.....	127
5.3.2. Casamentos mistos.....	130
 <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS – OS NOSSOS ITALIANOS SÃO “MELHORES DO QUE OS OUTROS” OU “<i>IUS MIGRANDI</i>”</b> .....	132
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	135
 <b>ANEXOS</b> .....	145
Anexo A – Primeira Entrevista – Giovanni.....	145
Anexo B – Segunda Entrevista – Michela.....	153
Anexo C – Terceira Entrevista – Rita .....	158
Anexo D – Quarta Entrevista – Elena.....	164

## PRÓLOGO<sup>1</sup>

*“Todo conhecimento é autoconhecimento”*<sup>2</sup>

Boaventura de Sousa Santos

Antes de darmos início ao tema de nossa pesquisa e todo o seu desenvolvimento é conveniente explicitarmos os motivos que nos impeliram a ela e que são estreitamente ligados à nossa história familiar pregressa e atual. Faremos este prólogo sem a intenção da exposição de uma mera autobiografia, mas sim convencidos metodologicamente de que a epistemologia e a ontologia compõem duas faces de uma mesma moeda, mesmo quando não temos consciência disto ou quando assumimos o contrário, desejamos concretizar uma pesquisa que inclua a nossa história de vida.

Deste modo me concederei, neste prólogo, a liberdade estilística de utilizar a primeira pessoa do singular, ao invés da primeira pessoa do plural, pois que não seria espontânea a descrição de experiências pessoais no plural. Porém, de certa maneira, não seria nenhum equívoco metodológico a utilização do “nós”, mesmo quando o referimento é pessoal, próprio, porque, para a psicologia social construcionista, a “natureza” dos eventos que pensamos singulares não pode prescindir do social. Assim, neste prólogo, quando eu adentro a parte de minha história pessoal, na realidade, proponho a história de tantos. Quase que ironicamente eu até poderia utilizar o “nós” como sinônimo do “eu”, porque, em minha narrativa “pessoal”, posso identificar muitos elementos em comum com os “filhos” de Pedrinhas Paulista, filhos de imigrantes italianos no Brasil, ou seja, da chamada segunda geração na procura de construir uma

---

<sup>1</sup> Além dos termos em italiano que serão usados ao longo do texto também será mantida a escrita do português da forma como o autor hoje se expressa nessa língua, após longo contato e contágio da língua italiana. Acharmos conveniente (o autor e o orientador) manter o texto sem muita revisão do português para que ele também se expresse como um texto híbrido, à feição do objeto desta pesquisa.

<sup>2</sup> Esta é uma célebre frase de Boaventura de Sousa Santos da obra *"Discurso sobre as Ciências"*, dividida em três partes principais, que avalia os paradigmas das ciências em: dominante, a crise deste e o surgimento de um novo paradigma. Propõem, assim, um *"paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente"* (SANTOS, op. cit., p. 29). Boaventura utiliza-se de quatro princípios sobre o conhecimento que são: todo conhecimento científico-natural é científico-social; todo conhecimento é local e total; todo conhecimento é autoconhecimento; todo

identidade cultural entre pelo menos duas pertenças culturais distintas.

Os temas da imigração e da identidade cultural sempre foram presentes em minha casa, uma vez que, desde criança, fui habituado a ouvir de meu pai, de minha avô e de meus tios-avôs paternos a reafirmação de nossa proveniência de “*oriundi*”<sup>3</sup>, não obstante a chegada de minha família a São Paulo ter ocorrido no início do século XX, na chamada segunda fase da imigração italiana que foi do ano 1900 até a primeira guerra mundial (ZEPPONI, 2009, n.23). Esta continuidade de pensar as origens, mesmo que não imediatas, é muito devida ao fato de que minha família se estabeleceu em um bairro paulistano de italianos, a Barra Funda. Este bairro de São Paulo, juntamente com os bairros do Brás e do Bexiga, não por acaso, foram imortalizados na publicação em 1927 da seleção de pequenos contos de Antônio de Alcântara Machado, que utilizou-se destes bairros como cenário de uma nítida ambientação ítalo-brasileira que deu nome ao livro: *Brás, Bexiga e Barra Funda* (MACHADO, 2009).

Esta espécie de “gueto étnico-cultural” do bairro da Barra Funda é relacionada à sua formação histórica, que nasceu com o loteamento da Chácara do Carvalho, no momento da construção da rede ferroviária para o escoamento da produção de café na cidade, recebendo os primeiros habitantes, imigrantes italianos, a partir do final do século XIX. Este pode ser considerado um dos fortes motivos pelos quais a ideia de “italianidade” tenha permanecido ao longo do século XX até os nossos dias, mesmo depois da mudança étnica do bairro, a partir do primeiro decênio do século XX, com a chegada dos “*negri*”<sup>4</sup>, assim chamados depreciativamente na época pelos italianos. Mudança étnica que se intensificou nas décadas seguintes com a chegada dos brasileiros provenientes do nordeste a partir de 1960 (PIRES, S/D.).

Todos os meus familiares paternos, no passado, eram da Barra Funda e, na grande maioria, permanecem ali até hoje, lamentando-se da chegada dos “outros” não italianos, em particular, das pessoas de origem africana e aquelas provenientes do nordeste do Brasil, com um sentimento de italianidade ainda muito presente, apesar de tantos anos passados da chegada

---

conhecimento científico visa constituir-se em senso comum.

<sup>3</sup> A questão dos “*oriundi*”, ou seja, pessoas originárias da Itália ou descendentes, é muito complexa hoje devido à tendência do governo italiano hodierno de dificultar o direito à cidadania aos seus descendentes das imigrações iniciadas no final do século XIX até a metade do século XX. Descendentes que procuraram construir uma identidade “italiana” no exterior e que não se sentem reconhecidos italianos pela instituição consular.

<sup>4</sup> Termo em italiano com forte conotação de desprezo: Negros. Todas as traduções do italiano para o português feitas por Marcelo Naputano serão identificadas com: Tr. MN.

daqueles primeiros movimentos imigratórios da Itália para o Brasil. Lembro ainda que, quando criança, por vezes, eu ia brincar na fábrica de “*pasta*”<sup>5</sup> da família, entre os sacos de farinha, os diversos maquinários e as secadoras de *pasta*, na rua Barra Funda, no bairro da Barra Funda, e isso foi, sem dúvida, um fator fundamental para a construção de minha identidade cultural híbrida não estritamente territorial e de grandes questionamentos e conflitos.

É neste contexto de uma história social concreta e da construção de uma memória pessoal latente, através da afirmada reiteração familiar de uma proveniência nacional fora de meu país de nascimento, e em outra língua, que estas indagações e conflitos fizeram e fazem parte da constante formação de minha identidade cultural, ou melhor, de minhas crises e questões culturais de sentimento de pertença. Questões estas que me levaram a me interessar por e a estudar a língua/cultura italiana e a solicitar o meu direito legal de obtenção da cidadania italiana por meio do “*ius sanguinis*”<sup>6</sup> no Consulado Geral da Itália a São Paulo, num processo de construção identitária, e alguns anos mais tarde, inclusive, residir e trabalhar na Itália como psicólogo, inscrito na ordem profissional italiana, no setor escolar de pré-adolescentes da escola secundária de primeiro grau. Trabalho, por vezes, desenvolvido com meninos estrangeiros de segunda geração, nascidos seja na Itália seja no exterior, e que frequentemente são alocados todos juntos em projetos destinados aos filhos dos estrangeiros, conforme um critério de separação com base em uma suposta identidade coletiva de “não italianos”, produtora de separação entre italianos e não italianos. Obviamente, tudo em nome de uma “inclusão social”.

Tudo isto sem citar minha filha, ítalo-brasileira de segunda geração, filha de pai brasileiro “*oriundi*” e mãe italiana, que afronta, na primeira linha de batalha, a questão de sua identidade cultural, manifestando uma italianidade de nascença e vivência, pois nasceu e vive em Forlì, cidade da *Emilia-Romagna*, na Itália, e uma brasilidade afetiva, pois a casa frequentemente compartilha comigo alguns elementos de uma construção identitária cultural, como o gosto pela música de Jobim, a poesia de Quintana, o arroz-feijão, o pão de queijo, os quadrinhos de Mônica e Cebolinha etc. Inclusive, afirmando frequentemente, com orgulho, o fato de ser brasileira, mesmo conhecendo pouco a língua portuguesa e não vivendo no Brasil. Uma de suas frases

---

<sup>5</sup> Macarrão. Tr. MN.

<sup>6</sup> É um termo latino que significa "direito de sangue" e indica um princípio pelo qual uma nacionalidade pode ser reconhecida a um indivíduo de acordo com sua ascendência. O “*ius sanguinis*” se contrapõe-se ao “*ius solis*” que determina o "direito de solo" e que reconhece a nacionalidade pelo território onde se nasceu.

preferidas, dirigida a seus professores e amigos na escola, é a correção de como se pronuncia o seu nome em português, Cecília, colocando-os em dificuldade ao pronunciar seu nome devido ao fato de que, em italiano, a pronúncia da letra “c”, quando associada às vogais “e” e “i”, é muito diversa daquela em português. Deste modo, colocando em dificuldade aquelas pessoas, apresenta-lhes a possibilidade de uma ideia de múltiplo pertencimento, pois afirma com convicção o ser italiana, brasileira e ítalo-brasileira, evidenciando assim questões sociais de grande relevância na Itália hodierna, devido ao fato de que a presença estrangeira na Itália e de seus filhos é uma problemática muito discutida na atualidade.

“*Ecco*”<sup>7</sup>, eis alguns dos motivos implícitos, e agora também explícitos, que consubstanciam minhas experiências existenciais e, em certo modo, também a minha atividade político-acadêmica, num reconhecimento de que o meu “eu” faz parte das tramas sociais coletivas de tantos, ou melhor, do “nós”. Eu/nós que nas tramas sociais certamente produzem também subjetividades individuais, mas que, ao mesmo tempo, não podem se transformar em “realidade” intrapsíquica de um “eu dentro” sem o reconhecimento do mundo constituinte do “eu fora”. Dizendo de outro modo, os “eu/nós”, “psicológico/sociológico”, “resultado/resultante” não podem ser colocados em contradição uns com os outros, porque fazem parte do mesmo fenômeno complexo, mesmo quando didaticamente os separamos, e porque a tensão entre estes termos é frequentemente o motivo de uma produção acadêmica extensa e profícua. Tensão produtora de complexidades.

Como bem afirmou Eduardo A. Tomanik na Introdução de *Psicologia Social: desafios e Ações*, ao explicitar questões de fronteiras e conexões que a psicologia social tem por desafio em seu futuro:

Hoje percebemos que a realidade em que o ser humano vive é complexa. Assim, a compreensão e as tentativas de atuação diante desta realidade, seja em seus aspectos físicos, biológicos, sociais ou individuais, dependem da construção de corpos teóricos, de alternativas metodológicas e de propostas políticas capazes de abarcar, tanto quanto possível, e progressivamente, aquela complexidade. (TOMANIK, 2011, p. 3-4)

É ainda importante, sem o intento de uma análise quantitativa ou aprofundamento

---

<sup>7</sup> Palavra italiana utilizada para chamar atenção sobre o que foi dito em precedência, anunciando uma síntese de pensamento. Tr. MN.



estatístico, a observação da dimensão objetiva da presença imigratória italiana no Brasil, deste eu/nos “*oriundi*” em sua expressão numérica. Segundo estimativa da Embaixada da Itália no Brasil, o número dos descendentes de imigrantes italianos no Brasil é de cerca de trezentas mil pessoas com o passaporte italiano e cerca de 25 milhões espalhados por todo o território nacional, sendo que cerca de 50% destes vivem em São Paulo. *Oriundi* estes que são considerados, nas palavras da embaixada italiana: “*un patrimonio di inestimabile valore nella promozione dei rapporti bilaterali*”<sup>8</sup> (AMBASCIATA D’ITALIA IN BRASILE, S/D). Os ítalo-brasileiros, filhos, netos e bisnetos, são considerados a maior população de descendentes de italianos fora da Itália do mundo (COLLI, 2000). Tal perfil numérico evidencia a importância do tema da italianidade no Brasil sob a perspectiva histórica e demográfica, mas também ressalta a importância do tema sob uma perspectiva social e psicológica, pois toda esta gente, com seus filhos e netos, seguramente deu ao Brasil uma complexidade na compreensão da formação identitária.

---

<sup>8</sup> Um patrimônio de inestimável valor na promoção de relações bilaterais. Tr. MN.

## APRESENTAÇÃO

Feitos tais esclarecimentos, posso voltar ao uso estilístico protocolar da primeira pessoa do plural e, iniciarmos a tratar o desenvolvimento e o âmbito mais específico desta pesquisa sobre a construção das identidades culturais das segundas gerações, mais especificamente, dos filhos dos imigrantes italianos, que nesta dissertação denominaremos como “os filhos de Pedrinhas”, de Pedrinhas Paulista, cidade situada na região oeste do Estado de São Paulo.

Os filhos dos imigrantes, a chamada segunda geração, é tema privilegiado e fundamental para melhor compreendermos o processo da formação das identidades culturais. Estes filhos vivem pelo menos sob duas influências culturais de bases muito próximas: aquela da proveniência dos pais (dentro casa) e aquela de vivência atual (fora casa). Deste modo, os filhos dos imigrantes se constituem em um tipo de “*ius solis/sanguinis*” social psicológico simultâneo e que tem produzido o interesse da comunidade acadêmica, devido ao fato das migrações contemporâneas serem incomensuráveis em seus números e, conseqüentemente, as segundas gerações, os filhos dos imigrantes, aumentam assim os desafios do fenômeno do hibridismo cultural e das múltiplas pertenças identitárias que recaem sobre eles.

Nunca, ao longo da história, constataram-se tantas pessoas “deslocadas” de seus países de origem<sup>9</sup>, em um momento histórico complexo que, por um lado, pede a flexibilização das fronteiras nacionais, com a criação de grandes blocos unitários, como, por exemplo, a Comunidade Europeia, incentivando uma “identidade” europeia, porque interessada em seu potencial mercado comum e, por outro lado, enrijece fronteiras político-culturais, tentando impedir a livre circulação das pessoas, por exemplo, extra-europeias que desejariam imigrar para a Europa. Impedimentos que, nos países europeus, incide particularmente sobre aqueles provenientes das ex-colônias, portadores de características de identidade cultural herdadas dos antigos colonizadores e invasores, como por exemplo, a herança da língua colonial

---

<sup>9</sup> Segundo o “*Dossier Statistico Immigrazioni 2003*”, da CARITAS, no mundo temos 1 bilhão de migrantes, ou seja, de pessoas que vivem em uma região diferente daquele de nascimento. Destes, cerca de 200 milhões de migrantes são “*no national*”, ou seja, pessoas que vivem em país diferente daquele do nascimento, dos quais 30/40 milhões são irregulares e cerca 600/800 mil são vítimas de reatos.

frequentemente transformada em língua nacional mesmo depois da independência destes países dos “invasores” europeus, como por exemplo, o pequeno *Magreb* (Marrocos, Argélia e Tunísia) que certamente não é considerado expressão de uma cultura francesa por parte dos franceses, mesmo se a língua é a mesma. Questão esta muito complexa que evidencia o abuso das possíveis relações entre língua, cultura e identidade como questões lineares.

É neste contexto mundial, de filhos que nascem ou que vão viver fora dos países dos genitores, sem necessariamente uma escolha da parte deles, que pensamos a experiência vivida pelos “filhos de Pedrinhas” como um confronto no cotidiano entre, pelo menos, duas referências culturais do pensar e construir suas possíveis identidades. Experiência também de tantos outros que hoje vivem na mesma situação e que confere aos “filhos de Pedrinhas” um certo *know-how* histórico e social sobre o tema das segundas gerações. “*Know-how*” na perspectiva de descrever experiências narrativas que podem ser úteis nas construções quotidianas desta temática, mas sem a pretensão de ser um discurso de constituição estrutural sobre o tema com sentido de universalidade. Os “filhos de Pedrinhas” têm muito a dizer sobre a questão do “estar entre” e se constituírem a partir disto.

A legitimidade em tomar os habitantes de Pedrinhas para analisar e discutir questões de identidade na imigração reside no fato histórico de ser aquela uma cidade que nasce italiana em um projeto de cooperativismo internacional entre a Itália e o Brasil e que produz muitos filhos, a nossa segunda geração, eleita como participante da nossa pesquisa. A pequena cidade de Pedrinhas Paulista porta traços marcantes dos seus pioneiros, em uma evidente construção de uma memória da italianidade, bem como fortes traços de sua brasilidade. É em razão disso que tentamos penetrar no universo de Pedrinhas movidos por indagações tais como: o que ocorreu na realidade social dessa pequena colônia de imigrantes com os filhos brasileiros, ou melhor, ítalo-brasileiros destes italianos? Qual foi a vivência da dupla cidadania afetivo-territorial? Como se constituiu e, mais importante, o que promoveu o duplo senso de pertencimento nas subjetivações destas pessoas? O que podemos considerar desta constituição em relação à ideia de cultura, identidade e seus processos formativos?

Para tanto, inicialmente, no Mestrado da Universidade Estadual Paulista, *campus* de Assis, cursamos disciplinas, tais como: “Pesquisa Qualitativa em Psicologia”, “Metodologia de Pesquisa em Psicologia”, “Narrativas do Exílio” e, posteriormente, na Universidade de Bologna,

“*Le frontiere della Cittadinanza*”<sup>10</sup>, ministrada pelo professor Sandro Mezzadra, que conjuntamente nos deram um grande auxílio na desenvolvimento desta dissertação. De modo especial, destaco os encontros com nosso orientador, Jose Sterza Justo, oferecendo-nos leituras e possibilidades de pensar os capítulos a desenvolver. Também foram muito valiosos os encontros com o professor Sandro Mezzadra, autor de *Diritto di Fuga, Migrazioni, Cittadinanza*<sup>11</sup>, traduzido para o português no início de 2012, pela editora universitária portuguesa Unipop, com o título *Direito de Fuga*, que nos proporcionaram válidas leituras sobre a subjetividade histórica dos movimentos migratórios tomados como movimentos sociais produtores e protagonistas de novos comportamentos sociais. Elementos estes que reforçaram a própria ideia do questionamento identitário sobre a ótica mais de uma prospectiva futura do que de uma perspectiva exclusivamente teórico-histórica. Em outras palavras, esta dissertação poderia ser compreendida também sobre o mesmo signo de uma “Ítalo-brasilidade”, constituída e constituinte em continuo movimento em direção a algo que não é nem delimitado pela ideia da cultura italiana e nem por aquela brasileira.

Assim, com estes encontros e leituras feitos e norteados pelas discussões e polêmicas atuais em torno dos conceitos de identidade e de cultura e as afirmações deles provenientes como culturalismo, interculturalismo, multiculturalismo e até mesmo da negação da ideia de uma identidade cultural rígida ou sinônimo de nacional, demos início ao desenvolvimento do objetivo central da presente dissertação, que é a análise da formação da identidade cultural em filhos de imigrantes italianos na cidade de Pedrinhas Paulista, os “filhos de Pedrinhas”, particularmente no que diz respeito às referências à cultura dos pais/país de origem e às referências à cultura brasileira.

Para podermos transitar por questões muito extensas e complexas, cultura/culturas e a ideia de identidade/identidades, de modo a favorecer o diálogo e a reflexão, escolhemos como diretrizes metodológicas os paradigmas da ciência pós-moderna, a pesquisa qualitativa, a perspectiva da psicologia social construcionista, em consideração a algumas proposições de Berger & Luckmann (1974), Kenneth Gergen (1989), e, em nosso círculo acadêmico mais próximo, de Mary Jane Spink (1999). Consideramos também, no nosso referencial teórico-

---

<sup>10</sup> “As Fronteiras da Cidadania”. Tr. MN.

<sup>11</sup> “Direito de Fuga, Migrações e Cidadania. Tr. MN.

metodológico, os estudos culturais, “*Cultural Studies*”, ou a chamada “pós-disciplina”, em particular modo, a obra de Stuart Hall (2006). Estas escolhas se devem ao reconhecimento teórico de que a construção do conhecimento é sempre objetiva/subjetiva e deve ser colocada na situação histórica na qual é elaborada com a participação concreta de seus protagonistas. Nessa perspectiva, as formações identitárias dos filhos de imigrantes foram tomadas como socialmente construídas nas práticas cotidianas nas quais a produção de sentido assume um papel central. Assim, foram apreendidos os núcleos ou formações identitárias resultantes dos sentidos que emergem nos relacionamentos cotidianos de sujeitos para os quais foram veiculados referentes de culturas distintas, que se colocaram para o filho de imigrantes como possibilidades de processo de identificação.

No rastreamento da cotidianidade dos filhos de imigrantes, foram utilizados procedimentos consagrados na etnografia, tal como propõem Sato & Souza (2007) para pesquisas no campo da psicologia. Pautado pela orientação etnográfica, o trabalho de campo foi realizado mediante visitas, vivências e participação em situações típicas do lugar em que vivem os sujeitos da pesquisa. Privilegiamos situações coletivas, como conversas em pequenos grupos, porém foram realizadas também entrevistas semidirigidas individuais, compostas de um roteiro mínimo de indagação de matrizes de identificação, com o interesse de apreender narrativas de experiências da vivência do duplo contato com as ideias/vivências relacionadas às culturas italiana e brasileira e as decorrências destas experiências.

Nosso contato inicial com a cidade foi realizado com a intermediação dos professores locais de língua italiana, que mantêm estreitos vínculos com a comunidade, onde nós mesmos fizemos parte do grupo de professores de língua italiana destinada a crianças. O nosso acesso à comunidade, antes de iniciarmos os encontros e as entrevistas, foi como professor de italiano. Deste modo conseguimos garantir socialmente uma inserção diferenciada na vida quotidiana da cidade no sentido de que as nossas “andanças” e os nossos “bate-papos” pelas praças da cidade, na biblioteca, no bar e nas casas de várias pessoas acabaram por nos colocar bem próximos à maneira de se viver naquele lugar. Frequentemente a língua utilizada para as relações sociais foi a língua italiana, inclusive com parte da comunidade brasileira sem proveniência italiana, mas que se interessa por esta língua e por suas construções culturais.

Especificando, as visitas iniciais foram destinadas à nossa apresentação pessoal pelo coordenador dos professores de língua italiana e ao mapeamento dos lugares de confluência da comunidade frequentados habitualmente. Lugares identificados para posteriores observações, entrevistas e promoção de interlocuções sobre a experiência de ser filho de segunda geração dos imigrantes. De antemão, sabíamos da existência de escolas, mantidas pela prefeitura municipal, com cursos de ensino da língua italiana para jovens e adultos; uma associação de moradores; um centro cultural destinado a manter as tradições da cultura italiana, um museu da imigração da história local com fotografias e objetos, um clube de lazer. Todos estes ambientes foram utilizados como pontos de contato com os participantes para a observação do cotidiano.

Os instrumentos foram aqueles das observações ativas de campo, frequentando e participando dos lugares de significação nos quais a cidade vive e produz os seus contextos, como por exemplo, as praças e os monumentos, por meio de diálogos e debates com grupos de participantes formados por homens e mulheres, de qualquer idade, residentes no núcleo urbano ou na zona rural, que no caso de Pedrinhas são muito próximos. Foi respeitada a condição de que a maior parte de nossos interlocutores fossem filhos de imigrantes, ou seja, a segunda geração. Foram realizadas também entrevistas individuais com aqueles que se mostraram interessados em narrar as vicissitudes da ítalo-brasilidade após aproximadamente três meses de permanência na cidade.

Estas entrevistas, em um total de quatro, com uma duração média de cerca de uma hora e trinta minutos, foram gravadas em fitas magnéticas e transcritas posteriormente na íntegra de seus conteúdos com o consenso dos participantes e com o encargo de manutenção do anonimato e da privacidade. Para tanto, na descrição destas e em todas as referências presentes nesta dissertação, foram utilizados nomes fictícios. As entrevistas foram utilizadas como possibilidade de entrar em contato com conteúdos de experiências dos envolvidos com a intenção de construir uma narrativa do modo como estes afrontaram e afrontam a condição de filhos de estrangeiros no Brasil em suas múltiplas questões. O ambiente e as falas dos participantes nos fez lembrar um trecho de Bachelard em sua obra *A poética do espaço*:

Toda pessoa deveria falar então de suas estradas, de suas encruzilhadas, de seus bancos. Toda pessoa deveria fazer o cadastro de seus campos perdidos [...] Abrangemos assim o universo dos nossos desenhos vividos. Este desenho não precisa ser exato. Basta que

sejam tonalizados no mesmo modo do nosso espaço interior. (BACHELARD, 1989, p. 31).

Portanto, as entrevistas foram realizadas em ambientes da nossa frequência habitual e em modo semidiretivo, mediante perguntas e questões muito breves, propostas sem a pretensão de um discurso necessariamente esclarecedor/revelador sem contradições. O ponto central, já declarado, era aquele de falar um pouco da vida em Pedrinhas como filho de italianos imigrantes, de modo que as questões da dupla nacionalidade e do sentir-se italiano ou brasileiro fossem o foco de nossa construção linguística/afetiva independentemente da obtenção da dupla cidadania jurídica. Questão esta que se desenvolveu em torno a duas perguntas centrais: 1. Você se sente mais brasileiro ou italiano? 2. O que é ser italiano ou brasileiro? Assim, ao invés de obtermos respostas baseadas em estereotípias, pudemos, através do próprio ato de perguntar/questionar, verificar a construção de pensamentos sobre o que significa esta construção de pertencimentos.

Um dos objetivos dessa concretização foi a ideia de usarmos as próprias entrevistas como meio de interação e relacionamento com as pessoas envolvidas, o chamado contexto, que por si mesmo já fazia parte de nossa produção de “texto”. Sinônimo de narração e relação social na perspectiva de uma prática social não mediadora simplesmente, mas principalmente criadora, como bem afirmou Benedito Medrado na complexa empreitada de definir o que é psicologia social:

Devemos construir constantemente leituras e fazeres ou simplesmente práticas discursivas que sejam implicadas, implicantes e impertinentes; nas quais *linguagem* seja entendida não como mediação entre pensamento e ação, mas como uma prática social que produz efeitos. Ao mesmo tempo, essa leitura se interessa não somente pela forma como as pessoas “pensam” ou representam o mundo ou como essas pessoas produzem sentidos em suas vidas, mas especialmente sobre as condições de possibilidades de produção de sentidos na vida cotidiana [...] (MEDRADO, 2011, p. 7-8).

O material foi analisado, inicialmente, a partir de uma leitura flutuante e, posteriormente, foram pensadas algumas questões recorrentes e outras de diferenciação que, no capítulo V, serão denominadas por: “Lugaesr-comuns e outros lugares”. Assim, colocamos em evidência temáticas que permitiram a identificação das múltiplas referências identitárias que se remetem à ideia da cultura italiana, outras que se remetem à ideia da cultura brasileira e outras, ainda, que realizam

uma mixagem entre ambas e que nos permitem apreender relações entre elas e o objetivo central de nossa dissertação: a formação da identidade cultural dos “filhos de Pedrinhas”.

Desta maneira, a nossa dissertação é organizada em capítulos articulados entre si, nos quais, inicialmente, temos um prólogo pessoal de justificação do tema psicológico/sociológico e esta apresentação, seguida de capítulos mais específicos.

No capítulo I, referimo-nos às nossas considerações metodológicas – fundamentais para compreendermos o modo em que foi desenvolvida a temática da identidade cultural nas segundas gerações –, nas quais primeiro fazemos algumas afirmações gerais do porquê de um método e do porquê de nossa escolha pela psicologia social construcionista e os estudos culturais como fundamentos ontológicos e epistemológicos de nossa dissertação, declaradamente comprometida de modo pessoal com seu tema. Depois, passamos a especificar melhor estas duas vertentes do pensamento contemporâneo e a delinear elementos de nosso mundo atual.

No capítulo II, começamos a tratar mais precisamente das questões migratórias, de ontem e de hoje, numa declarada preocupação de evidenciar que as migrações atuais são diferentes das anteriores. Adentramos também nas especificidades da cidade de Pedrinhas, cidade de uma colonização planejada pelo Brasil conjuntamente com as autoridades italianas, aonde italianos de várias regiões da Itália, que denominaremos como os “pais” de Pedrinhas, chegaram no Brasil para a realização de uma colônia agrícola e ali fizeram suas casas e suas existências. Posteriormente, penetramos, em modo experiencial, na cidade de Pedrinhas através das nossas impressões do cotidiano, ao vivenciar a cidade, e falamos um pouco *dei vecchi*<sup>12</sup>.

Nos capítulo III, examinamos a ideia, ou melhor, as ideias sobre a formação das culturas através da origem etimológica da palavra cultura e através de um breve histórico do desenvolvimento das ideias sobre cultura, evidenciando, em particular, os acréscimos feitos pela antropologia a partir da segunda metade do século XVIII e seus desdobramentos. Posteriormente, avaliamos os “ismos” derivados de tantas perspectivas sobre a cultura: multiculturalismo, interculturalismo e transculturalismo.

No capítulo IV, consideramos a formação das possíveis identidades em suas pluralidades, entretanto, aprofundando o nosso interesse na compreensão da formação identitária no âmbito de

---

<sup>12</sup> Dos velhos. Tr. MN. Assim denominados pelos filhos quando falam de seus pais e da experiência italiana em Pedrinhas.



diversas leituras sociológicas. Reafirmamos o nosso interesse na perspectiva de uma compreensão dos eventos sociais em modo coletivo, sem buscar no intrapsíquico respostas as nossas indagações.

No capítulo V, tratamos dos filhos de Pedrinhas, ou seja, a nossa segunda geração com uma breve apresentação de nossos protagonistas, com nomes fictícios, e das narrativas observadas e elaboradas em relações sociais significativas durante a nossa estadia ali. Neste capítulo pensamos sobre as narrativas das entrevistas e o tipo de identidade cultural que estas nos levam a considerar, seja de reafirmação das estereotípias que denominamos “lugares-comuns”, seja na criação de “outros lugares” de habitação de uma nova italianidade. Concluindo que os nossos filhos de Pedrinhas hoje estão construindo uma identidade cultural muito diversa daquela de seus pais. Contudo, as duas são construções de uma ideia de italianidade.

Elaboramos nossas considerações finais, organizadas como uma síntese de todo o nosso percurso humano e acadêmico em companhia dos filhos de Pedrinhas; um reconhecimento de nossos limites nessa relação pessoal/profissional metodologicamente e declaradamente comprometida, no sentido de que somos conscientes de nosso estado de narradores internos ao texto narrado e, por fim, com uma aspiração: desejo de mais italianidade, todavia não a reprodução de uma suposta forma única de italianidade, e sim uma outra italianidade, ou melhor, italianidades possíveis.

## CAPÍTULO I – APONTAMENTOS METODOLOGICOS

### 1.1. Considerações Gerais

Para iniciarmos a nossa explicação sobre o método utilizado no desenvolvimento de nossa dissertação, destacamos a forma como interpretamos este argumento e a nossa visão de mundo no mundo.

A metodologia é fundamental para qualquer pessoa disposta a investigar determinados aspectos da vida humana, uma característica particular de uma pessoa, um processo coletivo ou a construção de um plano de ação pragmática numa realidade qualquer. É primordial a utilização explícita de um método no desenvolvimento de uma pesquisa mas sem desconsiderar a consciência do pesquisador do porquê histórico-existencial da escolha daquele método ao invés de um outro, para que o método como instrumento de pesquisa não se transforme quase que no objetivo da mesma. Como afirmou Eduardo Tomanik, em seu livro *O Olhar no Espelho, Conversas sobre a pesquisa em Ciências Sociais*, “[...] os métodos não são apenas formas de avaliar afirmações, mas também caminhos para se chegar a estas afirmações” (TOMANIK, 2004, p.20). É exatamente a este caminho percorrido, com consciência do que desejávamos construir, que intendemos precisar em nossas considerações gerais.

Mas o que é o método? O que queremos dizer com o método em nosso trabalho? Esta questão, que foi central para o nascimento do mundo moderno em oposição ao mundo medieval, na luta entre ciência e religião, estabeleceu o método como o instrumento privilegiado de oposição ao poder da época, que era baseado na hierarquia da monarquia e do misticismo religioso. O método, através de evidência empírica com base na avaliação objetiva dos eventos, coloca em questão o conhecimento e o poder místico da igreja e dos próprios reis como herdeiros divino ao trono. Assim, com o nascimento do método, criaram-se as condições para o nascimento do mundo moderno, onde o poder passa do misticismo religioso da igreja ao poder temporal dos burgueses e universidades que nasceriam e dariam apoio a estes acontecimentos:

Não é a ciência sozinha que fará toda esta revolução, na mente ocidental. Ela é tão somente parte de um conjunto de mudanças sociais, políticas, econômicas, culturais e da subjetividade que dará forma a toda uma reformulação da civilização, tão significativa que os periodistas não tiveram dúvida em considerá-la uma nova era: a era moderna. No arsenal da vanguarda modernizadora, a razão e o conhecimento científico representam o ariete demolidor da superestrutura do antigo regime. (JUSTO, 2007, p. 8).

Um dos problemas maiores do método utilizado pela ciência moderna, ainda hoje, para muitos sinônimo de paradigma científico, é não considerar a "subjetividade do sujeito" que faz ciência. Ou seja, como o paradigma do método moderno foi a criação de um método de observação da realidade objetiva, o sujeito tinha que ser desprovida de intencionalidade. Por longo tempo se pensou que a condição de liberdade e de desenvolvimento humano seria alcançada pela racionalidade do método científico.

Eric J. Hobsbawm, historiador e ensaísta britânico de tradição marxista, em *“The Short Century: 1914-1991”* (HOBSBAWM, 2003), analisou os pontos históricos de viragem do século XX, dividindo-os em três grupos etários: idade da catástrofe, da Primeira Guerra Mundial à Segunda; a idade de ouro, com o colonialismo, o crescimento da economia e da confiança no progresso humano; e por fim a idade da crise, com a queda do Muro de Berlim, o fim da Guerra Fria e das ideologias políticas totalitárias, que deram início ao fim do mundo maniqueísta substituído pela ideia da complexidade, inclusive na ciência. Este "século breve", assim chamado pela extrema velocidade dos acontecimentos neste século, que o diferencia de toda a precedente história da humanidade, insere no homem a ideia de que o tempo lhe foge ao domínio e controle. O mundo se torna grande demais para o homem.

Hermínio Martins, economista sul-Africano da Universidade de Oxford e Coimbra, no ensaio “A tecnologia, a modernidade e a política”, (MARTINS, 1996) analisa duas tradições diferentes do pensamento ocidental sobre a técnica: a tradição de Prometeu, que representa uma visão de natureza técnica para fins humanos e para o bem da humanidade, e a tradição de Fausto, como uma crítica da visão prometeica e que separa a técnica de qualquer objetivo humano e suas expressões. Como afirmou o filósofo italiano Umberto Galimberti, da Universidade Ca'Foscari de Veneza, em seu livro *“Il gioco dell'opinioni”*:

La scienza non è neutra, perché crea un mondo con determinate caratteristiche che noi non possiamo evitare di abitare e, abitando, finire col contrarre abiti e abitudini. La

scienza è il nostro mondo. Non siamo esseri immatricolati ed estranei, gente che talvolta si serve della scienza e di quella sua anima che è la tecnica. Noi abitiamo già in un mondo scientificamente e tecnicamente organizzato. Quindi, la scienza non è oggetto della nostra scelta, ma il nostro ambiente.<sup>13</sup> (GALIMBERTI, 1989, p.265)

No atual momento histórico, onde a técnica se tornou um meio para qualquer coisa e condição universal para alcançar qualquer objetivo, ela mesma se tornou o primeiro objetivo. E a metodologia, como seu instrumento técnico preferido, afirma ser capaz de separar o sujeito de seu objeto de pesquisa.

Feyerabend, conhecido sociólogo austríaco, em seu livro mais famoso e controverso, *Contro il metodo. Abbozzo di una teoria anarchica della conoscenza*<sup>14</sup> (FEYERABEND, 2002), publicado originalmente em 1975, põe luz sobre a dimensão temporal, dinâmica e multi-perspectiva do conhecimento na aceção de que a própria construção histórica comporta mudanças de princípios, de método e de objetivos. Propõe, assim, um modelo em que o sujeito seja também o objeto, e vice-versa, a partir de uma perspectiva anarquista da ciência. Propõe um método que não seja estritamente técnico, mas, sobretudo, uma reflexão que incida sobre ética e política. Ou seja, os fatos são dependentes das teorias que os explicam dentro das quais as sentenças enunciadas são julgadas sensatas *a priori*, do mesmo modo, também a pesquisa científica é guiada por esses componentes histórico-cultural, prático, social e ideológico. São interesses reais a delinearem a estrada do avanço científico e não os abstratos ditames teóricos.

Assim, consideramos relevante, em nossa dissertação, o pressuposto de que a ontologia (termo que deriva do grego *οντος*, ser; e da *λόγος*, discurso) e a epistemologia (termo que deriva do grego *επιστήμη*, estabelecer, pôr; e da *λόγος*, discurso) (TRECCANI, *On-line*) são dois elementos intrinsecamente ligados entre si na construção de um discurso de existência e conhecimento científico onde "sujeito/objeto" são inseparáveis, constituídos e constituintes em modo dialético. Para o desenvolvimento de nossa pesquisa, nós consideramos como um de nossos fundamentos o paradigma da ciência pós-moderna do qual, seja a psicologia social construcionista seja os estudos culturais, embora não sejam sinónimos, fazem parte, ao não

---

<sup>13</sup> A ciência não é neutra, porque cria um mundo com certas características, onde nós não podemos evitar de estar e viver e, habitando neste, contrair atitudes. A ciência é o nosso mundo. Não somos seres alienígenas, pessoas que às vezes usam a ciência e sua alma que é a técnica. Nós vivemos em um mundo scientificamente e tecnicamente organizado. Assim, a ciência não é o tema de nossa escolha, mas o nosso meio ambiente. Tr. MN.

<sup>14</sup> Contra o método. Esboço de uma teoria anárquica do conhecimento. Tr. MN.

procurarem estruturas já pré-estabelecidas ou a isenção do sujeito em seus processos de se assujeitar.

No passado, o contexto histórico-cultural de luta contra o poder religioso influenciou o surgimento de uma hermenêutica técnico-científica, mas hoje o contexto é diverso e exige novas formas de produção de conhecimento científico. A consciente relação intencional do sujeito com o seu objeto na certeza de que se é ao mesmo tempo sujeito/objeto foi o nosso ponto central do desenvolvimento de nossa dissertação na escolha de uma metodologia de produção de conhecimento concordante com as nossas convicções político-sociais de uma narrativa produtora de outras possibilidades. Em outras palavras, em nossa construção de uma pesquisa, consideramos que a nossa atividade profissional se define melhor como uma atividade prático-política ao invés de racional-técnica.

## **1.2. O Construcionismo Social**

A teoria do construcionismo social refere-se a um movimento iniciado nos anos 80, no âmbito das ciências humanas e sociais, tendo como expositores principais Gergen, Harré, Pearce, Shotter e outros. É uma teoria que pode ser definida como uma perspectiva de observação, análise e ação sobre a realidade que se baseia em uma visão sócio-histórica do mundo, negando qualquer essência aos fenômenos sociais, rejeitando conceitos universais, considerando-os respostas simplistas para problemas complexos dos homens em sociedade. Ou seja, não existe uma essência nos fatos humanos próprios porque eles são criados no contexto de suas iterações. Isto significa que os fenômenos sociais são problematizados "[...] pesquisando suas origens, seus processos, a produção de seus efeitos, seus beneficiários, o que envolve e por isso aparece em determinados momentos e não outros" (IÑIGUEZ, 2004, p.127).

É uma epistemologia sócio-histórica em conflito com as interpretações de uma visão de mundo *a priori*, que buscam a naturalização dos fenômenos sociais, através da definição de objetos como algo pronto para observar e descrever. O construcionismo social, historicamente ligado ao pós-estruturalismo e às concepções pós-modernas do mundo, está intrinsecamente associado à autorreflexão de significados e sentidos existentes nos discursos, sejam eles simples

ou complexos, científicos ou do quotidiano, em uma realidade fragmentada, difusa e complexa.

É uma possibilidade epistemológica que vai do contexto ao texto e não o contrário. Ou seja, o conhecimento do mundo não é o produto da construção de indução, ou de testes empíricos de hipóteses baseadas na observação neutra independente do sujeito do conhecimento e da comunidade da qual faz parte. O construcionismo social é uma mudança de paradigma da epistemologia experiência/experimento para a epistemologia social, onde os processos comuns são prioritários sobre todos os aspectos na construção do conhecimento. É uma visão sociológica do empreendimento científico:

The degree to which a given form of understanding prevails or is sustained across time is not fundamentally dependent on the empiric validity of the perspective in question, but on the vicissitudes of social processes (e.g., communication, negotiation, conflict, rhetoric)<sup>15</sup>. (GERGEN, 1985, p. 268)

Convém enfatizar que o construcionismo social não deve ser confundido com o construtivismo que, embora aceitando a ideia de que são as pessoas que constroem e criam a realidade, se baseia em pressupostos teóricos bem diferentes. Se o construtivismo tem os seus fundamentos baseados nas características biológicas e fisiológicas da percepção individual, colocando o foco nestas, o construcionismo social, diversamente, tem o seu fundamento em uma filosofia de comunidade que concentra a atenção sobre o grupo e a interação entre os seus membros por meio de processos diários de existência social. Ou seja, ele está centrado nos processos quotidianos onde as pessoas falam, interagem com os diferentes modos de comunicação, percebem e experimentam, não de acordo com o papel social, que é um termo que ainda remete à ideia de essência, mas de acordo com suas posições no mundo naquele momento. Questão que oferece margem a múltiplas e paradoxais situações quotidianas, além de incluir a capacidade dinâmica de transformação que as pessoas têm.

É através das atividades simbólicas que os sujeitos descrevem, explicam, reproduzem, reelaboram e entram a contato uns com os outros, num processo de compreensão do mundo em que vivem por meio de uma atividade considerada como um discurso social de conhecimento

---

<sup>15</sup> O grau em que uma certa forma de compreensão prevalece ou se sustenta ao longo do tempo não depende fundamentalmente da validade empírica da perspectiva em questão, mas a partir das vicissitudes dos processos sociais (ex. comunicação, negociação, conflito e retórica). Tr. MN.

epistemológico. A prática discursiva conduz ao conjunto das práticas significativas produzidas na materialidade social, a partir da ideia de identidade, em um sistema que funda as forças e contra forças sociais em um processo contínuo. Eis porque os discursos não podem ser considerados apenas representativos, mas sim projetivos e produtores na construção social.

Il linguaggio è essenzialmente un'attività condivisa, poiché tutte le attività umane si realizzano sulla base della comunità. Questo si produce nella relazione faccia a faccia, l'altro mi si presenta in un presente vissuto che entrambi condividiamo. Il risultato è l'intercambio continuo tra la mia espressività e la sua.<sup>16</sup> (BERGER & LUCKMANN, 1974, p. 42)

Construir um tema não é somente discorrer sobre este e sim criar novas possibilidades sociais de representação. Em nosso caso, no estudo das identidades culturais nas segundas gerações, os discursos e encontros realizados com os “filhos de Pedrinhas” produziram ainda mais italianização.

Este novo paradigma não é uma criação feita do nada, é sim uma resposta às mudanças nas condições do mundo contemporâneo, “[...] O construcionismo social é uma forma de abordar as circunstâncias em constante mudança em que vivemos” (SCHNITMAN, 1996, p. 182). Desta forma, o construcionismo centra a sua atenção nos processos, defendendo a compreensão humana a partir da condição relacional e diligente às práticas discursivas como a base da construção do conhecimento. O mundo interior, neste caso, não é um reflexo dos processos presentes da psique individual visto que é desenvolvido na ação “[...] conjunta como um processo social e linguístico nas contingências através da criatividade das interações humanas, pois essa é resultado e resultante das relações sociais” (SHOTTER, 1987).

Na perspectiva da hermenêutica do construcionismo social, o conhecimento só pode ser entendido quando se considera o contexto no qual ele é produzido, ou seja, o conhecimento é constituído dentro de circunstâncias e em modo coletivo com seus personagens. A realidade dos sujeitos se constitui em uma visão sistêmica e dinâmica onde as dicotomias dentro/fora, sujeito/objeto são abolidas. O ser humano, como ser gregário, deve ser pensado como constituído

---

<sup>16</sup> A língua é essencialmente uma atividade partilhada, uma vez que todas as atividades humanas são realizadas com base na comunidade. Isto se produz na relação face a face, o outro apresenta-se a mim em uma experiência presente que ambos partilham. O resultado é o constante intercâmbio entre a minha e sua expressividade. Tr. MN.

ao interno das interações sociais, que são o lugar central da ação e da interpretação do mundo ao seu redor. De fato, é através da interação que as pessoas podem transformar seus significados subjetivos em objetivo, dando sentido à realidade e processos constituintes.

Vejamos alguns conceitos-chave da teoria do construcionismo social que são pertinentes ao nosso tema de dissertação, seja como conceito ou como instrumento concreto de ação. Um primeiro conceito-chave é a ideia de "constructo", ou seja, a ideia de que somos nós a construirmos a realidade em modo pragmático na vida quotidiana e que o nosso conhecimento não é um reflexo objetivo da realidade que nos rodeia, mas uma invenção que captura nossas experiências, percepções e pensamentos em sociedade.

Um segundo conceito é a ideia de definição "social" do lugar onde as obras do constructo, através da interação social entre nós e o outro/outros, em que as representações podem ser partilhadas e permitem-nos estar em grupo dentro da nossa história e cultura, visto que o nosso conhecimento se realiza envolvendo a negociação de significados dinâmicos dentro de um determinado contexto local e tempo.

Um terceiro conceito é aquele da "linguagem", pois que se o nosso conhecimento é o resultado das negociações colocadas em jogo pela interação, a linguagem é “[...] a condição do nosso pensamento, ao mesmo tempo que é um meio para representar o realidade” (IBAÑEZ, 1994, p.46). O viver em sociedade é mediado através da linguagem que torna-se um fator crucial neste processo porque produzimos significação para descrever os eventos que se tornam, além de representações, também um fator de projeção, ou seja, explicam e produzem. Linguagem que, em relação as trocas sócias que ela solicita, se apresenta na forma de discurso dialético entre o eu e o outro em um conjunto de enunciados endereçados a alguém e situado em um meio social em um processo de ser constituído constituindo ao mesmo tempo.

A linguagem como um veículo fundamental de expressão dos conteúdos significativos dos sujeitos nos oferece a possibilidade de compreender também os círculos de sua interação. Assim, o discurso é um dos elementos fundamentais deste circulo de interação e passa a ser entendido como o conjunto linguístico que estimula e sustenta as relações sociais, tornando-se “[...] um dos instrumentos fundamentais para construir novas prospectivas de intercâmbio com a linguagem, onde as manifestações de poder e conhecimento se manifestam” (FOUCAULT, 1977, p.32).



Em resumo, o construcionismo social focaliza sua atenção sobre a criação de significados, na existência, no seu aprofundamento e localização no universo compartilhado, no coletivo. Gergen, um dos principais expoentes do construcionismo social, sintetizou que: "é o intercâmbio entre os homens que constitui a capacidade de dar significado à linguagem, e isso deve ser considerado o cerne da questão" (GERGEN, 1994, p. 264). A realização do conhecimento, da construção de um saber, é o resultado de uma composição compartilhada por diferentes indivíduos. O homem não deve ser considerado aprioristicamente em relação ao mundo, mas como parte do mundo.

### **1.3. Os estudos culturais**

Somos imersos no mundo que nos rodeia. Trabalho, família, estudos, amigos, amores, mídia, televisão, internet, guerras, doenças, símbolos, mitos, poesia etc. As nossas experiências culturais, sejam as coletivas ou as mais singulares de nossa existência, são realizadas no mundo, ou seja, é em nosso "contexto" que fazemos o nosso "texto", identidade, o nosso senso de indivíduo, de "raça/etnia", masculino/feminino etc. É desse modo que formamos a nossa visão de mundo e de nós mesmos.

Os Estudos Culturais colocam em questão o modo de produzir este conhecimento cultural sobre nós mesmos enquanto "indivíduos" em "sociedade". Esta produção deveria acompanhar os novos modos de recepção, transmissão e criação de formas de subjetividades identitárias, em outras palavras, deveriam ser contextualizadas. A teoria não pode ser antecedente ao seu objeto, eis um dos motivos de os "*Cultural Studies*" serem denominados pós-disciplina.

A professora Heloisa Buarque de Holanda, coordenadora do Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, ao especificar os objetivos de estudo deste centro de pós-graduação, sintetizou muito eficazmente o que poderia ser uma primeira definição dos "Estudos Culturais", ressaltando a importância crescente deste campo de pesquisa emergente:

[...] procura responder à necessidade de reavaliação dos referenciais teórico-metodológicos tradicionais da pesquisa sobre cultura, definindo novos objetos e campos de análise e interpretação capazes de dar conta da crescente complexidade das sociedades nacionais, bem como das formações supranacionais que marcam a lógica das relações culturais e econômicas do mundo contemporâneo. [...] A trajetória deste campo de pesquisa – Os Estudos Culturais – sinaliza a sua definição como projeto transnacional de reflexão sobre as transformações globais em curso de seu impacto sobre o horizonte de novos paradigmas sócio-culturais (PACC, 2012).

Na realidade, este “novo paradigma” não é tão novo assim. Desde 1958, estes estudos começam a surgir nos trabalhos de Richard Hoggart e Raymond Williams, fundadores da *Birmingham Center for Contemporary Cultural Studies*, que, voltado para as implicações das desigualdades sociais, desenvolveram uma série de métodos críticos de análise e interpretação da produção cultural. A partir das décadas de 60 e 70 e das lutas sociais que se estabeleceram na Europa, o grupo de Birmingham iniciou uma série de estudos voltados à compreensão das representações sociais, ideologias de classe, raças, nacionalidades e dos efeitos da mídia na cultura enquanto uma grande “formadora/deformadora” do mundo e de um conhecimento “*mainstream*”<sup>17</sup> em contraposição às subculturas:

Through studies of youth subcultures, British cultural studies demonstrated how culture came to constitute distinct forms of identity and group membership. For cultural studies, media culture provides the materials for constructing views of the world, behavior, and even identities. Those who uncritically follow the dictates of media culture tend to “mainstream” themselves, conforming to the dominant fashion, values, and behavior. Yet cultural studies is also interested in how subcultural groups and individuals resist dominant forms of culture and identity, creating their own style and identities. Those who obey ruling dress and fashion codes, behavior, and political ideologies thus produce their identities within mainstream group, as members of specific social groupings (such as white, middle-class conservative Americans). Persons who identify with subcultures, like punk culture, or black nationalist subcultures, look and act differently from those in the mainstream, and thus create oppositional identities, defining themselves against standard models.<sup>18</sup> (KELLNER, Douglas. 2006, p.2).

<sup>17</sup> “*Mainstream*”, ou seja, uma tendência dominante seguida pela maioria das pessoas. Este termo é utilizado pelos “*Cultural Studies*” para especificar um pensamento dominante em contraposição às culturas minoritárias.

<sup>18</sup> Através do estudo da sub cultura juvenil, os estudos culturais britânicos demonstraram como a cultura veio constituir formas diferentes de identidade e de sentimento de pertencer a um grupo. Para os estudos culturais, a cultura da mídia fornece os materiais para a construção do mundo, dos comportamentos e também da identidade. Aqueles que seguem acriticamente os ditames da cultura da mídia tendem ao *mainstream* conforme a moda dominante, os valores e os comportamentos. Ainda assim, os estudos culturais são interessados em como grupos de sub cultura e os indivíduos resistem a formas dominantes de cultura e de identidade, criando um estilo e identidade próprios. Aqueles que obedecem aos códigos modelos padrão para vestir-se e para a moda, comportamentos e ideologias políticas, assim, produzem suas identidades dentro do grupo *mainstream*, como membros de determinados grupos sociais (como brancos, de classe média norte-americanos conservadores). As pessoas que se identificam com subculturas, como a

Os Estudos Culturais insistem sobre o fato que as culturas devem ser estudadas no contexto das relações sociais e do próprio sistema onde é produzida e consumida, sendo assim, extremamente ligada aos estudos sociais, à política e à economia, produzindo instrumentos que nos permitem ler e interpretar com maior criticidade nossa própria cultura sem distinção entre “alta” e “baixa” cultura ou “acadêmica” e “popular”.

Uma outra dimensão importante dos Estudos Culturais é o seu comprometimento político com seus objetos de estudo, procurando criar uma certa “resistência” contra os conhecimentos “*mainstream*” das categorias consideradas subalternas de sexo, raça, nações, culturas etc. Sua distinção em relação aos estudos acadêmicos objetivos e apolíticos sobre a cultura e a sociedade é notória, visto que é uma teoria de produção sociocultural declaradamente engajada na busca de processos emancipatórios por parte das chamadas culturas subalternas. Não é por acaso que os Estudos Culturais se ocuparam de temáticas sociais sempre muito contemporâneas como, por exemplo, o que interessa à nossa dissertação, os processos das diferenças e das identificações culturais através da categoria “multicultural” como algo heterogêneo, “não branco”, em combate a teorias “*mainstream*”, sinônimas de homogêneo, “branco”:

Because of its focus on representations of race, gender, and class, and its critique of ideologies that promote various forms of oppression, cultural studies lends itself to a multiculturalist program that demonstrates how culture reproduces certain forms of racism, sexism, and biases against members of subordinate classes, social groups, or alternative life-styles. Multiculturalism affirms the worth of different types of culture and cultural groups, claiming, for instance, that black, Latino, Asian, Native American, gay, and lesbian, and other oppressed and marginal voices have their own validity and importance.<sup>19</sup> (Ibidem, p.3).

Um dos autores mais célebres dos Estudos Culturais, em modo particular no que diz respeito ao estudo das identidades culturais, é Stuart Hall. No prefácio de Miguel Mellino ao livro de Hall, //

---

cultura punk, ou subculturas dos negros nacionalistas, olham e agem de maneira diferente daquelas do *mainstream*, e assim criam identidades de oposição, definindo-se contra os modelos padrão. Tr. MN.

<sup>19</sup> Devido ao seu foco em representações de gênero, raça e classe, e sua crítica as ideologias que promovem diversas formas de opressão, os estudos culturais se prestam a um programa multiculturalista que demonstra como a cultura reproduz certas formas de racismo, sexismo e preconceitos contra os membros das classes subordinadas, grupos sociais, ou estilos de vida alternativos. O multiculturalismo afirma o valor de diferentes tipos de cultura e grupos culturais, alegando, por exemplo, que negros, hispânicos, asiáticos, nativos americanos, gays e lésbicas, e outras vozes oprimidas e marginalizadas têm a sua própria validade e importância. Tr. MN.

*Soggetto e la Differenza – per un’archeologia degli studi culturali post culturali*<sup>20</sup>, encontramos a seguinte afirmação a respeito da importância deste autor para os Estudos Culturais:

Qualche anno fa, con una battuta divenuta ormai nota, Terry Eagleton affermava in modo (non del tutto) ironico che chi volesse un giorno scrivere un romanzo sulla sinistra intellettuale britannica e avesse bisogno di creare un personaggio attraverso cui riannodare tutte le sue vicende e vicissitudini si ritroverebbe inevitabilmente a reinventare Stuart Hall [...]. Lo stesso si potrebbe dire di chi volesse fissare in un qualche racconto la cosiddetta “svolta culturale”.<sup>21</sup> (MELLINO, 2006, apud HALL, 2006, p.7).

Stuart Hall, Jamaicano de formação britânica, que se autodenomina pertencente à diáspora afro-caraíba, assumindo ser este o motivo que o guiou aos estudos culturais, é escritor de uma infinidade de breves textos sobre muitos temas, e pode ser considerado um autor complexo em sua formação identitária e intelectual, não dogmático teoricamente, e por isto, muito pertinente ao nosso tema:

[...] certamente “a-típico”, “eclettico”, “originale”, difficile da afferrare nella sua totalità. [...] tende a presentarci la sua opera come profondamente “discontinua” e “frammentaria”, “sperimentale”, eternamente congiunturale, priva di uno “schema ideologico” ricorrente, refrattaria ad ogni sistematicità o “visione d’insieme”<sup>22</sup> (IBIDEM, p. 10)

A mesma afirmação se faz devido aos inúmeros temas e matrizes de pensamento dos quais se ocupou e se ocupa Hall: a mídia, um novo étnico “*black*”, as subculturas, as diferenças, as diásporas, a globalização, os multiculturalismos etc. Mas a questão central em sua obra, apesar dos inúmeros interesses e matrizes de pensamento que utiliza, sem fazer “escola”, seria a compreensão dos “*mainstream*” presentes:

<sup>20</sup> O sujeito e a diferença. Para uma arqueologia dos estudos culturais – pós culturais. Tr. MN.

<sup>21</sup> Alguns anos atrás, com uma piada que se tornou conhecida, Terry Eagleton afirmava de modo (não muito) irônico que quem desejasse um dia escrever um romance sobre a esquerda intelectual britânica e tivesse necessidade de criar um personagem através do qual renovar todos os seus eventos e vicissitudes se encontraria inevitavelmente a reinventar Stuart Hall [...]. O mesmo poderia ser dito para quem quisesse fixar em algum conto a chamada “virada cultural”. Tr. MN.

<sup>22</sup> [...] Certamente, “atípico”, “eclettico”, “original”, difícil de entender em sua totalidade. [...] Tende a apresentar seu trabalho como profundamente “descontínuo” e “fragmentário”, “experimental”, eternamente cíclica, sem uma “estrutura ideológica” recorrente, refratário a qualquer sistemática ou “visão geral”. Tr. MN.

I suoi scritti, in effetti, hanno cercato di “mettere a valore” il mainstream dei dibattiti più significativi che hanno attraversato tali settori negli ultimi cinquanta anni; ne “costituiscono” quindi una sintesi “privilegiata”, per certi versi quasi “unica”. E proprio qui sta davvero buona parte della loro originalità: nel fatto che rappresentano.<sup>23</sup> (IBIDEM, p. 12)

A ideia é a de que a hegemonia, *mainstream*, não nasce das altas esferas de poder e sim como um terreno de batalha. Conceito que, segundo Gramsci, a quem Hall faz frequentemente referência em suas análises, não é responsabilidade exclusiva do Estado e sim da sociedade civil que com suas instituições, sistemas educativos, a família, a igreja, a mídia e a cultura a constroem:

[...] L’egemonia è un concetto che descrive il dominio culturale di un gruppo o di una classe che siano in grado di imporre ad altri gruppi, attraverso pratiche quotidiane e credenze condivise, i propri punti di vista fino alla loro interiorizzazione, creando i presupposti per un complesso sistema di controllo<sup>24</sup> (GRAMSCI, *Q.10*, I, 7, p. 1223)

Conceito este muito vizinho à consideração de poder de Michel Foucault sobre não existir um poder único, mas sim uma rede de poderes:

[...] come sarebbe indubbiamente facile smantellare il potere, se esso si limitasse a sorvegliare, spiare, sorprendere, proibire e punire. Ma esso incita, suscita, produce; non è semplicemente occhio e orecchio, ma fa agire e parlare.<sup>25</sup> (FOUCAULT, 1998, p. 259).

Para Foucault, as ações dos homens se realizam dentro de uma rede de poderes que são eles mesmos um modo para mudar as relações existentes e criar novos poderes. O discurso é o lugar da articulação produtiva do poder e do saber. Discurso que é um conjunto de performances

---

<sup>23</sup> Seus escritos, na verdade, tentaram "valorizar" o *mainstream* dos debates mais importantes que passaram por essas áreas ao longo dos últimos cinquenta anos, eles "constituem" uma síntese "privilegiada" em alguns aspectos quase "exclusivas". É nisto que reside muito de sua originalidade: no fato que eles representam. Tr. MN.

<sup>24</sup> A hegemonia é um conceito que descreve a dominação cultural de um grupo ou uma classe que são capazes de impor a outros grupos, através de práticas quotidianas e crenças compartilhadas, seus pontos de vista até que sejam internalizadas, criando as condições para um complexo sistema de controle. Tr. MN.

<sup>25</sup> Como seria sem dúvida fácil desmontar o poder, se esse fosse limitado ao monitoramento, espionagem, surpresa, proibir e punir. Mas este incita, provoca, produz: não é apenas olho e ouvido, mas faz agir e falar. Tr. MN.

verbais, sequência de enunciados aos quais se pode atribuir uma particular modalidade de existência. O discurso não seria a manifestação majestosa de um sujeito que pensa, conhece e diz. Tratar-se-ia, ao invés, de um conjunto no qual se podem determinar a dispersão e a continuidade do sujeito (FOUCAULT, 2004).

É neste contexto que devemos ler o empenho teórico de Stuart Hall, que nos convida a considerar cada formação social como uma formação discursiva, nas palavras de Foucault, como uma “regularidade dispersiva”. Michel Foucault, autor muito utilizado por Hall em suas indagações, ao analisar a história da loucura afirma:

La storia della follia sarebbe la storia dell'Altro – di ciò che, per una cultura, è interno e, nello stesso tempo, estraneo, e perciò da escludere (al fine di scongiurare il pericolo interno) ma includendolo (al fine di ridurne l'estraneità); la storia dell'ordine delle cose sarebbe la storia del Medesimo – di ciò che, per una cultura, è a un tempo disperso e imparentato, e quindi da distinguere mediante contrassegni e da unificare entro identità. E se pensiamo che la malattia non è soltanto il disordine, la pericolosa alterità entro il corpo umano e persino entro il cuore della vita, ma anche un fenomeno di natura che ha le sue regolarità, le sue somiglianze e i suoi tipi, è evidente l'importanza che potrebbe assumere un'archeologia dello sguardo medico<sup>26</sup>. (FOUCAULT, 1998, p. 14).

Hall nos remete também sucessivamente à questão de que os nossos estudos sociais têm como tema “totalidades complexas” incapazes de serem colocadas hermeticamente em um único sistema coerente, linear ou perfeitamente explicável. Nenhum tipo de consenso pode incluir o inteiro complexo social em uma articulação hegemônica. As conflitualidades são constitutivas das formações sociais e tentar explicá-las como se tentássemos “resolver” uma tensão necessária seria não compreender a ideia de que a cultura tem muito a ver com as lutas sociais de reconhecimento das diferenças como categorias também políticas. Ou seja, um terreno de lutas onde a ideologia é não somente uma força material real mas, principalmente, um terreno de lutas na atuação de particulares estratégias para afrontá-las. (HALL, 1982).

---

<sup>26</sup> A história da loucura seria a história do outro - do que, para uma cultura, é e ao mesmo tempo interna, e ao mesmo tempo estranho, e, portanto, para excluir (a fim de não ser um perigo interno), e para incluir (a fim de reduzir a "estranheza"), A história da ordem das coisas seria a história do mesmo - do que, para uma cultura, é ao mesmo tempo disperso e aparentado, portanto, para distinguir mediante marcas e para unificar por meio da identidade. E se pensarmos que a doença não é apenas a desordem, a alteridade perigosa dentro do corpo humano e até mesmo dentro do coração da vida, mas também um fenômeno da natureza que tem suas regularidades, suas semelhanças e as suas formas, é evidente a importância que poderia assumir uma arqueologia do olhar medico. Tr. MN.

Não é interesse desta dissertação, e nem seria possível, aprofundarmo-nos em toda a extensa e variada produção acadêmica dos “*Cultural Studies*” ou de Stuart Hall, e sim termos uma visão geral desta possibilidade de conhecimento porque é um válido instrumento para ponderarmos sobre os filhos de Pedrinhas e a complexa formação cultural destes. Hall é um dos grandes questionadores da ideia de cultura, contudo, sem excluir este conceito dos discursos sociais, dá-lhe uma viva representação do conjunto de possíveis práticas quotidianas. Hall analisa como significados e definições são construídos socialmente e transformados historicamente.

Consideramos, ainda, a definição de pós-modernidade para Hall, que a analisa como um período histórico que tem seu início após a segunda guerra mundial, com todas as questões neocoloniais em atividade, como ponto crucial destas duas obras citadas acima e que metem em evidência a questão da crise de identidade humana.

#### **1.4. Nosso mundo contemporâneo**

Sobre o nosso mundo, como podemos definir o tempo atual? Compreender o tempo histórico contemporâneo, no qual pretendemos interagir com esta proposta de dissertação, é essencial para evitar uma leitura anacrônica dos eventos. As intensas mudanças no mundo, evidentes para todos, parecem depender de duas ideias centrais: a primeira é a ideia da globalização da sociedade e a segunda é a ideia do tempo líquido, ambas sinônimas, por vezes, de mundo pós-moderno e, outras vezes, de modernidade tardia.

A globalização, de acordo com Anthony Giddens, economista de Londres, que faz parte da Câmara dos Lordes, na Inglaterra, pode ser definida como "uma mudança no espaço-tempo que torna a ação possível a longas distâncias devido a mudanças nos meios de transporte e de comunicação" (GIDDENS, 2000, p. 23). A globalização propicia enormes mudanças nas experiências quotidianas da velocidade e do conhecimento. Próprio do momento em que escrevemos esta dissertação, o uso dos meios de comunicação, como a Internet, mudam profundamente a maneira como nos relacionamos com a realidade e a construção do conhecimento. As novas tecnologias da comunicação criam outra maneira de fazer as coisas,

visto que, por um lado, nos isolamos do mundo na frente de um computador/internet e, por outro ponto de vista, através destas mesma tecnologias podemos contar com todo um mundo de conhecimentos em diferentes idiomas. O fenômeno da globalização, baseado principalmente nas mudanças tecnológicas de comunicação e de alteração da ideia de tempo/espaço, é uma revolução da experiência objetiva/subjectiva social, e altera profundamente a maneira como as pessoas interagem umas com as outras, nas relações estabelecidas e também em nosso modo de construir conhecimento.

A própria ideia da identidade cultural se transforma, pois se há um século os imigrantes e seus filhos viam a terra de origem como algo distante, hoje vêm como estando ao alcance. Inclusive com o estabelecimento de relações pessoais por meio de “chats” na internet surge a sensação de uma cidadania mundial e de dupla ou até tripla identidade cultural. Ou seja, a identidade cultural na pós-modernidade é composta de elementos não ligados diretamente nem ao “*ius solis*” nem ao “*ius sanguinis*”.

Com o termo "pós-moderno", que se tornou parte do discurso também fora da academia, referimo-nos a noção conjunta da perda do sentido de ser do homem como algo de reconhecimento universal. Um dos cientistas sociais que mais utilizou-se e divulgou este termo foi Jean-François Lyotard que, em seu livro “*La condizione postmoderna*”<sup>27</sup>, referindo-se a sociedade sem as narrativas das grandes ideologias do iluminismo, idealismo e marxismo. Ideologias estas que, segundo Lyotard, mantinham a coesão social. Com o declínio dessas formas de pensamento e unidade totalizante começou-se a questionar a existência de critérios globais e universais de julgamento e legitimação da realidade.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que muito escreveu sobre a modernidade líquida ou pós-modernidade, em uma recente encontro em Roma, no Salão de Editora Social em 29 de outubro de 2011, em um discurso intitulado "Quais são hoje os problemas sociais?" fez uma consideração que reflete o contexto social contemporâneo:

Se mi aveste chiesto di parlare della società e dei suoi mutamenti quarant'anni fa, avrei saputo perfettamente cosa dire; se me lo aveste chiesto vent'anni fa, probabilmente avrei avuto alcuni dubbi; oggi vago nell'oscurità, non saprei cosa dire.<sup>28</sup> (BAUMAN, 2011).

<sup>27</sup> A Condição pós-moderna. Tr. MN.

<sup>28</sup> Se vocês me tivessem pedido para falar da sociedade e suas mudanças de quarenta anos atrás, eu saberia exatamente o que dizer; se vocês tivessem me perguntado há vinte anos atrás, eu provavelmente teria tido algumas



O sociólogo Marshall Berman em “*Tutto ciò che è solido svanisce nell’aria*” (BERMAN, 2012) argumenta que a imagem apolínea da burguesia tem servido como um protótipo do sujeito histórico sublimável até hoje, utilizando-se de diversas leituras de lugares/autores da modernidade como a Paris de Baudelaire, a São Petersburgo de Pushkin, Gogol e Dostoievski; e ainda outros autores como Goethe e Marx; e outros lugares como o Bronx contemporâneo, dentro de um vasto espectro de referências da literatura, da música, da arquitetura, da arte e do urbanismo. O sentimento de viver em um mundo de vertiginosa aceleração e que está sempre à beira de destruir tudo o que amamos e que nos faz sentir uma mistura de excitação e terror, excitação e ansiedade, aceitação e repulsa perante o progresso da história é, segundo Bergman, a definição mais precisa da modernidade tardia.

Já o sociólogo italiano Antonio Gramsci, muito antes e em modo diverso de Bauman e Berman, criou o termo “*interregno*” termo para designar a dinâmica social entre o velho e o novo e a difícil situação que se cria entre estes no “*intermezzo*” que seguramente poderia definir certas dinâmicas de hoje: “*la crisi consiste appunto nel fatto che il vecchio muore e il nuovo non può nascere: in questo interregno si verificano i fenomeni morbosi più svariati.*”<sup>29</sup> (GRAMSCI, 2007, p. 311).

Sem entrar na polêmica histórica do moderno ou pós-moderno, ou ainda que se busque apenas na sociologia uma explicação definitiva, é importante reiterar a ideia da existência de um mundo diferente hoje do que havia antes, para compreendermos os novos modos de viver a identidade e a cultura. Mundo este que nos coloca em dificuldades em aspectos importantes da nossa vida social, como o trabalho ou ausência deste, a ideia de indivíduo em uma sociedade de massa, a relação entre espaço e tempo, a liberdade e a ideia de educação, as questões migratórias e as segundas gerações, ou como diz Bauman, por provocação, questões que nos deixam sem palavras. Mas seria errado pensar que Bauman descreve o mundo líquido para justificar um *status quo* imutável. Na verdade, sua argumentação é a favor de um homem que assuma a responsabilidade do fazer a sociedade na perspectiva de criar laços sociais numa perspectiva não-autoritária, muito menos perfeita.

---

dúvidas, hoje eu vago na escuridão, eu não sei o que dizer. Tr. MN.

<sup>29</sup> A crise consiste precisamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer: neste interregno, ocorrem fenômenos mórbidos mais variados". Tr. MN.

Compreendermos o mundo que nos rodeia é fundamental para evitarmos cair em um anacronismo metodológico e ação de nostalgia do passado só porque não se consegue entender a nossa capacidade de atuar em um novo contexto. Sem fazer apologia do presente, que nos parece questionável em muitos aspectos, seria interessante pensar sobre a possibilidade de uma análise do presente como resultante de nossa ação coletiva no mundo.

Ou seja, se o presente nos parece difícil de compreender, seria interessante investigar os mecanismos sociais que o produzem e a razão para o surgimento de novos paradigmas: *“Forse ai nostri giorni l'obiettivo non è quello di scoprire che cosa siamo, ma di rifiutare quello che siamo. Dobbiamo immaginare e costruire quello che potremmo essere.”*<sup>30</sup> (FOUCAULT, 1994, p.114).

---

<sup>30</sup> Talvez em nossos dias de hoje o objetivo não seja descobrir o que somos, mas sim aquele de rejeitar o que somos. Precisamos imaginar e construir o que poderíamos ser. Tr. MN.

## CAPITULO II – MIGRAÇÕES

### 2.1. Ontem e Hoje

Os movimentos migratórios sempre fizeram parte da história da humanidade. No aparecimento do “*Homo sapiens*” temos a coexistência do “*Homo migrans*” e do “*Homo viator*” demonstrando que as migrações, os deslocamentos, são parte constitutiva da condição humana, tal como o nascimento, a procriação, a doença e a morte. Aliás, o próprio nascimento e o restante da vida podem ser considerados como uma grande viagem ou como uma migração no tempo e no espaço.

Tudo começou quando os primeiros homens resolveram buscar outros lugares (ROUANET, 1993) e passaram da África à Eurásia, cerca de 1,8 milhões de anos atrás, uma migração, muito provavelmente impulsionada pelo desenvolvimento da linguagem (FISCHER, 2004), que acabou possibilitando ao homem habitar todo o planeta. É certo que, depois do desenvolvimento da agricultura, o homem passou a se sedentarizar, contudo, sem abandonar os deslocamentos provocados por diversos fatores tais como os econômicos, ambientais, políticos, culturais e psicológicos (DOLLOT, 1946).

São inúmeros os exemplos dos deslocamentos migratórios que se remontam à origem do homem e que o acompanham no decorrer da história. Do seu solo natal africano, o homem partiu em direção à Europa e depois à Ásia. No período dos grandes impérios da antiguidade, temos o Império Babilônico com uma enorme presença estrangeira assim como os Impérios Sumério, Assírio, Grego e Romano. No período medieval, os deslocamentos para Jerusalém ou São Thiago de Compostela foram intensos por parte da cristandade, mas também comerciantes, soberanos, eclesiásticos, desterrados em busca de fortuna e bandidos migraram intensamente. Os “goliardos”<sup>31</sup> (LE GOFF, 1983) são outro bom exemplo da disposição ou premência humana para

---

<sup>31</sup> Eram assim chamados toda uma sorte de errantes que, na Idade Média, pela pobreza e pressão demográfica, perambulavam pelo continente europeu, vivendo de esmolas ou de pequenos ganhos com atividades diversas, dentre elas, atividades intelectuais.

os deslocamentos geográficos, culturais e psicossociais

O próprio nomadismo, segundo José Sterza Justo, professor da Universidade Estadual Paulista que há anos tem desenvolvido trabalhos sobre o nomadismo e a imigração, é ainda hoje observável em povos ou tribos que vivem em constante deslocamento de um lugar a outro, caracteriza outra vertente da experiência humana de deslocamento (JUSTO, 2005). Em grupos, no ajuntamento de um povo inteiro, como ocorreu com os Hebreus, ou em famílias e mesmo individualmente, impulsionado por razões diversas, o fato é que se assentar, permanecer, se fixar em algum lugar foi e continua sendo tão importante para a humanidade quanto abandonar seu território e se deslocar em busca de outros lugares. Assim, o homem, ao longo dos tempos, se lançou no mundo transpondo fronteiras naturais, geográficas, políticas, étnicas, religiosas, econômicas e superando obstáculos que se colocavam seu caminho.

De movimentos mais ou menos erráticos ou pouco submetidos a “dromopoderes”<sup>32</sup> que foram se constituindo sobre a mobilidade, conforme enfatiza Paul Virílio, os deslocamentos começaram a abrir sulcos, criar rotas e assumir formas regulares e definidas (VIRILIO, 1996). Dentre elas destacamos a migração e suas consequências, as quais representam, segundo Alain Touraine, sociólogo francês criador do termo sociedade pós-industrial, um dos desafios cruciais da contemporaneidade e da civilização (TOURAINÉ, 1998).

Assim, os movimentos migratórios humanos que, antes da criação das fronteiras nacionais eram entendidos somente como deslocamentos, a partir da época moderna começam a ser entendidos como transposição de demarcações territoriais, políticas, religiosas, étnicas e culturais. Surge a noção de migração para designar mobilidades internas, processadas entre regiões de um mesmo país e a noção de imigração, para designar deslocamentos internacionais e intercontinentais.

Com a “descoberta” da América e as dificuldades econômicas no velho continente, as migrações para o ‘o paraíso’ foram de grandes proporções. Observa Croci que as subsequentes migrações em massa para este continente ocorreram entre os anos 1870 e 1890, com cerca 10 milhões de pessoas provenientes da Europa, e posteriormente no pós 2<sup>a</sup>. Guerra Mundial, com

---

<sup>32</sup> Neologismo utilizado por Paul Virílio (1996), mediante a contração do radical Dromos = corrida, com a palavra poder, para designar a modalidade de força e controle social que opera utilizando o tempo/velocidade como principal instrumento.

outro enorme afluxo (CROCI, 2008). A política dos países europeus e mesmo de alguns países Asiáticos, como o Japão, de enviar para a América parte do seu contingente populacional como estratégia de se desfazer de seus pobres e outros enjeitados, ou como estratégia de garantia de provimento de matérias-primas ou, ainda, com propósitos expansionistas de seus domínios, haveria de produzir, com o tempo, contragolpes inesperados e imprevisíveis (JUSTO, 2008).

As imigrações funcionaram como respostas para problemas econômicos, sociais e políticos, pelo menos temporariamente, como no caso da expansão da economia cafeeira do Brasil com a vinda de pobres e desempregados de origem europeia e nipônica, como também produziu efeitos enormes no plano da cultura e da subjetividade ou psique humana. No plano da experiência pessoal do imigrante, o embate e o desafio principal é com a cultura do outro país, onde passa a residir. Tais embates se dão a partir da convivência com hábitos, costumes, valores, formas de pensar, ideologias, além de todo o entorno material e o ambiente físico completamente estranho ou, no mínimo, bem diferente daquele de onde partiu. Poderíamos resumir tal experiência como a de um encontro e confronto com um ‘outro mundo’, radical, diferente, contrastante, oposto e que está em tudo com o que o sujeito entra em contato: as pessoas do lugar, as mentalidades, as edificações, as cidades, o campo, as tecnologias e assim por diante.

Os imigrantes da época do pós 1ª. Guerra Mundial viviam em condições bastante precárias e em um relativo confinamento, sem os meios de comunicação que temos hoje e que facilitam o contato mais imediato e à longa distância. Experimentavam um verdadeiro choque ao chegar ao país de destino, onde tudo era muito desconhecido e estranho. O novo país de residência poderia suscitar algum encanto e fascinação, mas também poderia despertar temores, repulsa e até profundos sentimentos de despersonalização. Muitos passaram por intensos sofrimentos e desenvolveram quadros típicos de psicose ou até chegaram ao suicídio. Pesquisa histórica recente ressalta que, inclusive, os escravos africanos foram vítimas de um sentimento profundo e devastador de tristeza e pesar pela distância da terra natal. O “Banzo” dos escravos negros no Brasil era uma “saudade que matava” (HAAG, 2010, p. 87-89), tamanha a dificuldade de adaptação e de suportar as condições de vida impostas pela escravidão.

Com os imigrantes europeus e japoneses que vinham para o Brasil, dos quais se tem melhor conhecimento, não foi diferente. Alguns conseguiram retornar ao país natal, depois do choque cultural, outros sucumbiram no uso abusivo do álcool, em crises intensas de sofrimento,

em quadros graves de psicopatologia e em suicídios. A crise psicológica dos imigrantes era, essencialmente, uma crise de despersonalização, de não reconhecimento de si no novo lugar; de sua desfiguração nesse espelho estranho incapaz de refletir imagens familiares e de uma condição de vida melhor; uma crise de solução do sentimento de continuidade no espaço social e geográfico imediato. Enfim, uma crise vivida como uma desestruturação de si e do seu mundo. Um si mesmo e um mundo, antes sólidos e estáveis, permeados por uma forte sensação de identidade passavam a ser substituídos, repentinamente, por outro mundo, o qual exige outro “Eu” bastante diferente. Em uma época onde a identidade pessoal ou as identidades socioculturais eram bem delimitadas e estáveis, com referentes centrais bem estabelecidos socialmente e duráveis, ver-se diante de outros referenciais e imagens muito diferentes de si mesmo representavam, para muitos, uma experiência hercúlea.

O curso da história produziu outras reações objetivas e subjetivas relacionadas à imigração. O fluxo dos países europeus rumo à América do Norte e Europa, principalmente, se inverteu, caracterizando a chamada imigração de retorno (JUSTO, 2008). A crescente internacionalização do capital com a correspondente intensificação dos deslocamentos de capitais e humanos tornou as fronteiras econômicas, culturais e subjetivas mais permeáveis, de um certo ponto de vista, pelo menos antes da crise econômica atual que teve início em 2008 e continua até os nossos dias.<sup>33</sup>

A progressiva mobilidade de capitais, mercadorias e de populações, favorecida pelas tecnologias de transporte e de informação, configura com maior clareza o fenômeno da globalização e da mundialização referidos respectivamente à internacionalização do mercado e à interligação das culturas locais e nacionais. A palavra ‘Globalização’, começou a circular na literatura econômica e sociológica nos últimos decênios do século XX, para se referir a esse processo de expansão avassaladora das relações econômicas por todo mundo (BECK, 1999).

A polêmica sobre este termo, que retrata um fenômeno inquestionável, é mais estreitamente relacionada a dois fatores. O primeiro fator diz respeito à origem histórica deste processo. Amartyan Sen (economista indiano, professor na *Harvard University* e Prêmio Nobel

---

<sup>33</sup> A atual crise econômica de natureza financeira teve início em 2007 nos Estados Unidos e depois se espalhou por todos os continentes nos primeiros meses de 2008 até os nossos dias. Temos entre seus fatores principais: o alto preço das matérias-primas (ex. o petróleo), uma crise alimentar mundial, uma elevada inflação mundial e a ameaça de uma grande recessão também mundial. Tudo isto está mudando as tendências das chamada “globalização” e coloca em risco também a Comunidade Europeia que começa novamente a mandar fluxos migratórios.

em Economia no ano de 1998) sustenta a tese de que a globalização é um evento histórico de longa duração, chamado '*mare magnum*', e está em desenvolvimento há, pelo menos, mil anos. O segundo fator está relacionado aos questionamentos das 'consequências' desta globalização, por vezes vista como positiva e outras vezes como negativa e nefasta para a humanidade (BAUMAN, 1999).

O conceito de globalização reflete um claro reconhecimento da internacionalização da economia e, nesse sentido, instruiu práticas minimamente capazes de lidar, no plano econômico, com o fluxo mundial de capital, mercadorias e serviços. No entanto, resta avançar nas suas consequências enquanto forte impulso para deslocamentos humanos. Deslocar e 'desterritorializar' capital, bens de consumo e serviços é algo muito diferente do que deslocar seres humanos. O homem possui, sim, uma enorme capacidade de adaptação ativa a ambientes e situações bastante inóspitas, mas o faz enfrentando conflitos profundos resultantes de sua constituição psíquica, cultural e social (JUSTO, 2008). Por isso mesmo, o fenômeno migratório, enquanto deslocamento de grandes contingentes populacionais, de um país a outro, não pode ser visto como simples racionalidade que procura compatibilizar, por exemplo, demanda e oferta de mão de obra, mas sim como um fenômeno complexo que se desdobra no plano subjetivo e gera inúmeras consequências ao colocar o sujeito em contato com situações e cenários desconhecidos, despertando nele um efeito de estranhamento. A figura do estrangeiro não é nova assim como não é nova sua vinculação a imagens várias que vão da aceitação e simpatia ao severo preconceito.

Mesmo hoje, no interior de uma 'aldeia' global, na era da 'flexibilização' de fronteiras econômicas, culturais, sociais e psicológicas, a mobilidade humana é bastante controlada e policiada, mantendo ainda bastante forte a noção de diferenciação e separação entre os povos. Nesse sentido, apesar dos questionamentos acerca do conceito de identidade (HALL, 2005), subsistem linhas divisórias que segmentam e apartam os seres humanos, usando como critério o país de origem, raça, etnia, cultura e assim por diante. Por isso mesmo, é precipitado bradar simplesmente que a identidade (pessoal, étnica, nacional ou cultural) tenha se esfumado na atualidade ou se enfraquecido substancialmente como conceito, por ser incapaz de traduzir um mundo e um sujeito marcados pelos signos da multiplicidade, flexibilidade, efemeridade, provisoriedade e a tantos outros signos que se remetem a uma condição de compressão do tempo-espço (HARVEY, 1992).

As fronteiras entre os países continuam postas, oscilando entre políticas mais flexíveis ou rígidas da imigração, dependendo da conveniência momentânea de países e blocos econômicos, bem como de conflitos culturais, étnicos e identitários, que continuam candentes, ainda mais com as pressões migratórias da atualidade. Antes, as migrações em massa eram cíclicas e percorriam rotas bem estabelecidas. Hoje, a migração é contínua e vai acompanhando as oscilações do mercado de mão de obra e das políticas de migração dos países receptores. Além disso, as facilidades de transporte e a transformação da imigração em mercadoria, com a consequente presença de empresas e máfias nesse negócio, contribuem para o aumento e diversificação dos fluxos de migrantes.

Em um mundo e em um tempo nos quais se vive sob o signo da globalização e da mobilidade, os problemas de imigração ou de trânsito de um país a outro se tornam cruciais. A Europa e os demais países ricos estão colocados no epicentro desse problema. Se antes exportavam comodamente parcelas de sua população para outros continentes, hoje, estão envoltos em uma onda de fluxo migratório, em escala mundial, e consequentemente com o grande fluxo de estrangeiros que assediam suas fronteiras ou as ultrapassam ilegalmente. Por exemplo, os africanos setentrionais de língua árabe, juntamente com africanos centro-meridionais da chamada ‘África negra’ que, somados às pessoas provenientes da Europa Balcânica e daquela oriental que ‘invadem’ a Europa, são vistos como promotores de uma nova ‘invasão bárbara’. Também os mexicanos que tentam dramaticamente entrar nos Estados Unidos ou, ainda, os bolivianos que atualmente chegam ao Brasil para trabalharem na confecção de roupas são outros exemplos do movimento migratório contemporâneo.

A este quadro já muito complexo, soma-se a nova tendência – principalmente em razão das dificuldades econômicas europeias e norte americanas – de um movimento, dos nacionais ou dos estrangeiros que ali se encontravam, de saída da Europa e dos Estados Unidos para, por exemplo, o Brasil, segundo matéria publicada no jornal *O Estado de São Paulo* em novembro de 2011:

O agravamento do quadro econômico internacional nos últimos meses e o crescimento interno brasileiro colocaram o Brasil na rota da imigração de trabalhadores. Dados do Ministério da Justiça mostram um aumento de 52,5% no número de regularização de estrangeiros que buscam uma oportunidade de vida no País, saltando de 961 mil registros em 2010 para 1,466 milhão até junho. Portugueses, bolivianos, chineses e



paraguaios lideram os índices de elevação da regularização do Departamento de Estrangeiros do Ministério. E a concessão de nacionalidade brasileira dobrou. Subiu de 1.119 (em 2008) para 2.116 novos brasileiros (em 2010). (PEREIRA, 2011)

Sem que com isto, porém, se verificasse uma interrupção das chegadas de imigrantes na Europa, principalmente de proveniência do Sudeste Asiático e da África, e nos Estados Unidos, principalmente do México. Ou seja, um grande vai e vem global.

O problema, especialmente na Europa, não se restringe à presença de estrangeiros, mas abrange também os migrantes internos pelo forte regionalismo que marca a organização de muitos estados europeus. Em um certo sentido, nesses países, a presença dos estrangeiros reacende os conflitos da constituição nacional formada por Estados que forçaram a junção de culturas locais bastante distintas: línguas, dialetos, hábitos alimentares, costumes, valores e até mesmo biótipos. O embate com as diferenças, mais ou menos acentuadas, oriundas de diversidades existentes no interior das próprias nações ou no confronto com o estrangeiro é inevitável na atualidade.

A expansão do trânsito entre as nações no mundo contemporâneo, diferentemente das migrações tradicionais, traz o fenômeno do chamado multiculturalismo, no qual tanto os países como as culturas e o próprio sujeito são forçados a conviver com as diferenças, com a heterogeneidade e não mais com a unicidade, a homogeneidade e os monocromatismos que antes os caracterizavam (HALL, 2005).

A aproximação das diversas culturas e a própria pluralização da subjetividade é bastante desafiadora e problemática, mesmo sendo essa a tendência da atualidade, por vezes, parece enriquecedora e, outras vezes, ameaçadora em relação às identidades individuais ou coletivas anteriormente entendidas e vividas como únicas e imutáveis. Os debates teóricos sobre o tema se polarizam a favor ou contra este processo. As políticas de Estado em relação à imigração oscilam de posturas mais tolerantes e facilitadoras ao outro extremo do fechamento de fronteiras, construção de muros e criminalização da presença ilegal de estrangeiros, como no caso dos Estados Unidos. O tratamento dado aos imigrantes também oscila entre tentativas de integração, como, por exemplo, os projetos de educação multiculturais, até tentativas de formação de guetos e aprovação de legislações para expulsão de imigrantes ilegais, tal como está acontecendo no estado do Arizona nos EUA.

Neste contexto é que a leitura do livro “*Diritto di Fuga*” de Sandro Mezzadra é interessante, porque enfatiza ao mesmo tempo o contexto histórico das migrações e da interculturalidade para explicitar suas lutas subjetivas como movimento social, saindo das leituras extremamente materialistas sobre o tema:

Leggendo le migrazioni come movimento sociale, sottolineando gli elementi di strutturale eccedenza e autonomia rispetto alla presunta “oggettività” dei fattori (economici e/o demografici) di “spinta” e “attrazione” che per molto tempo erano stati considerati sufficienti a spiegare le dinamiche migratorie, richiamavo insomma l’attenzione sulla posta politica in gioco dei movimenti e nell’esperienza dei migranti. E sotto il profilo della teoria politica tentavo di ragionare sulle conseguenze [...] del concetto di cittadinanza, che proponevo di rileggere [...] non come un obiettivo o una ‘soluzione’ per i migranti, ma come un terreno di lotta.<sup>34</sup> (MEZZADRA, 2006, p.9).

Esse tipo de leitura é fundamental para a compreensão dos filhos de Pedrinhas, fugindo ao “já dito” e descrito sobre a história da imigração italiana cooperativa no vale do Paranapanema. A proposta de Mezzadra de um “*sguardo dell’autonomia*”<sup>35</sup> se baseia na ideia de as migrações, consideradas pelos sociólogos como um fato social total, colocarem em questão tantos eventos:

Le migrazioni coinvolgono e trasformano le diverse dimensioni su cui si articolano due sistemi social (quello di provenienza e quello d’insediamento dei migranti), ma tracciano in realtà nuove linee di congiunzione e di separazione sulle carte geografiche del pianeta e coinvolgono una molteplicità di altri spazi: trasformano il “mercato del lavoro”, il discorso pubblico, le norme giuridiche e sociali, i sistemi di appartenenza, le identità, le forme di dominio di classe, i rapporti di genere – e a loro volta sono profondamente condizionate.<sup>36</sup> (MEZZADRA, 2006, p. 196).

---

<sup>34</sup> Lendo as migrações como movimentos sociais, reforçando os elementos de estrutural excesso e autonomia respeito à hipotética “objetividade” dos fatores (econômicos e demográficos) de impulso e atração que por muito tempo eram estados considerados suficientes a explicar as dinâmicas migratórias, eu chamava a atenção sobre a questão política em jogo dos movimentos e experiências migrantes. E na ideia da ideologia política eu tentava raciocinar sobre as consequências [...] do conceito de cidadania, que eu propunha ler [...] não como objetivo ou solução para os migrantes, mas como terreno de luta. Tr. MN.

<sup>35</sup> Olhar da autonomia. Tr. MN. O olhar da autonomia coloca em questão as pratica da “integração” como única possibilidade de sucesso para o imigrante e solicita um novo horizonte comum a construir.

<sup>36</sup> As migrações envolvem e transformam as diferentes dimensões sobre as quais se articulam dois sistemas sociais (aquele de proveniência e aquele de inserimento dos imigrantes), mas na verdade desenham novas linhas de conjunto e de separação em mapas do planeta e envolvem uma variedade de outros espaços: transformam o "mercado de trabalho", o discurso público, os sistemas legais e sociais, o senso de pertencer, a identidade, as formas de dominação de classe, relações de gênero - e, por sua vez estão profundamente condicionados. Tr. MN.

É por esta característica dos movimentos migratórios como fato social total e complexo que os nossos “filhos de Pedrinhas” serão considerados dentro de um quadro de referimento conceitual múltiplo que, não deixando de considerar a história de Pedrinhas e de seus fundadores, não se restringe aos resultados desta.

Os movimentos migratórios como fatos sociais totais têm diversas possibilidades de significação e isto é fundamental para a nossa compreensão deste tema em modo prospectivo, através da criação de novas significações e das narrativas que fazemos deste evento. Um ótimo exemplo concreto disto é o discurso proferido por Erri di Luca, escritor italiano hebreu, napolitano de nascimento e romano por vivência, que – em uma entrevista sobre a difícil presença dos imigrantes na Itália hodierna e todo os vocábulos político-institucionais negativos que tem sido instituídos para afrontar esta questão – afirma em uma entrevista em um encontro de literatura:

Quando i nostri governanti parlano di ondate migratorie usano deliberatamente un vocabolo abusivo, quello di ondata, ma suggestivo. Perché se si tratta di ondate, la parola stessa suggerisce che una terraferma dalle ondate si debba difendere con barriere, scogliere, dighe, non è così! Non sono ondate, si tratta invece di *flussi*. Se li chiamiamo propriamente flussi non troviamo più l'immagine che li voglia strozzare, impedire, bloccare. I flussi, e si tratta invece propriamente di questi, di flussi di nuova energia, di nuova vita, di nuove forze, che vengono a rinforzare le fibre di una comunità nazionale.<sup>37</sup>

O vocábulo sobre o evento histórico, imigração na Itália moderna, vem modificado por Erri di Luca da, “*ondata*” para “*flusso*”, e o nosso modo de aproximação ao tema muda completamente pois a linguagem passa da intento de perspectiva a produção de prospectiva. Eis o nosso desafio metodológico em revisitar a nossa Pedrinhas Paulista na constituição de uma outra italianidade pois nos tantos estudos realizados sobre esta cidade temos estudos de perspectivas várias com uma ausência de estudos prospectivos.

---

<sup>37</sup> Quando os nossos governantes falam de ondas migratórias deliberadamente usam um vocabulário abusivo, este de ondas, sugestivo. Porque se trata de ondas, a palavra mesma sugere que a terra firme para se proteger das ondas necessite de barreiras, falésias, barragens, e não é assim! Não são ondas, trata-se ao invés de fluxos. Se os chamamos fluxos não encontramos mais a imagem que os deseje destruir, impedir, bloquear. Os fluxos, e trata-se ao invés propriamente disto, de fluxo de novas energias, de nova vida, de novas forças, que vêm reforçar as fibras de uma comunidade nacional. Tr. MN.

## 2.2. Pedrinhas Paulista, um caso atípico



Imagem 1

“*Arriviamo*”<sup>39</sup> a Pedrinhas Paulista e logo ao ingresso encontramos o portal em estilo greco-romano da cidade onde vemos ao vento duas bandeiras nacionais, aquela brasileira e aquela italiana. Pedrinhas Paulista é uma cidade do sudoeste do Estado de São Paulo, na divisa com o Estado do Paraná, com uma população de cerca 2900 pessoas, tendo a agricultura como atividade econômica preponderante, segundo dados de 2010 do IBGE.

---

<sup>38</sup> Imagem 1 - Portal da cidade de Pedrinhas Paulista no estilo greco-romano com a bandeira do Brasil e da Itália. As fotos da cidade têm como fonte o site de Pedrinhas Paulista: <http://www.pedrinhaspaulista.sp.gov.br/site%20cidades/cidade.htm>

<sup>39</sup> Chegamos. Tr. MN.

A sua história não deixa dúvidas sobre o motivo das duas bandeiras nacionais esvoaçantes no portal da cidade, visto que a mesma nasceu como núcleo colonial de acordos feitos entre o Brasil e a Itália. Não faz muito tempo, a Itália foi palco de um verdadeiro êxodo em direção ao exterior, devido a suas extremas dificuldades econômicas. A imigração italiana se iniciou em 1860 com uma grande fuga da miséria em direção de alguns países da Europa, América e Austrália, chegando a cerca de 24 milhões de pessoas no início do século passado. Já para o Brasil, a imigração italiana foi de cerca 1,5 milhões de pessoas a partir de 1875, e estes imigrantes chegavam para substituir em grande parte a mão-de-obra escrava, que logo em seguida, em 13 de maio de 1888, seria definitivamente abolida pela Lei Áurea. Mas a nossa Pedrinhas Paulista não é o resultado destes primeiros movimentos migratórios da Itália para o Brasil, dos quais resultaram algumas canções dos imigrantes que ficaram célebres, como por exemplo, "*Merica, Merica, Merica, cossa sarà 'sta Merica?*"<sup>40</sup>

A cidade de Pedrinhas, diversamente, faz parte da imigração italiana do pós II Guerra Mundial, de números muito mais módicos em relação àquela imigração de final do século XIX e início século XX. Nesta nova empresa migratória, cerca de 22 mil pessoas partiram com um tipo de solicitação de mão de obra diverso daquela que substituiu a mão de obra escrava, uma mão de obra específica e com intentos já pré-estabelecidos por contrato. Neste período, havia praticamente três tipos de acordos migratórios: individual, de colonização agrícola para trabalho nas fazendas já constituídas de propriedade de brasileiros e, o caso de Pedrinhas, grupos e famílias inteiras que eram transferidas para a criação de colônias agrícolas subvencionadas (FERNANDES, 2006). Uma diferença muito importante acerca dos motivos desta nova fase da imigração, em que obviamente o fator econômico era sim relevante, porque a Itália estava materialmente destruída, mas em que, ao mesmo tempo, podemos observar motivações subjetivas que vão além da leitura histórica ligada somente aos fatos econômicos, dando um outro tipo de subjetividade também à ideia de italianidade:

Uma parte dessa corrente canalizou-se para países europeus, com um caráter, ao menos nas intenções, temporários, mas um fluxo consistente tornou a percorrer velhos e novos itinerários transoceânicos. Não se tratava, decerto, de rede de aventuras, como alguns

---

<sup>40</sup> Música de autor desconhecido e com texto do poeta italiano Angelo Giusti que, em dialeto da região Veneta, pergunta: América, América, América, o que será esta América? Esta canção se transformou no hino dos imigrantes no Brasil.

contemporâneos e até mesmo certos estudiosos de anos ulteriores pareciam acreditar, mas de necessidade de sobrevivência, ainda que não devida à forma propriamente dita. Um estímulo não desprezível foi proporcionado pelo próprio trauma bélico, pelo clima de ansiedade e incerteza, pelas decepções e amarguras, pela queda de um mundo, pela esperança de encontrar cenários diferentes dos oferecidos por uma Europa destruída e ensanguentada, pelo sonho de um improvável enriquecimento (CAMPOS JUNIOR, 2000, p. 140).

A imigração para Pedrinhas Paulista, portanto, nasceu antes de mais nada de acordos bilaterais entre o Brasil e a Itália. De uma parte, o Governo Brasileiro tinha necessidade de mão de obra para colonizar o interior do país e, deste modo, em 18 de setembro de 1945, promulgou o Decreto-Lei nº 7.967 que regulamentava a seleção desta mão de obra no exterior. A contenda, naqueles anos, decorria do fato de que o Brasil e a Itália encontravam-se em trincheiras opostas na 2ª Guerra Mundial. Por essa razão, o governo Brasileiro confiscou recursos de italianos aqui residentes. Terminada a guerra era necessário resolver questões pendentes como esta dos recursos financeiros. Assim, no Tratado de Paz de 1947 entre estes dois países, ficou estabelecido que o Brasil deveria liberar tais recursos e aplicá-los em investimentos ligados a planos de colonização. Deste modo, no mesmo ano firmou-se um acordo que previa a criação da Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana, efetivada entre 1949 e 1950. Da outra parte, o Governo Italiano, preocupado em aliviar suas tensões internas, incentivou vários projetos de cooperativismo agrícola, entre os quais aquele que deu origem ao núcleo colonizador de Pedrinhas Paulista:

A Missão Técnica Agrícola para realizar estudos de reconhecimento territorial e de fertilidade em áreas rurais de diversos países da América, inclusive do Brasil, onde foram escolhidos Joinville em Santa Catarina, Santa Tereza em Goiás, e Pedrinhas Paulista em São Paulo, sendo esta, a única que prosperou, graças a fértil terra do Vale do Paranapanema, aliada a garra de seu povo, e amparo constante de Dom Ernesto Montagner, pároco, diretor nato, presidente interino por algumas vezes e interlocutor entre colonos e Companhia. (IBGE, 2011)

A Companhia Brasileira de Colonização e Imigração Italiana tinha por missão a fixação e sustentação do colono italiano em solo brasileiro, de modo a fazer cumprir o acordo firmado entre os dois países. Assim, planejou a colonização em duas etapas: a primeira de infraestrutura, feita por engenheiros italianos que vieram ao Brasil especificamente para construir casas, pontes,

estradas etc.; a segunda etapa correspondeu à chegada dos colonos e à abertura da Cooperativa Mista Agrícola de Pedrinhas em 1954, hoje denominada Cooperativa Agropecuária de Pedrinhas Paulista, ainda em plena atividade. Conforme a definiu Petochi, (2007) economista e atualmente diretor associado no ‘*World Economic Forum de Givevra*’, Pedrinhas foi única em seu gênero:

[...] Pedrinhas fu un piano storico unico nel suo genere: Piano Marshall, immigrazione italiana in Brasile, riforma agraria in Italia, africanisti allo sbaraglio, appendici del piano Marshall, mescolanza italiani-brasiliani, cattolicesimo veneto, cooperativismo, mescolanze linguistiche e molto altro”<sup>41</sup> (PETOCHI, 2007, p.11)

A cidade de Pedrinhas Paulista, fundada como núcleo colonial, nasce com certas peculiaridades que darão a esta cidade a possibilidade de construir no tempo uma italianidade muito expressiva. Fundada em 21 de setembro de 1952 com a chegada inicialmente de 28 famílias de italianos, muitos da cidade de San Donà di Piave a Venezia, acompanhados pelo padre católico Ernesto Montagner, que ali viveu até o seu falecimento, dando continuidade ao sentimento de pertença italiana e unidade à comunidade através de suas bênçãos e missas nesta língua. Prática esta ainda hoje recordada pela comunidade religiosa de San Donà di Piave como demonstra a publicação paroquial na data de setembro de 2012 em seu site:

Divenne monsignore della parrocchia di Pedrinhas Paulista e promosse la costruzione della chiesa della cittadina dedicata a San Donato, memore del paese di San Donà da dove erano partite molte delle famiglie fondatrici. La Chiesa di San Donato è uno dei primi edifici eretti per la Colonia, la sua pietra angolare, posta il 21 settembre 1952, ha segnato la fondazione della colonia. Fin dalla sua inaugurazione è stata coordinata da monsignor Ernesto Montagner, che ha preservato la cultura italiana, eseguendo tutte le benedizioni e le messe in lingua italiana, fino all'anno 1995, quando morì.<sup>42</sup> (W.P. 2012)

---

<sup>41</sup> [...] Pedrinhas foi um caso único no seu gênero: Plano Marshall, imigração italiana para o Brasil, reforma agrária na Itália, africanistas dispersos, prolongamento do plano Marshall, mistura italianos-brasileiros, catolicismo do Vêneto, cooperativismo, mistura linguística e muito mais. Tr. MN.

<sup>42</sup> Tornou-se Monsenhor da paróquia de Pedrinhas Paulista e promoveu a construção da igreja na cidade dedicada a São Donato, de onde tinham partido muitas das famílias fundadoras. A Igreja de San Donato é um dos primeiros edifícios erigidos na Colônia, a pedra angular, pós 21 de setembro de 1952, marcou a fundação da colônia. Desde a sua inauguração foi coordenada por Dom Ernesto Montagner, que preservou a cultura italiana, realizando todas as bênçãos e missas em italiano, até o ano de 1995, quando ele morreu.





Imagem 2

Imagem 3

---

<sup>43</sup> As Imagens 2 e 3 são respectivamente do Monsenhor Ernesto Montagner e da primeira Igreja de San Donato em Pedrinhas Paulista, homônima à Igreja de *San Donà di Piave* na região do Vêneto na Itália, antes da construção da nova.





Imagem 4



Imagem 5

---

<sup>44</sup> As imagens 4 e 5 são dos primeiros colonos trabalhando a terra.

O nome da colônia é devido à presença do Riacho Pedrinhas, de água transparente e com uma grande quantidade de pequenas pedras ao fundo. Os pioneiros formavam um grupo heterogêneo de agricultores de várias regiões da Itália junto a um grupo de ex-funcionários da “África italiana”<sup>45</sup>. Pedrinhas foi um dos últimos núcleos de imigração italiana com destino ao Brasil. Ainda hoje, uma grande parte dos moradores são descendentes destes fundadores e ainda preservam muito da cultura e costumes italianos em suas diversas variantes das regiões de proveniência de seus progenitores. Pedrinhas Paulista viveu como núcleo colonial até o ano de 1980 quando foi elevada a Distrito e posteriormente alcançou a sua emancipação político-administrativa em 1991, conforme consta nos dados vinculados no endereço *on line* do município.

Em síntese, a particularidade da cidade de Pedrinhas Paulista propiciará uma italianidade de conquista do território que, se manifestará no dia a dia da cidade, através da construção de uma memória que não é necessariamente histórica. Italianidade não especular em relação as diversas proveniências e que, inclui também, a idéia de um outro lugar, como podemos observar no selo, criado em 2012 para a comemoração dos sessenta anos da fundação de Pedrinhas e, que tem como tema central o *tricolore* mas, ao mesmo tempo, inclui o verde e o amarelo, país-símbolo do Brasil. É a construção de uma italianidade híbrida e que, em seu processo constitutivo, nos remete a questão do hibridismo como constituinte dos processos formativos identitários e não somente como resultado. É neste contexto que, a chamada segunda geração, os filhos de Pedrinhas se incluem e terão um atuação fundamental para a construção desta nova italianidade que, didaticamente naquele selo, é representada como uma soma ou fusão das duas culturas, italiana e brasileira, mas que na realidade vai muito além disto.

---

<sup>45</sup> “África Italiana” foi a denominação dada aos funcionários do Estado que trabalharam nos projetos colonialistas da Itália na África (Etiópe e Líbia).



Imagem 6

### 2.3. Impressões do Quotidiano

Conscientes de todo o percurso histórico-cultural de Pedrinhas Paulista, chegamos na cidade e o primeiro impacto é muito intenso. Súbito notamos que praticamente todos os postes da cidade eram pintados com o “tricolor” e o nome de tantas ruas e negócios obviamente em língua italiana. Passeando a pé pelo centro da cidade, começamos a cumprimentar as pessoas pelas ruas com um “*buon giorno*” que imediatamente era respondido com um outro “*buon giorno*” com uma naturalidade linguística que nos transportava direto a um outro mundo, a Itália. Deste modo, algumas pessoas sempre se aproximavam e começavam a contar as histórias das famílias deles.

Muitos dos fundadores de Pedrinhas, cuja fundação data de 1952, ainda estão em vida e podem relatar os acontecimentos em primeira pessoa. Um dos pontos de encontro “*dei vecchi*”, assim denominados pelos próprios filhos de segunda geração, é a “*piazza*”<sup>47</sup>. A praça representa na história das cidades na Itália o lugar privilegiado do encontro econômico, social, funcional e ritual.

<sup>46</sup> Banner de abertura do site da cidade de Pedrinhas Paulista, onde encontramos à esquerda o “ontem 1952” com fotos da fundação Italiana da cidade, à direita o “hoje 2012” com fotos da Pedrinhas atual e no centro um selo comemorativo de Pedrinhas com elementos da Itália e do Brasil em uma criação de uma outra identificação cultural.

<sup>47</sup> Praça. Tr. MN.

Storicamente, infatti, la piazza è definibile come uno spazio d'uso pubblico e di significativa qualità architettonica e urbanistica, centro di convergenza o baricentro di un determinato territorio urbano. La piazza centrale o il sistema di piazze che costituiscono il cuore della città costituisce di per sé il luogo prescelto della rappresentazione della centralità della presenza delle pubbliche istituzioni, civili e religiose, perché è delimitata dai principali monumenti cittadini in cui si incarnano le più significative memorie storiche e ogni privilegiata funzione pubblica. [...] Pertanto dal punto di vista culturale storico, scientifico, le piazze prodotte nell'ambito della cultura urbana dell'Occidente costituiscono lo spazio formale della comunità insediata, il nucleo spaziale ove si realizza l'intersezione di storia civile, movimenti culturali, tendenze artistiche, cultura materiale, immaginazione collettiva, proiezioni simboliche, ritualità consolidate, tradizioni popolari e consuetudini comportamentali. (COLLETTA, 2011)<sup>48</sup>

Tantas vezes, na praça central da cidade, a Praça Roma, conversamos um pouco com “*i vecchi*”. Notamos que a segunda geração é praticamente ausente. Os filhos de Pedrinhas não frequentam a praça como ponto de encontro, que é dominada pelos “*vecchi*” italianos. Nas imagens abaixo, encontradas no site da cidade, temos uma ideia do ambiente frequentado por estes senhores que praticamente todos os dias ali se encontram.

---

<sup>48</sup> Historicamente, de fato, a praça é definida como um espaço de uso público e de qualidade significativa de arquitetura e urbanística, centro de convergência ou centro de gravidade de uma determinada área urbana. A praça central ou o sistema de praças, que formam o coração da cidade em si, constituem o local desejado da representação da centralidade das instituições públicas, civis e religiosas, porque está limitada pelos principais monumentos, que encarnam as lembranças históricas mais significativas e congregam toda função pública. [...] Portanto, do ponto de vista cultural histórico, as praças produzidas dentro da cultura urbana do Ocidente constituem o espaço formal da comunidade estabelecida, o espaço central onde se faz a interseção da história civil, movimentos culturais e tendências da arte, cultura material, imaginário coletivo, projeções simbólicas, rituais, tradições e costumes de comportamento.



Imagem 7



49

Imagem 8

---

<sup>49</sup> As imagens 7 e 8 são da Praça Roma onde muito frequentemente os “velhos” se encontram para falar e jogar *Briscola*, jogo italiano de cartas.



Os discursos são os mais variados, contudo, predominam aqueles sobre política e sobre as partidas da prestigiosa “*squadra degli azzuri*”<sup>50</sup>. Joga-se carta e *si parla... parla*<sup>51</sup>, em um rigoroso italiano de tratativa e somente quando um “*brasiliano*” se aproxima, fala-se português.

Italiano de tratativa porque a língua italiana falada hoje é um “misto” de italiano correto, dialetos e português. Sendo a colônia feita de italianos de muitas proveniências de regiões diferentes, que vão do norte ao sul da Itália, com a chegada ao Brasil, algumas possibilidades linguísticas se apresentaram: a continuidade de um italiano comum promovido pelo pároco, inclusive porque, como já citamos antes, as missas eram em italiano; o nascimento de um italiano “misto” e, por fim, o português como meio de comunicação com os locais.

A análise da construção linguística em Pedrinhas Paulista, na medida em que é possível verificá-la, mostra que, à sua chegada o imigrante não falava o italiano, mas o dialeto de sua aldeia. Em seguida entrando em contato com outros imigrantes, provindo de outras regiões italianas que, por sua vez, falavam o próprio dialeto, ele teve que se adaptar por um italiano comum, a fim de comunicar-se com eles. Finalmente, o imigrante teve que de adaptar-se ao português-brasileiro, em sua variedade local, para os contatos com os brasileiros que ali moravam. Nesse quadro de fragmentação linguística, insere-se a aprendizagem e a manutenção do italiano dos pedrinhenses como meio de não esquecer suas origens. (CASTRO, 2002, p. 145)

Durante a nossa estadia em Pedrinhas as línguas utilizadas foram tanto o português como o italiano, com predominância do uso do italiano em suas diversas variantes: dialetal, gramaticalmente correto e “portugaliano” (misto de português com italiano). Assim é que nossas tardes na praça foram de muita escuta de histórias “*dei vecchi*”, narrando e re-narrando o evento imigração e as saudades da Itália.

Nestes “bate-papos”, as segundas gerações não faziam parte dos discursos e também não frequentavam a praça. Nós tivemos que começar a frequentar outros ambientes para termos acesso à segunda geração. Assim foi que passamos a frequentar outros ambientes, como o centro cultural, as escolas municipais, os cursos de italiano e a casa das pessoas para um café, em busca das narrativas dos “filhos de Pedrinhas” sobre os quais temos poucos dados, visto que a preocupação acadêmica até agora recaia sobre os “pais”. Em certo modo a questão das segundas

<sup>50</sup> *Azzurri* é o nome com qual o time nacional da Itália é chamado devido à cor da camisa, o azul escuro, a cor dos Savoia, que reinavam a Itália no momento da fundação da Federação Italiana de Futebol.

<sup>51</sup> Fala...fala. Tr. MN.

gerações no Brasil, muito devido ao processo de aculturação assimiladora do país e dos pais destas, principalmente no período entre as duas guerras mundiais, não se tornaram alvo de tantos estudos ou atenção social. A exceção dos filhos dos imigrantes japoneses por conta do fenômeno *decasséguis*, que se acentuou a partir do fim da década de 1980, colocando em evidência a questão do sentimento de pertencer a uma cultura determinada e ver-se negado este sentimento de “ser parte de”.

O fundamento histórico desta questão está no fato de que o Brasil, no final do século XIX e início de século XX, era um país com uma expressão linguística múltipla e com significativa presença das línguas italiana, alemã e japonesa. Todas respectivamente com seus dialetos que, pouco a pouco, tinham uma complexa afirmação, a de continuidade linguístico-cultural e de início de uma hibridação, pois começavam a misturar-se com o português. Contudo, na década de 1930, com o governo brasileiro de Getúlio Vargas, iniciou-se uma campanha de nacionalização, em parte para responder às pretensões europeias de colonialismo nacional, que restringiu o uso de idiomas estrangeiros, proibindo o imigrante de falar uma língua que não fosse a portuguesa. Procedimento este que incluía as ameaças de intervenção das forças armadas caso a norma não fosse respeitada. Em consequência, deu-se o início da formação de uma identidade brasileira conjuntamente à destruição de parte da memória histórica da imigração no Brasil.

A política de nacionalização que estamos praticando (...) abrange duas ordens de providência: umas, de alcance imediato, e outras cujos resultados dependem do tempo. Entre as primeiras, figuram as que concernem a um critério de selecionamento na permissão para a entrada e radicação de elementos alienígenas que se dirigem ao nosso país. (...) Entre as medidas de efeito imediato, as mais relevantes referem-se à obra de nacionalização iniciada nas escolas, em algumas regiões onde o afluxo da colonização estrangeira poderia criar, no curso do tempo, centros estranhos às pulsações da vida brasileira, pela persistência de costumes, hábitos e tradições e modos de ser peculiares a outras raças. A língua é um nobre instrumento de soberania nacional. A sua difusão, nos grupos de maior densidade que acabo de mencionar, formará gerações de bons brasileiros na infância e na adolescência, que, até agora, aprendiam pela cartilha dos seus maiores e não conheciam outra história senão a dos seus antepassados do lado oposto do oceano ou de outras latitudes. As forças armadas, que são instituições modelarmente nacionais, estão empenhadas nesta bela obra de patriotismo e também de previdência. A entrosagem dessas medidas, aplicadas habilmente, não nos fará temer qualquer possibilidade de incrustações de perturbadoras minorias étnicas no organismo nacional. Uma Nação deve ser desenvolvida, educada, ter uma identidade, um senso de unidade nacional. A um espaço sociopolítico dessa natureza é necessário coesão para a qual pode e deve contribuir o Estado em sua função de estruturação social; a unificação linguística fortalece o povo que constitui esse mesmo espaço sociopolítico, a nacionalização se fez enfim necessária. (VARGAS, 1937, p. 59-60.

Deste modo, a língua italiana foi proibida e todos deveriam falar o português. A violência nos institutos educativos foi absurda, pois que esta obrigação era destinada a quem sabia e a quem não sabia a língua portuguesa. A expressão linguística dialetal ou em um português “contaminado” com sotaques diversos passou a ser motivo de estigma, porque considerada sinônimo de ignorância e de não-brasileiros. Isto contribuiu muito para que os descendentes dos italianos não aprendessem o idioma dos pais (VITALINA *et al*, 2008, p. 139-167).

Contudo, esta situação começou a mudar devido às complexas mudanças sócio-históricas dos anos 80 que culminaram simbolicamente na queda do muro de Berlim, celebrada em 8 de novembro de 1989. Mudanças estas que abriram novas possibilidades de compreensão das identidades culturais e da própria memória dos imigrantes que começaram a ter um outro sentido.

A partir dos anos 1980, em um contexto sócio-histórico bem diferente dos anos 1930, com o aparecimento dos discursos sobre a globalização econômica, as especificidades “culturais” e “regionais”, como as que dizem respeito aos imigrantes, passam a adquirir lugar na mídia, de modo que se assiste, atualmente, a um certo revigoração dos elementos relativos à memória dos imigrantes. Nesse contexto, algumas cidades colonizadas por italianos passaram a inserir o ensino do italiano como língua estrangeira nas escolas. A presença desse discurso na mídia fez crescer, por exemplo, em 25% o índice de procura de cursos de italiano na cidade de São Paulo, em 1999, onde o número de descendentes de italianos chega a cinco milhões. (BOLOGNINI e PAYER, 2005. 44-45)

Pierre Bordieu, afirmou que, quando os indivíduos fazem um “discurso sobre si”, existem valores que se agregam (BORDIEU, 2000 p.189). O novo contexto da nova imigração dos anos 50 do século XX (que coincide inclusive com o final do último período de Getúlio Vargas) e o desejo da construção de uma italianidade hoje são os dois elementos principais de nossas impressões de Pedrinhas Paulista, seus pais e seus filhos, que nos serviram de ponto de partida para nossa empreendimento desta nova narrativa sobre si dos filhos de Pedrinhas. Hoje, a maior razão é devida ao aparecimento das ideias de globalização, regionalização, multiculturalismos e seus derivados, internet, mercado de trabalho etc., e devida também ao número efetivo de pessoas que vivem fora do país de nascimento e favorecem o estudo das segundas gerações como algo que faz parte da história dos pais, mas vai além desta.



#### 2.4. I Vecchi

Sabemos que na pesquisa sempre se pode observar, viver e criar novas perspectivas mesmo de temas já discutidos e revisitados. De certo modo, quando dizíamos a outras pessoas, do ambiente universitário ou daquele da cidade de Pedrinhas, que estávamos fazendo um estudo sobre a italianidade da cidade, a sensação era de estranhamento e, por vezes, o comentário era: “um outro estudo?! Ainda falar de Pedrinhas?”

Consideração compreensível devido ao fato que o núcleo colonizador de Pedrinhas, muito por sua particularidade histórica, já elucidada anteriormente, foi alvo de muitos trabalhos de iniciação científica, dissertação de mestrado, teses de doutorado e até de projetos práticos em antropologia social. Trabalhos estes, nacionais e internacionais, preponderantemente das várias áreas do conhecimento das ciências humanas como história, letras, psicologia, sociologia, antropologia etc., e que frequentemente focalizaram ou a formação deste núcleo ou a chegada/adaptação destes italianos, os pais de Pedrinhas.

Trabalhos como a tese de livre docência do Professor Joao Batista Borges Pereira, defendida em 1966, com o título de *Italianos no mundo rural Paulista* (PEREIRA, 2002). Publicada pela editora Pioneira e reeditada pela Edusp em 2002 e que ainda é um ponto de referência para quem quer compreender o mundo rural paulista após a segunda guerra mundial focalizando a construção da moderna sociedade brasileira.

A tese de doutorado de José Fernandes Martins Bonilha, realizada em 1967, com o título de *Organização social e educação numa comunidade de imigrantes italianos e seus descendentes*, (BONILHA, 1970), orientada pelo Prof. Florestan Fernandes. Nesta tese temos um início de análise também dos filhos de Pedrinhas, mas totalmente associados à história do pais e a uma leitura sociológica do momento histórico que considerava as diferenças culturais uma questão “étnica” muito estabelecida.

Na área da geografia agrária temos, em 1969, a tese de doutorado com o título *As colônias Bastos e Pedrinhas, estudo comparado de geografia agraria* (SALGADO, 1971), pela USP, publicada em 1971, onde o autor compara os imigrantes de origens diversas, sendo aqueles de Bastos provenientes do Japão e os de Pedrinhas provenientes da Itália. Apesar de serem imigrações de tempos históricos diferentes, o autor toma estas colônias como objeto de suas

análises pelo fato de ambas terem sido resultado de imigrações planejadas.

Em 1997 temos a tese de doutorado intitulada *O cooperativismo no Vale do Paranapanema. Estudo das cooperativas: Riograndense, Agropecuária de Pedrinhas Paulista e Coopermota (1980-1995)*, de Luiz de Castro Júnior, pela UNESP, que depois foi publicada pela editora Unimar. (CAMPOS, 2000). Este livro nos foi muito útil para uma primeira aproximação histórica sobre a formação da colônia de Pedrinhas e pelas indicações de primeiras leituras e dizeres dos “velhos” de Pedrinhas.

Em nível internacional, temos, em 2000, a tese de doutorado de Michele Petochi, do programa de doutorado da *Università degli Studi di Roma Tre*, na Itália, com o título *Menino, menina! Storie da un'oasi italiano in Brasile, Pedrinhas 1951-1991*<sup>52</sup>, publicado em 2008 pela editora Iannoni, na Itália. O autor descreve a transformação da língua italiana no momento da criação da colônia, primeiro no papel e depois na prática de sua implantação no Brasil, até a emancipação para Distrito. Descreve uma língua materna e uma língua inventada que, em sua tese, o autor não reconhece como italiano.

Para a nossa dissertação, interessa o fato de que variantes da língua italiana não significam necessariamente que não possam ser categorizadas como “italiano”, mesmo porque, ainda hoje na Itália, a língua oficial não produziu uma hegemonia total entre os diversos dialetos que, se em parte tendem a desvanecer, por outro ponto de vista são incentivados como forma de manutenção de uma história local. Isto sem citar a vivacidade da língua italiana que, como todas as línguas, é construção histórica viva e, assim, a expressão das novas gerações tende a mudar a forma falada e escrita da língua de Dante.

Uma tese de doutorado em geografia humana pela USP, utilizada como referência em nosso trabalho, é *Pedrinhas paulista: memória e invenção*, publicada posteriormente (CASTRO, 2002). Trabalho que pondera sobre a construção de um espaço imaginário, de uma outra Pátria, avaliando se a memória dos velhos, os pais de Pedrinhas, permanece nas novas gerações por meio da língua, dos costumes e dos espaços, reais ou imaginários, constituídos. Tese muito interessante para nossa dissertação no que diz respeito à diferença feita entre a história e memória utilizando-se de elementos constitutivos da formação cultural como a língua, os costumes e a arquitetura.

---

<sup>52</sup> *Menino, menina! historias de mm oásis italiano no Brasil, Pedrinhas 1951-1991*. Tr. MN.

Em 2003, temos a dissertação de mestrado em ciências sociais pela UNESP, com o título de *Eles fizeram a América: a saga dos imigrantes italianos de Pedrinhas Paulista* (ALCADES, 2003), em que a autora avalia o difícil processo de adaptação e aculturação dos imigrantes italianos, chegando à conclusão de que nem a “identidade étnica” nem o sentido de pertencer a um grupo “étnico” dos imigrantes foram anulados apesar de terem sido modificados. Nesse trabalho sobre os pais italianos – muito revelador sob diversos aspectos, e em particular modo, pela atenção à história da imigração italiana para o núcleo de Pedrinhas – tem o limite de focalizar a ideia da formação “étnica” da italianidade, reforçando a convicção de que existe uma formação étnica demarcada.

Em 2006, temos a dissertação de mestrado em letras pela USP, com o título de *Língua e alimentação: dois elementos da identidade italiana em Pedrinhas Paulista* (FERNANDES, 2006), que é uma produtiva leitura do emprego da língua italiana associada à alimentação dos imigrantes. A autora utiliza-se dos hábitos alimentares como um dos fatores de identidade cultural, bastante arraigado, para avaliar se o processo imigratório altera os usos linguísticos/gastronômicos dos italianos de Pedrinhas. Dissertação muito interessante e, por que não?, deliciosa, divertida e trágica por vezes, como pesquisa de campo desta autora de origem italiana que, inclusive, utilizou-se de sua mãe italiana para a realização de entrevistas em Pedrinhas, dando um sentimento de construção de uma memória afetivo-linguístico-gastronômica muito próxima aos nossos referimentos metodológicos. Contudo, mais uma vez, fala-se acuradamente dos pais de Pedrinhas e da formação subjetiva de uma nova italianidade sem incluir diretamente seus filhos neste empreendimento.

Todos estes trabalhos acadêmicos, mesmo se muito interessantes e úteis para o desenvolvimento de nossa dissertação, colocam em evidência, em diversas perspectivas como a sociologia, a nutrição, a geografia humana, a linguística, a centralidade dos pais de Pedrinhas, dos “velhos” italianos na empresa de confrontar-se com o Brasil. Trabalhos estes que não somente avaliaram estes pais mas também como, em certa medida, auxiliaram estes na construção de uma memória histórica através da realização de entrevistas e encontros na cidade. É importante narrar que a nossa presença inicial na cidade, para os primeiros contatos, foi de um certo espantoso para os “velhos”, quando dizíamos que o objetivo de nossa pesquisa era aquele de falar com os filhos deles e não com eles. Deste modo, pudemos observar nestes “velhos” uma reação de tranquilidade por não serem alvo de pesquisadores com suas entrevistas pela “milésima” vez e, ao

mesmo tempo, uma reação de surpresa. Um senhor italiano, sentado na praça central e com o qual conversávamos em italiano, comentou a respeito do objetivo de nossa pesquisa: “*Non ho capito! ma come mai parlare dei figli?*”<sup>53</sup>. A nossa impressão foi aquela de que estaríamos fazendo algo fora do lugar. Mas por que falar dos filhos? Afinal, eles se consideram e sempre foram considerados mais importantes como pioneiros, heróis e desbravadores e que “*cacchio centrano i nostri figli*”<sup>54</sup>?

A partir deste discurso dos velhos e dos novos, dos pais e dos filhos, podemos também fazer uma reflexão sobre a história e a memória, pois é uma elucidação que pode muito contribuir para a compreensão dos possíveis significados destas relações. Assim, é interessante observarmos que os verdadeiros monumentos históricos, como a primeira igreja, a primeira escola ou a casa do colono já não existem mais. Foram extinguidos para dar lugar a novas construções que não são diretamente relacionadas à história concreta da imigração destes italianos para o Brasil, que era em modo quase irônico, de “não lugar”, de possível habitação em terra própria, a Itália. Não lugar este que impedia a constituição de uma participação “*culturus*” na sociedade de origem, e assim sendo, de uma ideia de futuro. Portanto, estes “exilados” colocam abaixo construções históricas ligadas à chegada deles no Brasil e constroem uma memória de uma Itália de monumentos que eles mesmos não viveram, pois eram camponeses, mas que tem a potência da construção de uma identificação, assim, *culturus*. Em suma, se destroem os monumentos históricos que testemunharam o momento preciso da chegada destes italianos a Pedrinhas Paulista para se construir monumentos de uma memória coletiva de um passado “não vivido na Itália”, no sentido de que esta memória não é historicamente ligada às suas representações, mas que se perpetuam como características de uma futura ideia de italianidade no Brasil.

Exemplo de monumentos históricos<sup>55</sup> que não existem mais:

---

<sup>53</sup> Eu não entendi! Mas porque falar dos filhos? Tr. MN.

<sup>54</sup> O que têm a ver os nossos filhos com isto? Tr. MN.

<sup>55</sup> Na imagem 9 temos a antiga Casa do Colono e na imagem 10 temos a antiga escola.



Imagem 9



Imagem 10

A construção desta memória, após a destruição dos monumentos históricos realizada em Pedrinhas, é observável por toda a cidade. As tantas realizações arquitetônicas no estilo greco-romano, mas sem as mesmas proporções e historicidade das construções realizadas na Itália, são um exemplo imediato e eficaz da intenção de se constituir uma memória. Quem chegasse a Pedrinha Paulista, sem ter um mínimo conhecimento de sua história, seguramente não deixaria de indagar sobre estas construções que, independentemente da questionável qualidade arquitetônica que possam assumir, têm, sem dúvida alguma, uma força enorme de construção do desejo de refazer, neste caso, em modo concreto e palpável, como nos indica Ecléa Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55).

Para termos um exemplo visual concreto, eis algumas fotografias de edifícios atuais, que na constituição da memória dos pais de Pedrinhas, representam a Itália:





56

Imagem 11

---

<sup>56</sup> Na imagem 11 temos o Teatro Municipal; na imagem 12, o Centro Cultural; nas imagens 13 e 14, o Memorial do Imigrante, em duas angulações diversas, com os símbolos de todas as regiões da Itália de proveniências dos país de Pedrinhas, e na imagem 15, temos a nova igreja de São Donato.



Imagem 12



Imagem 13





Imagem 14



Imagem 15

Os pais de Pedrinhas souberam realizar através de série de atividades/trabalhos o que articula Ecléa Bosi na obra já citada: *A memória não é sonho, é trabalho*. Atividades como, por exemplo, a festa italiana que se realiza todos os anos com danças e comidas típicas, os cursos de língua italiana, o jogo de “*bocce*” etc. Estes pais construíram uma memória que nem sempre se fundamenta na realidade histórica por eles vivida no momento da chegada deles no Brasil. Aquelas atividades asseguram “*ai vecchi*” uma construção identitária de preservação de sua origem, mesmo se com a introdução de uma memória que é uma construção de língua italiana, visto que falavam somente em dialetos e não em italiano na Itália; uma construção arquetípica, uma vez que a representação dos monumentos em Pedrinhas não é a representação do que viveram na Itália *contadina*<sup>57</sup>; e até mesmo uma construção gastronômica, visto que na Itália camponesa dos anos pós segunda guerra mundial, comia-se pouco e com pouca variedade. Construção coletiva de uma memória/recordação inventada e produzida de um sentimento de pertencimento *a posteriori* de uma identidade étnica, cultural e linguística de empenho na seleção, no diferenciar-se e tornar coesa e estável a identidade do grupo. Nas palavras de Paul Ricoeur em seu livro *Ricordare, dimenticare, perdonare* (2004):

Non ci si ricorda da soli, ma con l'aiuto dei ricordi altrui. Inoltre i nostri pretesi ricordi sono molto spesso presi in prestito da racconti sentiti da altri. Infine è forse questo il punto decisivo, i nostri racconti sono inquadrati in racconti collettivi, essi stessi rafforzati da commemorazioni, celebrazioni pubbliche di eventi rilevanti, da cui è dipeso il corso della storia dei gruppi cui apparteniamo.<sup>58</sup> (RICOUER, 2004, p. 54)

Mas, e os nossos filhos de Pedrinhas? Como é a representação identitária destes filhos? São pessoas com duas matrizes identitárias em configuração de soma? É o que pretendemos indagar no próximo capítulo e que é, inclusive antropológicamente compreensível, não é uma cópia daquela dos “velhos”, fazendo antes alguns esclarecimentos sobre o nosso juízo de termos como cultura e identidade.

---

<sup>57</sup> Camponês. Tr. MN.

<sup>58</sup> Não recordamos sozinhos, mas com a ajuda das memórias dos outros. Além disso, as nossas pretensas memórias são muitas vezes emprestadas de narrativas ouvidas dos outros. Finalmente, talvez seja este o ponto decisivo, nossas histórias são enquadradas em histórias coletivas, reforçadas por comemorações, celebrações públicas de eventos significativos, a partir do qual dependia o curso da história dos grupos aos quais pertencemos.

## CAPÍTULO III – CULTURAS

### 3.1. O que é Cultura?

Na ordem lógica de uma dissertação sobre um assunto específico, comumente, os capítulos ditos teóricos vêm antes dos capítulos de observação. Nós decidimos inserir, seja o capítulo que aborda as questões culturais seja o capítulo que aborda as questões identitárias, posteriormente à exposição de nossas impressões sobre Pedrinhas, especificamente devido ao fato de que esta inversão pode nos oferecer uma moldura concreta às leituras culturais/identitárias para a discussão de temas complexos como estes.

Mas, o que é cultura? Definir um conceito, assim múltiplo como o de cultura, não é tarefa fácil. Assim, considerando esta multiplicidade e a necessidade de não nos restringirmos à mera conceituação do termo, partimos da epistemologia da palavra, com o fim de chegarmos a um juízo, ou seja, o que é cultura no desenvolvimento de nosso trabalho, com a possibilidade de abrir fronteiras e não de fechá-las (TOMANIK, 2004).

No primeiro capítulo do livro *Dialética da Colonização* (BOSI, 1992) encontramos uma interessante ponderação sobre três palavras de origem latina que derivam do mesmo verbo *colo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*, muito interessantes para a introdução deste tema amplo e complexo que é a cultura, ou melhor, as culturas: *Colo-cultus-cultura*.

*Colo* significou, na língua de Roma, eu moro, eu ocupo a terra, e por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo. Um herdeiro antigo de *colo* é *incola*, o habitante; outro é *inquilinus*, aquele que reside em terra alheia [...] *Colo* é a matriz de colônia enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar. [...] *Cultus* traz em si não só a ação sempre reproposta de *colo*, o cultivar através dos séculos, mas principalmente a qualidade resultante deste trabalho e já incorporada a terra que se trabalhou. [...] *Cultus* é sinal que a sociedade que produz o seu alimento já tem memória. [...] De *cultum*, supino de *colo*, deriva o outro particípio: o futuro, *culturus*, o que se vai trabalhar, o que se vai cultivar. [...] O seu significado mais geral conserva-se até os nossos dias. Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir as novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. (BOSI, 1992, p.11-14).

São três perspectivas temporais colocadas por Bosi, provenientes de três palavras latinas com a mesma raiz. Temos *colo*, com toda a sua gama de atividades e poder imediato, o presente, e depois, na forma nominal do verbo, *cultus* e *cultura*, que representam especificamente o passado e o futuro. Estas três dimensões temporais, passado – presente – futuro, são fundamentais para entendermos o processo de formação cultural humano. No tempo passado, com o *colo*, temos um início de habitar, morar e ocupar a terra, que, por extensão, pode ser entendido como o trabalhar e cultivar a terra, a atividade prática do desenvolvimento humano que produz algo. Sucessivamente, este viver/trabalho elaborado vai produzindo um passado, uma experiência que será denominada *cultus*, palavra atribuída ao campo já trabalhado, algo de cumulativo, o resultado de *colo*. Nas palavras citadas acima de Bosi: “*Cultus* é sinal de que a sociedade que produz o seu alimento já tem memória”. Palavra inclusive ligada às cerimônias fúnebres daqueles que morrem sepultos na terra, habitação, *colo*. E, por último, temos *culturus*, para designar o que se vai trabalhar, o que se quer cultivar, como citado, “*Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações*” para um novo futuro. Tem um senso de planejamento e de projeto.

Curioso observar que hoje, em nome de uma cultura pregressa, temos uma tendência à cristalização no passado de algo que em sua origem tinha ideia de utilizar sim um conhecimento adquirido como base para um futuro diferente. A própria ideia de colonizar teve no passado um senso de novo início. Tanto que os descobridores da América a designaram como “novo mundo” e se, de uma parte, reproduziram a cultura de proveniência, de outra, fizeram um novo mundo que não se constituiu na cópia exata do velho. Eis porque Bosi diz que a colonização não pode ser tratada como simples migração:

As tensões internas que se dão em um determinada formação social resolvem-se, quando possível, em movimentos para fora dela enquanto desejo, busca e conquista de terras e povos colonizáveis. Assim, o desequilíbrio demográfico terá sido uma das causas da colonização grega no Mediterrâneo entre os séculos oitavo e sexto antes de Cristo. E a necessidade de uma saída para o comércio, durante a árdua ascensão da burguesia, entrou como fator dinâmico do expansionismo português no século XV. Em ambos os exemplos, a colonização não pode ser tratada como uma simples corrente migratória: ela é a resolução de carências e conflitos da matriz que tentava retomar, sob novas condições, o domínio sobre a natureza e o semelhante que tem acompanhado o chamado processo civilizatório. (Ibidem, p 13).

É paradoxal que o abandono da cultura de proveniência seja, de certo modo, relacionado ao desejo de fazer cultura, de produzir e esperar algo do futuro, que na terra de origem não era ou não se acreditava mais possível. Não é por acaso que muitos migrantes se transformam em nacionalistas no exterior, próprio por este paradoxo. A complexidade é que sendo a experiência adquirida anteriormente, o *cultus*, diferente do *cultus* do lugar de chegada, para muitos se iniciam os problemas de convivência pelos diversos *culti*, que será descrita como conflito cultural a que hoje damos o nome de multiculturalidade ou interculturalidade.

Deste modo, nesta crise de encontros e desencontros de *culti*, podemos observar, por exemplo, na Itália hoje, por parte de algumas facções políticas de extrema direita, um explícito convite endereçado ao “*inquilinus*”, palavra derivada de *colo* com o significado de pessoa que vive em terra alheia (Ibidem, p.11), que solicita a este se adaptar às regras da casa e, caso não esteja satisfeito, de retornar a sua casa. Questão central hoje nas migrações na Europa ocidental.

Alguns exemplos de manifestos de extrema direita, extraídos do site oficial do partido político da “*Lega Nord*”<sup>59</sup>, contra a presença dos “*inquilinos*”, ou seja, dos “outros” na Itália que usam os termos “*casa nostra, padroni, loro*”<sup>60</sup>, nos podem fazer compreender esta questão em modo prático, e porque não afirmarmos, em modo dramático para os estrangeiros que hoje vivem na Itália.

---

<sup>59</sup> Lega Nord é o nome de um partido político de extrema direita que representa, segundo os seus líderes, os interesses e a identidade *Padana*, região geográfica da *pianura padana* onde se encontram as regiões do *Piemonte*, *Valle d’Aosta*, *Lombardia*, *Emilia Romagna*, *Veneto*, *Friuli-Venezia Giulia* e *Trentino-Alto Adige*.

<sup>60</sup> Casa nossa, os patrões, eles. Tr. MN. Referindo-se aos outros vindos de fora.





Imagem 16

<sup>61</sup> Patrões em nossa casa? Agora chega! Milão torne aos milaneses. Tr. MN. Cartaz contra a presença dos chineses em Milão.



Imagem 17

---

<sup>62</sup> Eles não puderam colocar regras para a imigração. Agora, eles vivem nas reservas indígenas. Pensa nisto! Tr. MN.

Questão esta muito importante para a nosso entendimento de que não se trata somente de uma definição acadêmica de cultura sem consequências político-sociais de grande complexidade. Em nome da cultura tem-se produzido horrores na Itália moderna e a separação entre o “nós”, italianos, e os outros, estrangeiros e seus filhos que, mesmo se nascidos na Itália, não são considerados italianos se seus genitores são estrangeiros. Segundo a atual lei italiana sobre a imigração, a lei n.º. 189/2002, conhecida por lei “Bosi-Fini”<sup>63</sup> em referimento aos dois parlamentares que a apresentaram, o direito à cidadania é baseado sobre o “*ius sanguinis*”. Esta lei regulamenta, entre outras questões, que um filho de estrangeiro nascido na Itália é estrangeiro e que ao completar dezoito anos deve, caso não encontre trabalho entre seis meses, sair obrigatoriamente da Itália e retornar ao “seu” país. Frequentemente, estes adolescentes de segunda geração não escrevem e não falam mais a língua de seus genitores e, ao retornar à terra de proveniência dos pais, são ali também considerados estrangeiros em uma situação, ao invés de dupla cidadania, de dupla negação.

Afinal, a ideia de cultura não pode e não deve se restringir somente a sua etimologia ou análise acadêmica, apesar desta ser muito interessante para a avaliação do fundamento histórico da formação do pensamento sobre a cultura. Hoje, em nome da palavra cultura podemos ter inúmeros significados, que procuraremos elucidar brevemente, ressaltando, contudo, o nosso compromisso político-social na compreensão deste termo que nos remete à ideia da produção dos homens no mundo.

Assim, na perspectiva da longa história, cultura passou a designar o conjunto de tantas partes da produção existencial humana, seja aquela qualitativa relacionada ao sentido formativo do ser cultural que é o homem, seja aquela quantitativa relacionada com a informativo do ser cultural:

L’insieme delle cognizioni intellettuali che, acquisite attraverso lo studio, la lettura, l’esperienza, l’influenza dell’ambiente e rielaborate in modo soggettivo e autonomo diventano elemento costitutivo della personalità, contribuendo ad arricchire lo spirito, a sviluppare o migliorare le facoltà individuali, specialmente la capacità di giudizio. Complesso delle istituzioni sociali, politiche ed economiche, delle attività artistiche e

---

<sup>63</sup> A questão da lei “Bosi-Fini” na Itália hoje está ainda em andamento, pois o político Gianfranco Fini, ex-parlamentar de grupos de direita como “*Alleanza Nazionale*” e “*Popolo della Libertà*” tem assumido publicamente posições mais moderadas e inclusive a necessidade de mudar a cidadania da “*ius sanguinis a ius solis*”, em consideração às segundas gerações.



scientifiche, delle manifestazioni spirituali e religiose che caratterizzano la vita di una determinata società in un dato momento storico.<sup>64</sup> (TRECCANI, *On-line*)

Fazendo uma breve linha histórica de seu desenvolvimento, a noção de cultura já era presente no pensamento antigo grego como sinônimo de educação e atividade, seja física ou intelectual, com o nome de *paidéia*:

Nel suo significato letterale ed originario vale "educazione" come tecnica con cui il fanciullo è preparato alla vita. Nondimeno il termine nel mondo ellenico andò sempre più arricchendosi di significato, fino ad esprimere l'ideale della formazione umana; non più dunque, preparazione alla cultura, ma la cultura stessa in quanto "valore" della personalità.<sup>65</sup> (SANSONI, 1957, v.3)

A ideia de cultura neste período é ao mesmo tempo promotora e resultado, uma questão qualitativa e pessoal no sentido de formação quase contemplativa. Os latinos, em contato com a cultura helênica, traduziram “*paidea*” do grego com a palavra “*humanitas*”, mas com o mesmo significado. É a partir do século V a.C., com o desenvolvimento da democracia e o crescimento dos sofistas na Grécia, que a ideia de um processo de formação do indivíduo, através da educação, daria a ele a possibilidade de acesso a técnicas necessárias para a convivência social e a participação política, atribuindo um novo significado a “*paidea/humanitas*”. (MARROU, 1978).

No período medieval a cultura será tutelada pela religiosidade, que criará instituições destinadas à perpetuação da cultura, cultura religiosa, através da educação. Este evento será muito importante porque é quando a cultura, entendida como saberes a preservar e transmitir, se reforça na característica institucional em sua organização. No mundo antigo existiam algumas instituições como, por exemplo, a Academia Platônica na Grécia ou as Escolas de Ensino

---

<sup>64</sup> O conjunto do conhecimento intelectual, adquirido através do estudo, da leitura, da experiência, da influência do ambiente e da reelaboração subjetiva e autônoma, tornam-se o elemento constitutivo da personalidade, contribuindo para enriquecer o espírito, para desenvolver ou melhorar faculdades individuais, especialmente a capacidade de julgamento. Conjunto de instituições sociais, atividades políticas e econômicas, científicas e artísticas, os eventos religiosos e espirituais na vida de uma dada sociedade num dado momento histórico. Tr. MN.

<sup>65</sup> No seu significado original e literal é “educação” como técnica com a qual a criança está preparando-se para a vida. Não é acaso que no mundo helênico este termo foi sempre se tornando mais enriquecido de significados até expressar o ideal de formação humana; não mais, então, preparar-se para a cultura, mas a própria cultura como

Superior em Roma, mas a Universidade como a conhecemos hoje nasce das corporações religiosas (TORRESANI, 1994).

É no período do humanismo que a cultura volta a ser laica com preocupações não estritamente religiosas, como no período medieval. No humanismo se reforça a ideia de que a cultura tem que ser quantidade de conhecimento racional com seu aparato ideológico, que são as universidades, agora apoiadas pelo método científico. É na segunda metade do século XVIII, com o desenvolvimento da antropologia alemã e os estudos de culturas “primitivas”, que o conceito de cultura começa a não ser estritamente intelectual e começa a abrigar os hábitos e as capacidades adquiridas e transmitidas socialmente:

La cultura non designa più, come avveniva ancora nella concezione illuministica, soltanto le attività specificamente intellettuali, ma comprende anche le abitudini e tutte le capacità acquisite e trasmesse socialmente; di conseguenza, vi è cultura, ovunque esista o sia esistita una società umana con propri modi di vita. Questa estensione del concetto di cultura da un lato a tutte le manifestazioni dell'esistenza sociale, dall'altro a qualsiasi gruppo umano, ha costituito il fondamento teorico dei vari tentativi di ricostruzione delle tappe di sviluppo dell'umanità, compiuti dai principali esponenti dell'antropologia evoluzionistica.<sup>66</sup> (TRECCANI, *On-line*).

Os estudos de antropologia cultural revolucionaram a percepção de que a cultura vai além da atividade dos estudos formais e foram muitos os estudiosos que deram prosseguimento a tal ideia de cultura. Com Franz Boas, por exemplo, no início do século XX, com seu conceito fundamental de que a cultura não é genética e sim resultado de experiência, começa-se a falar em “culturas”, estudadas cada uma em sua particularidade, e não cultura em geral. E tantos outros antropólogos, como Malinowski e Benedict, que não somente reafirmaram a diferença entre as culturas, mas também o fato de que estas plasmam a personalidade das pessoas que nelas vivem, declarando que a personalidade individual representa somente uma variante daquela coletiva. Deste modo, nasce a ideia axiológica das culturas, ou seja, mesmo que muitas delas sigam um

---

"valor" da personalidade. Tr. MN.

<sup>66</sup> A cultura já não designa, como acontece na concepção iluminista, apenas as atividades especificamente intelectuais, mas também inclui todas as capacidades e hábitos adquiridos e transmitidos socialmente, portanto, existe cultura onde quer que exista ou existiu uma sociedade humana com suas próprias formas de vida. Esta extensão do conceito de cultura, de um lado, em todos os eventos da existência social; do outro, a qualquer outro grupo humano, formando a base de várias tentativas teóricas para reconstruir as fases de desenvolvimento da humanidade, feita por expoentes da antropologia evolucionista. Tr. MN.

modelo de valores. Mais tarde, a antropologia afirmará que uma cultura não pode ser compreendida senão na comparação com outra cultura, dando ênfase assim ao fato de que existe uma relação entre as culturas.

Juntamente com a antropologia, a psicanálise arrostou o tema, por exemplo, no livro *Totem e Tabu*, editado originalmente em 1912-13 (FREUD, 1985), onde o autor evidencia um paralelo entre ontogênese e filogênese, ou seja, entre a psique individual e a cultura da espécie. Na sociologia se começa a fazer distinção entre a cultura e o processo civilizatório, especificando que a cultura seria o meio, ao mesmo tempo objetivo e simbólico, pelo qual as pessoas conseguem socializar, criando também as categorias das subculturas.

O pós segunda guerra mundial é o período que podemos considerar o início das novas questões sobre a relação entre as culturas, data esta que Stuart Hall considera o marco inicial do sentimento de supressão do homem. A cultura e o processo de aculturação começam a ser considerados dentre questões como igualdade/diversidade, paz/guerra, domínio/subordinação etc. Uma obra recente muito interessante que devemos citar é o livro *The interpretation of cultures* (GEERTZ, 1973), que define cultura como uma “teia de significados” de onde tiramos a nossa visão de mundo. Um outro fator histórico, do pós segunda guerra mundial, de extrema importância para o desenvolvimento da noção de cultura, está ligado à queda do muro de Berlim, em 1989, como um símbolo do fim da guerra fria e dos Estados Nacionais fortes com suas fronteiras culturais e identitárias muito delineadas.

A questão é que hoje existem mais de cento e cinquenta definições diferentes para responder a questão “o que é cultura” (KROEBER e KLUCKHOHN, 1982). Todavia, o que nos interessa, em modo particular, é a dimensão atual da ideia de cultura que reflete mais sobre a capacidade de as pessoas influírem sobre a formação das culturas. O nosso papel ativo no definir e redefinir a ideia de cultura, ou das culturas, de pertencimento. Hoje, o que parece evidente, é a rejeição de um conceito rígido de cultura devido ao fluxo de culturas locais e globais em contato pelo mundo afora, e a abertura para a construção da própria cultura como algo vivo que se volta para o futuro, ou seja, não somente *colo* e *cultus*, mas também *culturus*.

### 3.2. “Ismos” – multicultural, intercultural e transcultural

Devido ao contemporâneo aumento dos fenômenos migratórios e à sua extensão generalizada a todos os países do planeta, temos uma mudança nos termos lexicais do cotidiano. Terminologias que, de uma parte, em modo propositivo e esperado, devem ser vistas no contexto da pesquisa pós-moderna que submete a exame uma realidade social sempre mais complexa e fragmentada sem procurar estruturas comuns; de outra parte, às vezes, parece-nos resultado do velho hábito de tecnicamente procurar soluções aos conflitos sociais produzindo especializações das especializações, assim, os “ismos” vão se multiplicando em conjunto com a quantidade de especialistas no assunto, por exemplo, a psicologia intercultural.

Marco Aime, antropólogo da Universidade de Genova, em seu livro *Eccessi di culture*<sup>67</sup> (2004), nos convida a ponderar sobre um certo exagero na utilização da palavra cultura em todas as suas declinações e seus derivados, em modo muito provocativo e até paradoxal da parte de um antropólogo, colocando em questão um dos paradigmas da própria antropologia, ou seja, a ideia de cultura. Segundo este autor, palavras como “multiculturalismo” ou “interculturalismo” acabam tendo muitas definições inclusive contraditórias e se transformam em “lugares-comuns” que não comunicam mais nada, ou o que é pior, são instrumentalizadas:

Parole come cultura, identità, etnia, razzismo compaiono con sempre maggiore frequenza nei discorsi dei politici, e spesso se ne abusa [...] c'è un eccesso di attenzione che oggi si muove attorno alle culture, alle diversità, alle identità, ma ci troviamo di fronte a una sindrome della cronaca.<sup>68</sup> (AIME, 2004, p.4).

Certamente que este notório antropólogo não deseja questionar a existência das diversas culturas e sim o fato de que o discurso das culturas seja feito frequentemente para enfatizar as diferenças, quase jamais para realçar elementos comuns, ou para enfatizar a atenção sobre os

---

<sup>67</sup> Excesso de cultura. Tr. MN.

<sup>68</sup> Palavras como cultura, identidade, etnia, racismo, aparecem com maior frequência nos discursos dos políticos, e muitas vezes de modo abusado [...] há um excesso de atenção que hoje se move em torno das culturas, a diversidade, as identidades, estamos lidando com uma síndrome das notícias. Tr. MN.

localismos, destacando as fronteiras com a evidente prerrogativa de novas divisões. Marco Aime reforça a ideia de que as culturas não são da ordem natural das coisas, ou seja, são o resultado de nossas atividades humanas onde o estabelecimento de fronteiras muito evidentes entre uma cultura e outra é questão complexa.

Cultura [...] un sovrapporsi e un intrecciarsi di storie, idee, gusti, identità, sogni, scienze. È più facile pensare a linee nette che segnano i confini precisi, frontiere che ci piace credere come naturali e pertanto difficili da cancellare. “Le frontiere? – ha affermato il grande viaggiatore norvegese Thor Heyerdhal – Esistono eccome. Nei miei viaggi ne ho incontrate molte e stanno tutte nella mente degli uomini”.<sup>69</sup> (Ibidem, p. 6).

O excesso de cultura se encontra também como resultado dos atuais conflitos sociais que predominam na Europa, habituada, no passado, a enviar pessoas para fora de seus países, e “hoje” recebe muito imigrantes e tem que se confrontar com a inserção social das segundas gerações que, não se sentindo estrangeira, solicita os mesmo direitos dos cidadãos filhos de “nativos”. Os conflitos sociais provenientes desta complexidade social, em vez de serem tratados como questões da política destes países, se transformam em questões culturais:

Spostando il dibattito da un piano politico a un piano culturale, da un lato si rimuovono le cause sociali che stanno alla base di tensioni e conflitti, sottraendo in questo modo al giudizio della gente la possibilità di riconoscere quelli elementi che invece potrebbero essere condivisi con gli stranieri (non tutti hanno rimosso il nostro passato da emigranti). Dall’altro, basandosi sui concetti quali cultura o identità come fossero elementi immutabili, ascritti e inamovibili, si riformula il problema ponendolo come una questione di fede e come tale non suscettibile di mediazioni.<sup>70</sup> (Ibidem, p. 23).

---

<sup>69</sup> Cultura [...] uma sobreposição e entrelaçamento de histórias, idéias, gostos, identidade, sonhos, a ciência. É mais fácil pensar em linhas que marcam os limites precisos, as fronteiras que nós gostamos de acreditar como natural e, portanto, difícil de apagar. "Fronteiras? - Disse o grande viajante norueguês Thor Heyerdhal - Certo que existem. Em minhas viagens eu encontrei muitas e todas elas estão na mente dos homens." Tr. MN.

<sup>70</sup> Movendo o discurso da política para uma questão cultural, de um lado, se removem as causas sociais que estão na base das tensões e conflitos, assim subtraindo-se ao julgamento das pessoas a oportunidade de reconhecer esses elementos, que poderiam ser compartilhados com os estrangeiros (não todos se esqueceram do nosso passado de emigrantes). Em segundo lugar, de outro lado, sobre os conceitos como a cultura ou da identidade como algo imutável, processado e afastado, reformula-se o problema, colocando-o como uma questão de fé e, como tal não passível de mediação. Tr. MN.

Questões culturais estas que classificam, em base, a multicultural, os núcleos culturais e suas características sem considerar que as culturas não são homogêneas, nem mesmo no âmbito de seus próprios referimentos:

Como afferma Davide Zoletto, o multiculturalismo è un assunto che si basa quantomeno su un doppio errore. Che un individuo sia per così dire completamente o ampiamente sovradeterminato da una cultura, e che le nostre società fossero (o che le società in generale possano mai essere) monoculturali prima dell'arrivo dei migranti.<sup>71</sup> (Ibidem, p.24)

Em certo modo, o conceito de multiculturas substituiu aquele de etnias. Não se podendo mais utilizar o conceito de etnia devido ao seu desgaste histórico provocado pelos muitos racismos do passado e atuais, criaram-se novos termos para afrontar a complexidade contemporânea das imigrações. Ou, nas palavras de Aime, o termo multiculturalismo “*finisce per essere una riproposizione, in chiave non conflittuale, della diversità culturale*”<sup>72</sup>. Termo questionável também porque, além de produzir uma tecnologia do controle especialista como, por exemplo, aquela dos mediadores ou psicólogos multiculturais, produz também mais fronteiras impedindo inclusive outras possibilidades:

Un'istituzione che utilizza i mediatori culturali ammette implicitamente l'impossibilità, o almeno la difficoltà, a confrontarsi con gli stranieri residenti sul territorio di competenza [...] Il mediatore rettifica la cultura, la rende visibile e finisce per diventarne una sorta di rappresentante ufficiale istituzionalizzato, sottraendola alla sua natura aperta e fluida e impedendo in tal modo agli individui di esercitare altre opzioni disponibili.<sup>73</sup> (Ibidem, p. 61-62)

---

<sup>71</sup> Como diz David Zoletto, o multiculturalismo é um assunto que se baseia em pelo menos um duplo engano. Que um indivíduo seja totalmente ou em grande parte, por assim dizer, sobre determinado por uma cultura, e que a nossa sociedade seja (o que a sociedade em geral nunca pode ser) monocultural antes da chegada dos migrantes. Tr. MN.

<sup>72</sup> Acaba por ser uma reafirmação, em chave não-conflitual, da diversidade cultural. Tr. MN.

<sup>73</sup> Uma instituição que usa mediadores culturais admite implicitamente a impossibilidade, ou pelo menos a dificuldade em lidar com os estrangeiros que residam no território de competência [...] O mediador deve retificar a cultura, tornando-a visível acaba tornando-se uma espécie de representante oficial institucionalizado, removendo a sua natureza aberta e fluida e impedindo as pessoas de exercitarem outras opções disponíveis. Tr. MN.

Outra diferença importante que pode auxiliar-nos a entender a criação de tantos termos para as questões da cultura, em particular o “multiculturalismo”, é a diferença entre os termos “diversidade cultural” e “diferença cultural” como opostos, pensados por Homi Bhabha, (1988), que descreve a diversidade cultural como um conceito já conhecido há muito tempo e que, em certo modo, é um lugar-comum das sociedades pluralistas e democráticas que se utilizaram deste conceito “multicultural” para a própria contenção da ideia de diferença e que acabaram por provocar mais racismo próprio por isto:

O multiculturalismo representou uma tentativa de responder e ao mesmo tempo controlar o processo dinâmico da articulação da diferença cultural, administrando um consenso baseado numa norma que propaga a diversidade cultural. Minha intenção ao falar de diferença cultural, mais que de diversidade cultural, é reconhecer que este tipo de perspectiva liberal relativista é inadequado em si mesmo e de modo geral não admite a postura normativa e universalista a partir da qual ele constrói seus julgamentos culturais e políticos. (BHABHA, 1990, p. 35)

Já o conceito de diferença, que não é a diversidade cultural que leva ao multiculturalismo, segundo Homi Bhabha, está relacionado às teorias pós-estruturalistas e nos coloca a questão da construção das diferenças em vez do reconhecimento das “diversidades culturais”:

A diferença de culturas não pode ser uma coisa para ser encaixada numa moldura universalista. Culturas diferentes, a diferença entre as práticas culturais, a diferença na construção de culturas dentro de grupos diferentes, com grande fazem existir no seu meio, e entre elas próprias, uma incomensurabilidade. (Ibidem, p.36)

Após a criação do termo sociológico multicultural, surgiu o termo pedagógico “intercultural” para dar instrumentos metodológicos de atuação de campo e, mais adiante, apareceu o termo “transcultural” como uma ideologia da soma de tudo. Assim, em definições mutualísticas muito simplistas e difusas, multicultural, intercultural e transcultural seriam:

Con il significato di multiculturale si può intendere la compresenza, su uno stesso territorio, di popoli differenti per etnia, lingua e cultura [...] delinea una pluralità di

popolazioni nell'ambito di uno stesso contesto territoriale. [...] Invece il termine interculturale presuppone l'impegno nel ricercare forme, strumenti, occasioni per sviluppare un dialogo tra le culture e un confronto costruttivo e creativo, che presuppongano la capacità di promuovere situazioni di comparazione di idee, valori, culture differenti, nella ricerca di punti di incontro che valorizzino le diversità e le differenze [...] In base a questi presupposti concettuali risulta possibile delineare l'idea di una transculturalità intesa come capacità di attraversare i confini delle singole culture in virtù della consapevolezza della nostra comune appartenenza alla comune specie umana e a un'unica madre Terra, nella condivisione di un progetto di cittadinanza planetaria, sorretta dai principi e dai valori di un'etica universale.<sup>74</sup> (TUSSI, 2010).

Definições estas muito despojadas de análise crítica, pois que cheias de contradições como, por exemplo, a ideia inflexível das culturas como algo monolítico que se confrontam.

Stuart Hall, em uma leitura genealógica da etimologia dessas palavras, definiu o multiculturalismo como um termo que descreve as características sociais e os problemas de “*governance*” de qualquer sociedade onde habitem comunidades sociais diferentes e que tentam construir uma vida em comum conservando, ao mesmo tempo, elementos da identidade da terra de origem (HALL, 2006).

O conceito de *Governance* nos parece muito pertinente para entendermos o desenvolvimento das diversas culturas, internamente heterogêneas, inclusive em suas diversas variantes e declinações em “ismos” como multiculturalismo, interculturalismo e transculturalismo. Este conceito nos oferece uma historicidade, dando um contexto onde a produção de um texto – “cultura/ismos” – pode ser considerado uma tentativa de homogeneizar o que não é homogeneizável. Deste modo a promoção da ideologia filosófica de “cultura/ismos” sustenta as diversas práticas sociais dos diversos mediadores deste fenômeno, criando uma rede complexa de poderes institucionais que transformam esta filosofia em algo que parece natural. Países como o nosso, o Brasil, ideologicamente começam a acreditar e a construir um “ser brasileiro” homogêneo para poder confrontar-se, em nome do bem comum e da inclusão dos

---

<sup>74</sup> Com o significado de multicultura poderíamos entender a co-presença, em um mesmo território, de povos de diferentes por etnia, língua e cultura [...] delineando uma pluralidade em um certo contexto territorial. Ao invés, a interculturalidade implica compromisso de buscar formas, ferramentas e oportunidades para desenvolver um diálogo entre culturas, construtiva e criativamente, que exige a capacidade de promover situações de confronto de ideias, valores, culturas diferentes, em busca de pontos reunião que valorizem a diversidade e as diferenças [...] com base nessas premissas, é possível delinear a idéia conceitual de um significado de transcultura como a capacidade de atravessar as fronteiras de culturas individuais em virtude de nosso pertencer a comum espécie humana e a única mãe Terra, compartilhando um projeto de cidadania global, apoiada pelos princípios e valores da ética universal. Tr. MN.



outros, com a cultura dos bolivianos, peruanos, africanos e tantos outros. Inúmeros são os cursos institucionais que, trabalhando em nome da diversidade das culturas, produzem enrijecimento da própria ideia de cultura. O hibridismo, dentro desta ideologia, vem entendido como a convivência pacífica das diversas culturas.

Em síntese, todas as culturas são multiculturais a partir da formação e desenvolvimento delas mesmas e seria somente idealismo compreender que existem culturas puras e monolíticas. Eis o *know-how* brasileiro que, infelizmente, está se perdendo por causa de leituras estreitamente ligadas à imigração nos Estados-Unidos, Canada e Europa, e do modo de eles se relacionarem com o diverso, com o “outro”. Na atual imigração no Brasil, de pessoas de varias proveniências, estamos tratando a questão, que é político-social antes de tudo, como uma questão de ideologia cultural. Os imigrantes se configuram sim como sujeitos provenientes de “fora”, mas primeiro de tudo são pessoas com projetos subjetivos diversos que não estão dentro da categoria “cultura/ismos” e que são acopladas a outra ideia que devemos compreender melhor, a ideia de identidade, que avaliaremos a seguir.

## CAPÍTULO IV – IDENTIDADES

### 4.1. Suas pluralidades

Falar em identidade é realmente complexo devido à enormidade de significados que esta palavra historicamente foi acumulando e hoje, em particular modo, os usos diferentes que pode ter. É uma temática em movimento com a qual nos confrontamos todos os dias, mesmo que inconscientemente, com tantos possíveis exemplos, como quando vamos fazer a nossa carteira de identidade, quando alguém nos pergunta quem somos e respondemos aquilo que fazemos, quando queremos descobrir conjuntamente com o psicólogo/psicoterapeuta o “quem sou”, quando dizemos que gostaríamos de sermos outros e assim por diante. Identidade é tema do cotidiano existencial e também das reflexões filosóficas, antropológicas, sociológicas, epistemológicas, psicológicas etc. É um tema oceânico e ao mesmo tempo muito relacionado com a nossa vida prática porque o nosso eu é constituído em sociedade.

O seu significado inicial, etimológico, que seguramente não dá conta de toda a sua complexidade, é relacionado a sua proveniência greco-latina. Do latim, *identitas –atis, que foi extraída do grego, ταυτότης*, (tautotes) com o mesmo significado de igual, o ser idêntico (TRECCANI, *On-line*). É a ideia do conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa de todas as outras, como por exemplo, na carteira de identidade onde eu certifico que sou “eu” e não um outro. Ideia esta muito interessante porque podemos afirmar que o nascimento do eu é relacionado com a distinção do outro, em processo social coletivo.

Neste processo de identificação de nossa singularidade em relação aos outros, várias coisas ocorreram, das quais podemos tirar algumas conclusões interessantes. Uma delas é a multiplicação dos sentidos do “eu”, ou melhor, dos “eus”. Ou seja, temos um “eu” filosófico que indaga sobre o sentido existencial da nossa presença no mundo, um “eu” religioso/místico que indaga o senso de missão e de chamado, um “eu” psicológico intrapsíquico que vai buscar dentro da alma/anima, um “eu” sociológico que se vê participante e resultado/resultante de si mesmo e dos outros, um “eu” linguístico que através do idioma aprende a pensar em certos modos, um

“eu” jurídico/político/institucional de reconhecimento de minha presença no mundo oferecendo-me uma participação ou não de cidadão, um “eu” étnico/cultural proveniente de um grupo específico com suas particularidades e contradições internas, tantos “eus” possíveis e que seriam não somente impraticáveis de aprofundar como tema, mas principalmente não correspondem ao nosso intento nesta dissertação.

O que nos interessa na acepção da identidade e que serve como contexto da discussão sobre os “filhos de Pedrinhas” são os questionamentos da sociologia contemporânea que, em modo substancial, vão enfatizar alguns princípios para nós fundamentais, mesmo que com variantes entre as diversas perspectivas sociológicas. Princípios descritos em algumas afirmações de importantes sociólogos e antropólogos italianos modernos, como: “*l’identità non è unica ed immutabile*”<sup>75</sup> (REMOTTI, 1996, p. 29), existente em diversas formas; a questão de que “*l’identità non è un qualcosa di innato, legato a dei valori primordiali (sangue, lingua, territorio), ma è “un’invenzione”, un “costrutto collettivo”*”<sup>76</sup> (FABIETTI, 1998, p. 21), segundo fatores sociopolíticos segundo os quais estes elementos de sangue, língua e território seguramente fazem parte da formação identitária, mas não podem ser considerados como sinônimos imediatos. Princípios estes que estão em concordância com as perspectivas da psicologia social construcionista.

Segundo J.L. Amselle, célebre antropólogo social francês e atualmente diretor da *Ecole de Hautes Etudes en Sciences Sociales* de Paris, afirma que a constituição da identidade é o resultado de uma atividade de reconhecimento que ocorre em dois níveis diferenciados de processo. O primeiro nível seria aquele chamado interno e o segundo nível seria aquele externo. Obviamente interno e externo relacionados ao contexto social e não à ideia de que :

Il primo livello di produzione viene attivato dagli stessi membri del gruppo etnico che selezionano alcune caratteristiche comuni e le trasformano in tratti distintivi del gruppo, che diventano poi il “metro di giudizio” per stabilire chi fa parte del gruppo e chi no [...] Il secondo livello invece viene prodotto dagli “altri”, coloro che non fanno parte del

<sup>75</sup> A identidade não é única e nem imutável. Tr. MN.

<sup>76</sup> Identidade não é alguma coisa de inata ligada a valores de sangue, língua e território, é sim são uma invenção, uma construção coletiva. Tr. MN.

gruppo, che riconoscono l'appartenenza di determinati soggetti ad un certo tipo di gruppo.<sup>77</sup> (ANSELLE, 1999, p. 103 e 134).

Stuart Hall (1997), definiu como estereotipização o processo de manutenção da ordem social e simbólica que acaba estabelecendo uma fronteira entre o normal e o desviante, o normal e o patológico, o aceitável e o inaceitável, o que pertence e o que não pertence, o nós e o eles. “Estereotipar reduz, essencializa, naturaliza e conserta as 'diferenças', excluindo ou expelindo tudo aquilo que não se enquadra, tudo aquilo que é diferente” (ROSO e outros, 2002, p.4). E com base nos processos identitários, de estereotipia mesmo, podemos afirmar que existe um sentimento de pertencer, concreto/simbólico e objetivo/subjetivo, que predispõe os membros desta comunidade a terem ideias, pensamentos, modos de fazer as coisas etc, por meio dos quais se criam conexões sociais que favorecem a construção do sentimento mesmo da identidade social, étnica, religiosa, cultural, de gêneros etc. (FABIETTI, 1998, p. 134-135).

É um paradoxo muito interessante observar que a existência dos outros grupos seja o fator que nos consente percebermo-nos como um grupo distinto. Este é o motivo pelo qual o processo da identidade/identificação não pode ser pensado senão por contraste entre o grupal e o contextual. O “outro” é a alteridade do “eu”, é por este motivo que os movimentos grupais que tentam cancelar a existência do outro, em certo modo, bloqueiam o processo de constituição identitária de si mesmos, ironicamente pelo medo de não fazerem mais parte de um grupo. Combater e colocar “para fora” outros grupos para reforçar o sentimento grupal no interior de seu grupo de pertencimento. É a força de exclusão em direção aos outros para sentir-se mais incluso em seu grupo. Nas palavras de Marco Aime, na introdução do livro de Ansell e já citado anteriormente: “*sembra che la paura di essere uguale agli altri ci porti ad indossare gli abiti più vistosi per proclamare la nostra diversità*”<sup>78</sup> (ANSELLE, 1999, p. 20).

Eis o motivo pelo qual Zygmunt Bauman, em seu livro *Intervista sull'identità*, (2003), afirma que todas as vezes que esta palavra vem pronunciada, identidade, podemos estar certos de

---

<sup>77</sup> O primeiro nível de produção é ativada pelos membros do grupo étnico que selecionam algumas características comuns que tornam-se marcas do grupo, que então tornam-se o "critério" para determinar quem faz parte do grupo e quem não faz [...] O segundo nível é produzido pelos "outros", aqueles que não fazem parte do grupo, que reconhecem a associação de certos indivíduos para um certo tipo de grupo. Tr. MN.

<sup>78</sup> Parece que o medo de ser igual aos outros nos leva a usar roupas mais vistosas para proclamar nossa diversidade. Tr. MN.

que há uma batalha em atividade. Bauman, ampliando seu discurso, esclarece que esta luta/batalha identitária, é ao mesmo tempo contra a dissolução e a fragmentação, em um movimento antagônico que está na base da cultura e da civilização, o confronto constituinte. Dissolução e fragmentação, fechamento e abertura são ambivalências que estão na base da construção da identidade e, em modo mais evidente, no momento histórico chamado globalização, onde a estas ambivalências se soma a ambivalência local/global definidas por I. Robertson por “glocalização” (BOSISIO e outros, 2005, p. 68).

Tais ambiguidades serão apontadas por Stuart Hall em sua descrição de dois modelos constitutivos de identidade. O primeiro, chamado “naturalista-essencialista”, tem seu fundamento na pretensão de uma autenticidade e unicidade. O segundo, chamado “discursivo”, pressupõe a identidade como uma construção, um processo ainda não concluso, contingente e dependente do contexto espaço-temporal no qual se encontra, lugar de onde seus discursos produziram um saber e significados, desestabilizando conceitos anteriores como nação, raça e etnia (HALL, 2006).

Hoje podemos observar um cenário contextual de novas disposições de uma relação mais complexa entre a ambiguidade da igualdade e da diferença, que evidencia a dificuldade das identidades estabelecidas em um quadro da formação dos Estados Nacionais Modernos com suas ideologias separatistas de fronteiras entre os povos colonizadores e os colonizados, entre as diversas raças, entre as línguas primitivas e evoluídas, etc.:

Si stanno rapidamente affermando nuovi schieramenti, trasversali a confini, tipologie, nazioni e caratteri di fondo; e sono questi nuovi schieramenti che oggi sfidano e minacciano la nozione, fundamentalmente statica, di identità, da sempre nucleo del pensiero culturale durante l'era dell'imperialismo<sup>79</sup> (SAID, 1998, p. 21)

A idéia da possibilidade de uma identidade estável psicológica/psíquica encontra ressonância no senso comum da percepção da função social da psicologia e, quem sabe, se não é por este motivo que as clínicas psicológicas no Brasil estão lotadas de pacientes que buscam um “porto seguro”. Mas, em sua concepção sociológica, a ideia de identidade hoje propõe um horizonte de precariedade e de instabilidade na sua própria constituição, sem nenhum significado

---

<sup>79</sup> Estão se afirmando rapidamente novos alinhamentos, transversais aos limites, tipos, nações e características principais, e estes novos alinhamentos que agora ameaçam e desafiam a noção, essencialmente estática, da identidade, que sempre foi o núcleo do pensamento cultural durante a era do imperialismo. Tr. MN.

de anomalia ou patologia. O fato de que a identidade, a cultura e também a língua sejam produtos históricos e não formas *a priori* demonstra a impossibilidade de aventar a ideia de uma “identidade pura”, que não seja, em qualquer modo, híbrida. Todas as culturas são resultantes/resultados das interações sociais.

Stuart Hall conceituou ainda a ideia da identidade cultural associada a uma concepção do “tornar-se” como parte da experiência humana ao construir significados para seu existir:

L'identità non è qualcosa di già costituito, di già esistente, che trascende lo spazio, il tempo, la storia e la cultura. Le identità culturali provengono da qualche parte, sono il risultato di storie. Ma, proprio a causa di questa loro dimensione storica, sono soggette a una costante trasformazione. Lungi dall'essere eternamente fissate in un qualche passato essenzializzato, sono sottoposte al gioco continuo della storia, della cultura e del potere.<sup>80</sup> (HALL, 2006, p. 247)

Um exemplo, a título de uma divertida síntese do hibridismo cultural, do tornar-se como um processo existencial e também da construção do sentimento de pertencer que pode acompanhar-nos quando fazemos parte de um grupo específico, pode ser encontrado em um texto de R. Linton, do livro *Studio dell'uomo*, publicado originalmente em 1936, e citado por Marco Aime:

Il cittadino americano medio si sveglia in un letto costruito secondo un modello che ebbe origine nel vicino Oriente ma che venne poi modificato nel Nord Europa prima di essere importato in America. Egli scosta le lenzuola e le coperte che possono essere di cotone, pianta originaria del vicino Oriente o di lana di pecora, animale originariamente addestrato nel vicino Oriente, o di seta, il cui uso fu scoperto in Cina. Tutti questi materiali sono stati filati e tessuti secondo un procedimento inventato nel vicino Oriente. Si infila i mocassini, inventati dagli indiani delle contrade boschive dell'est, e va nel bagno, i cui accessori sono un misto di invenzioni europee ed americane, entrambe di data recente. Si leva il pigiama, indumento inventato in India, e si lava con il sapone, inventato dalle antiche popolazioni galliche. Poi si fa la barba, rito masochistico che sembra sia derivato dai sumeri o dagli antichi egiziani [...]. Andando a fare colazione si ferma a comprare un giornale, pagando con delle monete che sono un'antica invenzione della Lidia. Al ristorante viene a contatto con una nuova serie di elementi presi da altre culture: il suo piatto è fatto di un tipo di terraglia inventato in Cina, il suo coltello è

<sup>80</sup> A identidade não é algo já constituído, que já existe, transcendendo lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algum lugar, são o resultado de histórias. Mas, precisamente por causa dessa sua dimensão histórica, estão sujeitos a uma transformação constante. Longe de serem eternamente fixadas em algum passado essencializado, elas estão sujeitas à reprodução contínua de história, cultura e poder. Tr. MN.

d'acciaio, lega fatta per la prima volta nell'India del Sud, la sua forchetta ha origini medievali italiane, il cucchiaino è il derivato dall'originale romano [...]. Quando il nostro amico ha finito di mangiare, si appoggia alla spalliera della sedia e fuma, secondo un'abitudine degli Indiani d'America [...]. Mentre fuma legge le notizie del giorno, stampate su una carta inventata dagli antichi semiti, su di un materiale inventato in Cina e secondo un procedimento inventato in Germania. Mentre legge i resoconti dei problemi che s'agitano all'estero, se è un buon cittadino conservatore, con un linguaggio indo-europeo, ringrazierà una divinità ebraica di averlo fatto al cento per cento americano.<sup>81</sup> (AIME, 2004, p. 25-26).

#### 4.2. Identidades e os imigrantes hoje

O conceito de identidade, que, segundo Ciampa (1994), é uma transformação dialética que incluiu a diferença e a igualdade, é ainda hoje um guia fecundo para se examinar os desdobramentos subjetivos da condição de mobilidade, especialmente no que concerne aos imigrantes. Na imigração temos esta dialética de afirmação/negação que se coloca com todo seu radicalismo na complexidade da experiência de trânsito, desterritorialização e de descentração de si mesmo que leva à condição, por vezes, de não pessoa, como descrito por Alessandro Del Lago em seu trabalho *Non persona. L'esclusione dei migranti in una società globale*<sup>82</sup>. Ao mesmo tempo, devido a esta condição social de *non-persona* é que temos uma preocupação com a reafirmação identitária proeminente. Deste modo, o imigrante e seus filhos, tornam-se um lócus

---

<sup>81</sup> O americano médio acorda em uma cama construída sobre um modelo que se originou no Oriente Próximo, mas que foi modificado na Europa Setentrional, antes de ser importado para a América. Ele pega os lençóis e cobertores que podem ser de algodão, cultivados no Oriente Próximo, ou lã de ovelha, originalmente criada no Oriente Médio, ou de seda, cujo uso foi descoberto na China. Todos estes materiais foram fiados e tecidos por um processo inventado no Oriente Próximo. Ele veste seus mocassins, inventados pelos índios das florestas do Leste, e vai ao banheiro, cujos aparelhos são uma mistura de invenções europeias e norte-americanas, em data recente. Ele pega o pijama, um vestuário inventado na Índia, e lava-se com sabão inventado pelos antigos gauleses. Então ele faz a barba, ritual masoquista que parece ser derivado da Suméria ou do Egito antigo [...], vai tomar café e compra um jornal, pagando com as moedas que são uma invenção da Lídia antiga. No restaurante ele tem contato com uma nova série de elementos emprestados de outras culturas: o prato é feito de um tipo de cerâmica inventada na China, a faca é de liga de aço, feita pela primeira vez no sul da Índia, o garfo tem suas origens medievais na Itália, a colher é originária do Império Romano [...]. Quando o nosso amigo acaba de comer, se inclina para trás em sua cadeira e fuma, de acordo com um hábito dos índios americanos [...]. Ao fumar lê as notícias do dia, impressas em um papel inventado pelos antigos semitas sobre um material inventado na China e por um processo inventado na Alemanha. Ao ler os relatos dos problemas que fervem no exterior, se for um bom cidadão conservador, em uma língua indo-europeia, ele agradecerá a uma divindade hebraica por ser cem por cento americano. Tr. MN.

<sup>82</sup> Não pessoa. A exclusão dos migrantes em uma sociedade global. Tr. MN.

privilegiado para a inserção da psicologia social no debate das implicações de um cenário de fluidez, fragmentação e, ao mesmo tempo, de projetividade na constituição subjetiva.

Cada instante da minha existência como indivíduo é um momento de minha concretização (o que me torna parte daquela totalidade), em que sou negado (como totalidade), sendo determinado (como parte); assim, eu existo como negação de mim mesmo, ao mesmo tempo em que o que estou-sendo sou eu-mesmo. (CIAMPA, 1994, p.68-69).

Diante da globalização da economia e das transformações multiculturais das sociedades – que seguramente ampliam as possibilidades de crescimento, mas também trazem conflitos e impasses – é central o tema das identidades, seja individual, seja coletiva (HALL, 2005). O ‘quem sou eu’ e o ‘quem somos nós’ constituem os principais enigmas daqueles mais profundamente imersos na complexidade da realidade global, que se alarga e se emaranha todos os dias nos seus confins. Nas sociedades tradicionais do passado, a identidade de uma pessoa era, frequentemente, definida pelo nascimento e por referentes sociais (lugar de origem, religião, condição socioeconômica e cultural da família etc.) e, ainda, com certa regularidade, permanecia a mesma ao longo da existência devido à difícil mudança de mobilidade social e de espaço físico.

O fenômeno da mudança e da constituição de identidades, sem dúvida, irrompe com a modernidade e a globalização. Giovanni Jervis, um psicanalista que investigou, sob diversos aspectos, o tema da identidade, em um seu trabalho intitulado *‘La Conquista dell’identità’*, defende que a procura da identidade está vinculada ao quadro histórico atual que vê se dissolverem os modelos hereditários da família e da tradição. Diz que esta busca é caracterizada, não somente por necessidades econômicas de procura de novas oportunidades, mas também por uma multiplicidade de fatores difíceis de explicar e ligados à própria perda das velhas identidades. Afirma também que o êxito da busca de uma identidade não é assegurado. Assim, despontam, na atualidade, tanto novas possibilidades do ser quanto novas crises individuais e coletivas.

La ricerca di nuove identità sembra essere un fenomeno più ampio di quanto non sia la semplice ricerca di nuove opportunità. In altre parole, il bisogno di ricreare le identità non sembra essere il semplice effetto dello sforzo per ottenere migliori garanzie di sopravvivenza; e neppure sembra essere l’effetto automatico della corsa verso il



benessere. C'è in sintesi, un in più di ricerca di identità che non è facile da spiegare. È solo l'effetto automatico della perdita di quelle identità "date" che fino ad ieri venivano tramandate dai genitori ai figli? Nei paesi ricchi come in quelli poveri, la ricerca di nuove identità si incanala in identificazioni collettive, sia religiosa, sia politica che a volte sembrano di nuovo tipo. [...] Certe rivendicazioni si manifestano piuttosto in una prevalenza di valori simbolici: sembra dominare la ricerca di nuove identità collettive, "autentiche", "compatte", "riconoscibili"<sup>83</sup> (JERVIS, 1977, p. 43-44).

A construção da própria identidade nos reporta necessariamente à relação com os outros, à rede de relações que os sujeitos constroem e que hoje é expressivamente ampliada. Franca Pinto Minerva (2002), uma pedagoga que pesquisa a temática do conceito de identidade, defende que é na relação com os outros que nos reconhecemos e atestamos o nosso ser único e singular. O outro nos ajuda a delimitar a nós mesmos, a nos definirmos e a nos reconhecermos.

Para entender melhor o senso da construção da identidade na era da globalização e a problemática inerente a esta realidade, pode ser útil o percurso intelectual do famoso estudioso libanês e de escritura francesa, Amim Maalouf, que descreve e analisa o seu relacionamento com a própria cultura e outras culturas. Trata-se de um árabe de origem católica, que se transferiu para a França, vivendo de forma simultânea as duas culturas. Em seu famoso livro '*L'identità*', Maalouf narra uma autobiografia intelectual que nos faz pensar e descobrir um fio coerente em torno o tema das identidades:

Da quando ho lasciato Il Libano nel 1976 per trasferirmi in Francia, mi è stato chiesto innumerevoli volte, con le migliori intenzioni del mondo, se mi sentissi più francese o più libanese. Rispondo invariabilmente: L'uno e L'altro! Non per scrupolo di equilibrio o per equità, ma perché rispondendo in maniera differente, mentirei. Ciò che mi rende come sono e non diverso è la mia esistenza fra due paesi, fra duo o tre lingue, fra parecchi tradizioni culturali. È proprio questo che definisce la mia identità. Sarei più autentico se me privasse di una parte di me stesso? [...] L'identità non si suddivide in compartimenti stagni, non si ripartisce né in metà, né in terzi. Non ho parecchie identità, ne ho una sola, fatta di tutti elementi che l'hanno plasmata negli anni, secondo un 'dosaggio' particolare che non lo stesso da una persona all'altra<sup>84</sup> (MAALOUF, 1999,

<sup>83</sup> A procura de novas identidades parece um fenômeno mais amplo do que somente a procura de novas oportunidades. Em outras palavras, a necessidade de recriar as identidades não parece ser o simples esforço para obter melhores possibilidades de sobrevivência, e não parece também que seja o efeito automático da busca de um bem estar econômico. Em síntese, tem 'algo mais' que não é fácil de explicar. É só o efeito automático da perda das identidades dadas, que até há pouco tempo, vinham passadas dos pais aos filhos? Nos países ricos, como naqueles pobres, a procura de novas identidades se direciona em identificações coletivas, sejam religiosas, políticas, que às vezes parecem de novo tipo. [...] Certas reivindicações se manifestam com uma prevalência de valores simbólicos que parecem dominar a procura de novas identidades coletivas 'autênticas', 'compactas', 'reconhecíveis'. Tr. MN.

<sup>84</sup> Desde que deixei o Líbano em 1976 e me transferi para a França, perguntaram-me muitas vezes, com as melhores intenções do mundo, se eu me sentia mais Libanês ou mais Francês. Respondo, sempre, os dois! Não para fazer

op. cit. p. 7-8)

Segundo Maalouf, a identidade de uma pessoa é formada a partir de uma pluralidade de elementos que determinam as várias matrizes de pertinência: a religião, a nação, o grupo étnico ou linguístico, a profissão, a família, as instituições, o grupo social, história, desejos etc. Evidentemente que todos estes elementos não têm a mesma importância e dependem do momento histórico, mas é inegável que cada um destes elementos tem significados de produção de identidade. Os conflitos de identidade entre pessoas e culturas normalmente se manifestam quando se tem a assunção de um elemento de maneira unilateral, construindo, assim, uma identidade rígida e pouco disposta ao diálogo e ao confronto.

In tutte le epoche ci sono state persone che hanno ritenuto che ci fosse una sola appartenenza fondamentalmente, talmente superiore alle altre in ogni circostanza da poterla chiamare 'identità'. Per gli uni la nazione, per altri la religione, o la classe sociale. Ma basta far scorrere lo sguardo sui i differenti conflitti che si svolgono attraverso il mondo per rendersi conto che nessuna appartenenza prevale in maniera assoluta. Là dove gli uomini se sentono minacciati nella loro fede, è l'appartenenza religiosa che sembra riassumere la loro intera identità. Ma se a essere minacciati sono il loro idioma materno e il loro gruppo etnico, allora si battono accanitamente contro il loro stessi correligionari. Tutti questi esempi per insistere sul fatto che se esiste, in ogni momento, fra gli elementi che costituiscono l'identità di ciascuno, una certa gerarchia, essa non è immutabile, cambia con il tempo e modifica in profondità i comportamenti.<sup>85</sup> (MAALOUF, 1999, p. 20).

Nesta definição o conceito de identidade se transforma notoriamente. Da identificação com traços 'fundamentais' de uma comunidade, tomados como uma essência, o conceito se

---

media com um ou o outro, mas porque se eu respondesse de maneira diversa, estaria mentindo. O que me faz como eu sou, e não diferente, é a minha existência entre dois países, entre duas ou três línguas, entre várias tradições culturais. É isto próprio que define a minha identidade. Eu serei mais autêntico se me privasse de uma parte minha? [...] A identidade não pode ser dividida em compartimentos separados, não se divide em metades ou terças partes. Não tenho várias identidades, tenho uma somente, feita de todos os elementos que a constituíram em longos anos, segundo uma dosagem que não é jamais igual de uma pessoa a outra. Tr. MN.

<sup>85</sup> Em todas as épocas houve pessoas que defenderam um só pertencer de identidade superior aos outros. Para uns a nação, para outros a religião ou a classe social. Mas basta ver os diferentes conflitos que se desenvolveram ao longo da história para entender que nenhuma identidade jamais conseguiu prevalecer sobre as outras. Onde os homens se sentiram ameaçados na fé, a religiosidade assumiu uma importância de identidade única. Se a ameaça se deu em torno do idioma materno ou ao grupo étnico de origem, os problemas ocorreram dentro destas comunidades. Todos estes exemplos para insistir no fato de que se existe, a cada momento, entre os elementos que constituem a identidade de cada um de nós, uma certa hierarquia, esta não é imutável, muda com o tempo e modifica em profundidade os nossos comportamentos. Tr. MN.

transforma, abandona a ideia de essência e começa a aludir às experiências vitais de um grupo, mas que não funciona de modo a excluir, discriminar, muito menos classificar com juízos morais ou com julgamentos valorativos os confrontos com outros grupos e culturas. Pensamos nas palavras de Giovanni Jervis, que conclui:

Se dunque vogliamo giungere a una conclusione generale, possiamo dire che l'attenzione attuale per il tema dell'identità deriva, fra l'altro, dalla progressiva revisione della concezione classica (pre-darwiniana e pre-freudiana) della natura umana: revisione che ha ricevuto una accelerazione negli ultimi decenni del ventesimo secolo. Mentre, cioè, nei primi tre secoli dell'età moderna l'essere membri della grande famiglia umana pareva qualcosa di 'garantito' dell'anima o dalla unitarietà della coscienza, viceversa, a partire dalla metà del diciannovesimo secolo, queste garanzie sono entrate in crisi. È emerso il dubbio che parole come mente o coscienza, non designino più nulla di preciso. Ma questo non ci impedisce affatto di continuare a cercare qualcosa che è importante per noi. In pratica cioè, vogliamo capire qual è la vera natura, quale l'esatta riconoscibilità, sia della specie umana in generale, sia di popoli e gruppi, sia di singoli individui. Però ci rendiamo conto che per far questo non possiamo più ricorrere in alcun modo a pretese 'essenze' che garantiscono quello che ci interessa. Possiamo invece soltanto 'leggere' e cogliere in modo pacato e realistico l'insieme descrivibile delle caratteristiche della nostra specie e dei singoli esseri umani: la nostra identità.<sup>86</sup> (JERVIS, 1999, op. cit. pp.140-141).

Como podemos definir, então, a identidade neste quadro complexo e variado? A identidade não pode ser pensada a partir da fixação, de uma vez por todas, de uma escala de valores e de significados, mas sim como um contínuo processo de aquisição de conhecimentos, de sentimentos e emoções que nos reportam a uma incessante reconstrução dos próprios saberes, das próprias experiências, do modo de organizá-las e interpretá-las. É o medo das mudanças, e possível perda de poder, que porta a radicalização de alguns fatores em relação a outros. Quem fica fechado no próprio 'eu' acumula elementos úteis para permanecer estável e confirmar somente os próprios valores, prejudicando a possibilidade de alargamento de conhecimentos para

---

<sup>86</sup> Se quisermos chegar a uma conclusão geral, podemos afirmar que a atenção atual para o tema da identidade deriva, entre outras coisas, da progressiva revisão do conceito 'clássico' (ou seja, pré-darwiniano e pré-freudiano) da natureza humana: revisão que tem recebido uma aceleração nos últimos decênios do século XX. Ou seja, nos três primeiros séculos da idade moderna o ser parte da grande família humana parecia alguma coisa de 'garantido', a partir da metade do século XIX, estas garantias entram em crise. Sobretudo, no desenrolar do século XX, surgiu a dúvida de que as palavras 'mente' e 'consciência' não significavam mais nada de preciso. Mas isto não nos impede de continuar a procurar alguma coisa que é importante para nós. Ou seja, gostaríamos de saber qual é a natureza por que podemos ser reconhecidos, seja a espécie humana em geral, sejam os grupos e os povos, sejam os indivíduos. Contudo, nos demos conta de que não podemos mais recorrer de nenhum modo à pretensa 'essência' das coisas. Podemos somente 'ler' e 'recolher' em modo pacato e realístico as descrições de nossa espécie e dos singulares seres humanos: a nossa identidade. Tr. MN.

a realização da construção de um processo de identidade.

O problema é que, como nos faz notar ainda uma vez Maalouf, somente a partir das experiências da vida e de seus momentos históricos podemos atribuir sentidos aos ‘símbolos’ de pertencimento a algo:

Probabilmente all’epoca in cui esisteva una nazione jugoslava, incontrando un uomo a Sarajevo e interrogandolo sulla sua identità avrebbe risposto d’essere iugoslavo della Repubblica di Bosnia Erzegovina e di venire da una famiglia di tradizione mussulmana. Dieci anni dopo, a causa della guerra e degli orrendi massacri cui è stata sottoposta la popolazione di religione islamica, lo stesso uomo avrebbe detto di essere, innanzi tutto mussulmano e poi bosniaco. Oggi probabilmente, avendo finalmente realizzato una nazione autonoma, quello stesso uomo dichiarerebbe di sentirsi prima bosniaco e poi mussulmano ed europeo.<sup>87</sup> (MAALOUF, 1999, p. 19).

Ou seja, a identidade tende a construir-se no espaço estreito do “pertencer” a alguma coisa ou do não pertencer a outras. Nesse sentido, é necessário precisar melhor o significado desse termo. Pertencer é aquilo que pertence a alguém ou alguma coisa. Do ponto de vista filosófico, o ‘pertencer’ se manifesta sobre o plano lógico da relação sujeito-objeto. Na matemática, a relação de ‘pertencer’ representa a qualidade ou a propriedade que faz a união entre os vários elementos de um grupo. No plano da cotidianidade, das relações sociais, a relação de ‘pertencer’ demonstra o ser propriedade de ou ter a propriedade de algo. O pertencer, em todos os pontos de vista, evidencia fazer parte de alguma coisa e, ao mesmo tempo, um ser proprietário de alguma coisa. É um mecanismo psicossocial e cultural que age em duplo sentido. Por um lado, dá sustentação e certezas às pessoas enquanto pode dar potência ao ser permitindo-lhe superar a solidão ontológica e andar além dos próprios limites individuais. Por outro lado, tende a anular o indivíduo porque os vínculos de pertencer a algo colocam em risco o pensamento individual e frequentemente o subordinam à ‘verdade’ coletiva da qual é difícil desvencilhar-se. Franco Cambi define o pertencer como um ‘ter raízes’:

---

<sup>87</sup> Provavelmente na época em que existia uma nação iugoslava, ao encontrar um homem em Sarajevo e interrogando-o sobre sua identidade, ele teria respondido que era iugoslavo, da República da Bósnia-Herzegovina e de uma família muçulmana. Dez anos depois, a causa da guerra e dos horríveis massacres da população de religião islâmica, o mesmo homem teria dito ser, antes de tudo, muçulmano e depois da Bósnia. Hoje, provavelmente, tendo finalmente se constituído uma nação autônoma, este homem provavelmente me diria ser bosniano, muçulmano e europeu. Tr. MN.

Far parte di una terra-storia e in essa collocare il proprio sé, che da lì trae orientamento e senso, ma anche identità e forza. L'appartenenza è sì un consegnarsi, è un legarsi, è un riconoscersi in un gruppo comunità, e nella sua tradizione-storia, avere in essa le radici, l'identità, il proprio senso. Certo, l'appartenenza svolge a livello sociologico e psicologico un ruolo fondamentale, da sicurezza all'io, ne fissa i confini, ma anche l'identità, gli offre traiettorie di vita teoriche e pratiche: lo fa cittadino di uno spazio/storia, lo pone al servizio di assegnando un senso che trascende il suo fragile io. Qui sta la forza dell'appartenenza: toglie l'io dalla condizione di vuoto, di erranza, di precarietà e lo rafforza con un fascio di verità forti anche perché vissute in comune. Ma chi sta anche la sua debolezza, le sue debolezze: ogni appartenenza è ritualistica e pertanto irrazionale; è tendenzialmente totalitaria: è omologante e fa leva all'omologazione; sta contro l'individuo, il dissenso, la critica, la scelta/responsabilità, il pluralismo/tolleranza, ecc. Che sono un po' i valori chiave del moderno.<sup>88</sup> (CAMBI, 2001, op. cit. p.90).

Quando o peso do pertencer, na dinâmica da construção da própria identidade, é preponderante, pode-se criar uma situação de 'fechamento' e de explosão das referências e dos valores, levando a uma contraposição radical com os 'outros'. Tal situação torna difícil a individualização dos elementos em torno de um "nós", com o qual se poderia criar uma relação e um confronto.

Que as relações de origem sejam importantes já nos foi muito bem evidenciado por A. Sayad, sociólogo algeriano, quando, em seu livro *La doppia assenza. Dalle illusioni dell'emigrato alle sofferenze dell'immigrato*<sup>89</sup>, avaliou os termos com que os migrantes são descritos nas sociedades europeias de "acolhimento". Sayad, preocupado com o frequente aniquilamento das experiências precedentes na terra de origem dos migrantes, através da categorização destes como imigrantes por parte da construção linguística das sociedades, principalmente europeias, afirma ser necessário reforçar a ideia de que o imigrante antes de tudo

---

<sup>88</sup> Fazer parte de uma terra histórica e nela colocar o próprio ser, que deste 'local' subtrai orientação, senso, identidade e força. O pertencer é um entregar-se, um legar-se, é o reconhecimento de pertencer a um grupo-comunidade e a sua tradição histórica, ter aí as suas raízes, sua identidade e o próprio senso. Por certo, o pertencer, desenvolve no nível sociológico e psicológico um papel fundamental: dá segurança ao 'eu', coloca os limites e também a identidade; oferece trajetórias de vida, teóricas e práticas; faz-nos cidadãos de um espaço/história, coloca-nos a serviço de alguma coisa dando senso, um senso que vai além do nosso ser frágil. Esta é a força do pertencer: tira o 'eu' da condição de vazio, de caminhos errantes, de precariedade, e o reforça com a ideia da verdade forte porque é experiência em comum com tantos outros indivíduos. Mas aqui está também a sua fraqueza: todo pertencer é ritual e, portanto, irracional; tendente ao totalitário; homologador e conta ser assim; está contra o indivíduo, o dissenso, a crítica, a escolha/responsável, a pluralidade/tolerante etc., que são um pouco os valores-chave da modernidade. Tr. MN.

<sup>89</sup> A dupla ausência. Da ilusão do emigrado ao sofrimento do imigrado. Tr. MN. Livro que ficou célebre por tentar restituir ao migrante uma dignidade/alteridade anterior a sua condição de imigrante através de uma consideração linguística da produção de termos eurocêntricos de não consideração de alteridade das proveniências culturais externas.

é um migrante, ou seja, possui um pertencimento de referimeento anterior à nova terra. (SAYAD, 2002). Seguramente, questão muito importante por evidenciar o etnocentrismo europeu e que poderia ser exemplificada também nas palavras de Caetano Veloso (VELOSO, 1978), ao contar/cantar sua experiência de migrante na cidade de São Paulo, na famosa música *Sampa*, em que diz: “Narciso acha feio o que não é espelho”. Dura realidade que não pode ser colocada em contraposição à identidade do sujeito definida somente através de suas relações de origens. Claro que estas têm importância e, muitas vezes, um peso preponderante, mas a identidade subjetiva se define também através das novas experiências do sujeito, porque apesar das tradições, cada sujeito reelabora, de maneira pessoal, o patrimônio cultural e emocional que recebe. Sawaia, para solucionar este conflito, exporá que tanto a permanência como a metamorfose fazem parte do mesmo processo de identificação (SAWAIA, 1996).

É por isto que faz sentido examinar o que está ocorrendo com os imigrantes, particularmente com os filhos de imigrantes, os chamados imigrantes de segunda geração, que, em grande parte já não falam tão bem a língua dos pais e que se distanciaram da matriz cultural da nacionalidade de seus pais e, ao mesmo tempo, não são considerados e nem se sentem inteiramente identificados com a representação cultural do país em que estão vivendo. É uma condição em que a permanência e a metamorfose parecem se acentuar, pois estes vivem uma situação ímpar de transição identitária. De uma parte, o desmanche da idéia de uma identidade monolítica/monocromática e, da outra, a construção de algo que não se reduz à soma dos pertencimentos numa criação de um si mesmo, de um “Eu”, bastante diferente daqueles que têm, como constituinte fundamental, um núcleo central ou mesmo vários núcleos muito definidos.

Sabemos que os elementos considerados fundamentais na construção do Eu não são dados todos de uma vez e não podem ser considerados absolutos para a definição da identidade. A identidade não é um fato imutável, ao contrário, se constrói e se modifica durante a existência mesma dos indivíduos e dos grupos. Ao mesmo tempo, é importante indagar sobre a formação da identidade em momentos de crise para haver instrumentos de entendimento sobre a formação da flexibilidade e da rigidez dos sujeitos diante da constituição da identidade. É necessário indagar quais são os meandros desta constituição na relação consigo mesmo e com os outros, e a condição de imigrante de segunda geração oferece uma oportunidade ímpar para se tentar novas considerações.

## CAPÍTULO V – OS FILHOS DE PEDRINHAS

### 5.1. Os filhos de Pedrinhas, nossos protagonistas

Estabelecer contatos com os filhos de Pedrinhas para o desenvolvimento desta dissertação foi realmente um enorme prazer. A forma não artificial do estabelecimento de nossos relacionamentos com esta comunidade ofereceu-nos uma perspectiva para as observações e entrevistas de diálogos “fora do tempo”, no sentido de não serem restritas ao tempo material das mesmas. Deste modo, pudemos ter diálogos iniciados anteriormente em vários momentos que foram “documentados” oficialmente no ato da descrição dos relatos.

Além da disponibilidade das pessoas com quem nos encontramos, os relacionamentos que se constituíram permanecem até hoje numa dinâmica de construção social de uma contínua criação de uma italianidade baseada na relação quase fantasmática dos nossos antepassados, nossos e deles, “*i nostri vecchi*”, em uma dialética entre o passado e o presente na constituição de uma memória identitária dinâmica e aberta que se projeta adiante.

Mas quem são os nossos filhos de Pedrinhas? Os nossos protagonistas? Os nossos filhos de Pedrinhas, aos quais atribuiremos nomes fictícios, são todos pessoas de segunda geração daqueles imigrantes italianos que colonizaram Pedrinhas, provenientes de diversas regiões da Itália, como a região do *Veneto, Lazio e Abruzzo*, tal como foram descritos no livro *Cooperativismo no Vale do Paranapanema*, sobre a constituição histórica desta cidade de colonos italianos provenientes de diversas regiões da Itália (CAMPOS, 2000, p. 149). Todos têm entre 40 e 55 anos, ainda moram com suas famílias em Pedrinhas. Quando crianças, em casa, falavam o italiano dialetal das diversas proveniências de seus genitores e, mais recentemente, frequentaram um curso de língua italiana. Alguns deles estiveram por diversas vezes na Itália visitando parentes.

Nossa primeira entrevista (anexo A) foi com um homem, que denominaremos Giovanni, muito expansivo e que demonstra uma enorme vontade de identificação com sua origem vêneta. Atualmente, é um cantor profissional de música italiana que faz diversos espetáculos por todo o

Brasil cantando músicas da atualidade e não somente aquelas do momento da chegada de seus pais. Giovanni tenta utilizar-se frequentemente da língua italiana em sua casa com sua mulher brasileira e seus dois filhos, mas não é aquela utilizada com seus pais em dialeto vênето. No passado, ele e sua esposa frequentaram cursos de italiano, que Giovanni abandonou dizendo que gostaria de ter pessoas com quem conversar em Italiano e não somente estudar a gramática. Muitas vezes chegamos a em sua e ele estava falando com outras pessoas, através do Skype, em língua italiana, por exemplo, com um rapaz italiano que mora na Alemanha e ali é músico. Questão muito interessante para pensarmos na identidade cultural das segundas gerações no tempo de internet.

O nosso contato durante os meses que frequentei a cidade foi sempre em língua italiana. Giovanni pediu-me para fazer a entrevista nesta língua. Giovanni tem um italiano dialetal vênето com uma pronúncia muito marcada, somada a algumas palavras do vocabulário português que, em termos gramaticais, não pode ser considerado correto. Contudo, em nossas entrevistas, conservamos os erros gramaticais como um exemplo de hibridismo linguístico.

Os seus temas são variados e declara abertamente que quando conhece alguém que porta “italianidade” ele se aproxima e procura estar o maior tempo possível com esta pessoa. Apesar de todo este desejo de “italianidade”, Giovanni foi o nosso único entrevistado que nunca esteve na Itália, mesmo tendo parentes muito próximos, como os tios e primos diretos com quem tem relacionamentos por meio da internet. Diz ser a viagem à Itália um sonho seu a realizar. O nosso contato foi e é muito íntimo ainda hoje, inclusive estendeu-se às nossas famílias, que se conheceram.

Nossa segunda entrevista (anexo B) foi com Michela, que é professora/coordenadora de ensino em uma escola, muito disponível e com uma enorme desejo de falar de suas origens. O nosso contato com Michela foi mais institucionalizado do que uma relação amigável, apesar de ter ocorrido com uma frequência elevada. Pudemos inclusive trabalhar juntos num pequeno curso de língua italiana, para quatro pré-adolescentes pedrinhenses interessados. Esse curso, já existente no momento de nossa chegada em Pedrinhas, foi ministrado em sua escola, onde fomos professores por três meses. Michela é uma mulher muito envolvida em suas atividades profissionais educativas e também com sua família que, frequentemente, apareceu em nossas entrevistas como contraponto do discurso “italiano”, pois que seu marido é brasileiro não



“*oriundi*” e, por vezes, reclama do interesse de sua mulher pela questão.

Nossa terceira entrevista (anexo C) foi com Rita que é secretária escolar em uma das escolas em que estabelecemos contatos e realizávamos “bate-papos”. Recebeu-nos com grande entusiasmo e apresentou toda a sua narrativa acerca de suas idas e vindas da Itália. Diz amar profundamente a Itália, com a qual mantém estreitas relações, pois está em contato frequente com seus primos italianos, que inclusive já vieram a Pedrinhas Paulista. Relato muito interessante também pela sua narração em torno “*dei nonni*”<sup>90</sup>, que posteriormente avaliaremos.

Nossa quarta entrevista (anexo D) foi com Elena, que é diretora de escola muito empenhada na contínua formação de cursos de língua italiana na cidade. Elena iniciou sua narrativa de um ponto de visto muito interessante que foi o fato de sua mãe ter vindo da Itália para o Brasil, quanto grávida dela mesma e, após três meses da chegada de sua família no Brasil, ela nasceu. Entrevista que narra muito as diferenças culturais iniciais no processo desta colônia onde os italianos, segundo nossa entrevistada, se uniram apesar de suas diferenças regionais e de dialetos para que não se misturassem as culturas italiana e brasileira, inclusive, tentando impedir casamentos “mesclados”. Elena se diz italiana mesmo tendo nascido no Brasil.

Passaremos a seguir a uma leitura mais personalizada, sempre mantendo a discrição em relação à privacidade, a ética em fazer pesquisa envolvendo leitura de experiências singulares, através das entrevistas realizadas, com o intento de tecermos uma ideia de como se constituiu e se constitui ainda hoje a formação identitária destes “filhos de Pedrinhas”. Para tanto, para a melhor compreensão da construção dos relatos, das histórias de vida, dividiremos esta leitura em duas categorias que denominaremos, respectivamente, lugares-comuns e outros lugares, que representam conjuntamente as continuidades e as discontinuidades de um modo de viver a italianização. Tanto para os “lugares-comuns” como para os “outros lugares”, nos organizaremos com uma breve introdução ao tema e uma explicitação do que nos pareceu mais significativo nas entrevistas e relatos em geral. Os nossos “lugares-comuns” nos relatos são: a relação linguística, os hábitos alimentares/comidas, a família e o trabalho. Os nossos “outros lugares” são: o rompimento com *i vecchi* e casamentos. Ambos “lugares” que constituem o nosso “*ius migratis*”. Contudo, é importante notarmos que esta divisão é para podermos organizar melhor nosso trabalho, pois os diversos “lugares” que encontramos nos relatos, muitas vezes, são difíceis de

---

<sup>90</sup> Dos avos. Tr. MN.

dividir em categorias e acontecerá que, de modo evidente, um discurso evidenciado em uma categoria serviria também a uma outra.

## 5.2. Lugares-comuns

Avaliando o conteúdo das entrevistas, podemos notar certos “lugares-comuns” presentes em todas elas, construídos por meio da utilização de estruturas estereotipadas que, de certo modo, podem ser consideradas “herança” do modo de pensar que tem como base a época da formação das identidades nacionais como instrumento da formação e reconhecimento das fronteiras das nações. Um exemplo clássico deste tipo de identificação é quando um italiano nato declara ser italiano porque mora dentro dos limites da nação Itália e fala a língua italiana. Questão esta colocada muito em evidência por Stuart Hall ao discutir questões pós-coloniais, quando argumenta, por exemplo, que uma pessoa pode ser jamaicana e não falar o “jamaicano”, porque a questão língua = cultura, ou vice versa, hoje é controversa e questionada. Ao menos não podem ser mais consideradas como sinônimos.

Assim, pretendemos discorrer sobre os “lugares-comuns” empregados pelos filhos de Pedrinhas como a estrutura estereotipada historicamente datada, usada por eles para a construção de uma ideia de si mesmos enquanto pessoas que se reconhecem na categoria de ítalo-brasileiros numa ideia de hibridismo que, consideramos real e válida como o instrumento utilizado, e não como sinônimo do que pensamos ser o hibridismo. Nas palavras de Sandro Mezzadra, em entrevista a Andrea Celli, da revista de sociologia italiana *Trickster*, referindo-se a uma certa apologia do hibridismo por parte de quem busca paradigmas pré-estabelecidos válidos para tudo:

Credo che, comunque, una certa immagine molto semplificata e decisamente apologetica dei processi di ibridazione e della stessa categoria di *ibridità* sia penetrata in profondità, nel senso comune intellettuale, ma anche artistico, negli anni '80 e '90 soprattutto nel mondo anglosassone. Personalmente, anche senza concentrarmi in modo specifico su questo punto, nei miei lavori sul postcolonialismo ho sempre confermato e rafforzato questo tipo di critica<sup>91</sup> (MEZZADRA, S/D)

---

<sup>91</sup> Penso, no entanto, que uma certa imagem muito simplificada e muito apologética do processo de hibridização e da

O hibridismo não pode ser considerado a colagem de duas ou mais referências culturais e sim o conjunto/processo da própria condição das formações culturais. A cultura é sempre híbrida no sentido de ter uma perspectiva de construção histórica datada e de tensões político-sociais em sua formação. Assim, híbrido não é o resultado de uma soma ou de uma divisão, e sim, o próprio processo dos elementos que constituem a formação cultural, em outras palavras, a ideia de hibridismo é relacionada ao processo de encontro e de produção de novas matrizes de identificação que não são estritamente relacionadas a um resultado matemático entre culturas/pertencimentos diversos. Mesmo se utilizarmos as narrativas de nossos entrevistados que denotam uma certa ideia de soma matemática entre Brasil e Itália, observamos neles concretamente, não a soma das duas partes, mas de algo que vai muito além. Metaforicamente nas palavras de Barthes:

[...] il vino è obiettivamente buono e nello stesso tempo la bontà del vino è un mito: ecco l'aporia. Il mitologo ne esce come può; si occuperà della bontà del vino, non del vino in se stesso, proprio come lo storico si occuperà dell'ideologia di Pascal, non delle "Pensées in se stesse"<sup>92</sup> (BARTHES, 1994, p. 237).

Não é nossa pretensão negar a existência da apresentação/representação destes lugares-comuns como elementos que estabelecem como ponto de partida uma certa fixação nos processos de formação dos pertencimentos identitários. Assim, a seguir, avaliaremos alguns destes lugares-comuns como: línguas, comidas, família, trabalho, quase que em uma espécie de TFP (tradição, família e propriedade), que servem como discursos iniciais, um primeiro passo. Contudo, é nossa intenção redimensionarmos os significados destes lugares-comuns como sinônimos de cultura. Como provocação/exemplo do que desejamos transmitir, seria como se um italiano que não come pasta não pudesse ter ou construir um sentimento de pertencimento à italianidade. Dito de outro modo, é fato que se pode ser brasileiro mesmo odiando o arroz-feijão que, no entanto, é um

---

mesma categoria de hibridismo estão profundamente enraizadas no senso comum, intelectualmente, mas também artisticamente, nos anos 80 e 90, especialmente no mundo anglo-saxão. Pessoalmente, mesmo sem foco específico sobre este ponto, no meu trabalho sobre pós-colonialismo tenho sempre confirmado e fortalecido esse tipo de crítica. Tr. MN.

<sup>92</sup> O vinho é objectivamente de qualidade e, ao mesmo tempo, a qualidade do vinho é um mito. Eis aqui uma aporia. O mitólogo sai como pode desta questão; irá se ocupar da qualidade do vinho, não do vinho em si, assim como o histórico irá se ocupar da ideologia de Pascal, não dos "Pensées em si mesmos". Tr. MN.

alimento que permanece início e símbolo de uma construção identitária. Deste modo, vamos ao nossos “lugares-comuns”.

### 5.2.1. Línguas

Os nossos “filhos de Pedrinhas” são provenientes de regiões italianas muito diversas entre si, que, na ocasião da imigração dos anos 50, ainda mantinham uma enorme tradição ligada às línguas regionais, os chamados dialetos, que em nenhum modo podem ser comparados com a diversidade de acentos linguísticos no Brasil, pois os dialetos italianos são expressões linguísticas muito diferentes entre si, a ponto de impedirem a imediata compreensão.

Questão linguística esta fundamental para a nossa dissertação, pois que a ideia da identidade cultural estreitamente relacionada ao desenvolvimento linguístico, em certo modo, deve ser redimensionada. Eric Hobsbawm faz uma importante pergunta a respeito:

Por que a língua deveria ser um critério de vínculo a grupo, com exceção talvez do caso em que a diferenciação de línguas coincida com alguma outra razão para marcar a pessoa como externa, pertencente a outra comunidade? (HOBSBAWM, 1990, p.73).

Pergunta interessante, qual é a função da língua na formação da identidade cultural de uma pessoa ou de um grupo? Não temos por intento a análise profunda desta questão, mas somente o necessário para uma apresentação eficaz de nossos filhos de Pedrinhas. As questões linguísticas entre a língua de casa, o italiano, e a língua de fora casa, o português, não serão utilizadas como imediato significado ou de apego ou abandono a uma matriz identitária. Por exemplo, no caso histórico preciso de Pedrinhas, o abandono da língua italiana não pode ser considerado imediatamente como abandono da vontade da construção de uma italianidade por parte dos filhos de Pedrinhas. Pensamos que as relações entre língua e identidade não podem ser consideradas imediatas e inflexíveis. Ao contrário, são dinâmicas e cambiáveis, pois como meios de representação simbólica e de luta social, tanto a língua quanto a identidade são construções culturais suscetíveis a mudanças e ressignificações. Como já afirmamos anteriormente, sangue,

língua e território seguramente fazem parte desta formação identitária, mas não podem ser considerados imediatos sinônimos (FABIETTI, op. cit.). Assim, aquilo que por muito tempo foi considerada a marca fundamental de uma cultura, a língua, é um projeto de construção histórica e campo de lutas/batalhas sociais. É neste contexto que Giovanni, o nosso entrevistado n.1, decidiu fazer a entrevista em língua “italiana”, mais precisamente um dialeto vêneto/português, mesmo com algumas dificuldades evidentes de expressão linguística em “italiano”, mas com o manifesto intento de “sair” da entrevista mais italiano.

Muito interessante notar que Giovanni tenha citado “falar em brasileiro” que é a exata expressão que se utiliza na Itália para se referir à língua falada no Brasil. Para um italiano, um italiano fala italiano, um francês fala francês, um alemão fala alemão e um brasileiro fala, obviamente, em brasileiro. Certamente que a não correspondência do nome do país com a língua falada nos remete, na maior parte dos casos, às questões coloniais do domínio estrangeiro e à imposição de sua língua como oficial.

Mas a questão aqui é que, Giovanni, em seu discurso, demonstra ter uma concepção das culturas como algo de rígido que umas adicionam às outras, mas, ao mesmo tempo, ele mesmo fala um dialeto vêneto que é a expressão de uma cultura italiana não “pura”, já híbrida no momento da chegada de sua família ao Brasil. Ou seja, o hibridismo como característica fundamental do processo de formação das identificações culturais que, neste caso, fará nascer uma expressão linguística italiana-veneta-portuguesa-paulista-interiorana-pedrinhense.

Em todas as nossas entrevistas pudemos notar narrativas ligadas aos referimentos da língua, ou melhor, das várias línguas: os diversos dialetos, o italiano e o português.

Giovanni afirma que falar duas línguas, o português e o italiano, é importante e nos relata que, quando menino, falava o italiano, ou melhor, o dialeto vêneto. Associa as duas línguas à ideia da soma de duas diferentes culturas, a cultura brasileira e aquela italiana.

*È una cosa buona e interessante perché tu parli due lingue, parlo in italiano e parlo in brasiliano. Anche perché tu hai due modi di cultura no?! La cultura brasiliana e la cultura italiana... Quando ero piccolo e si abitava in campagna e fino ai cinque anni io parlavo solo l'italiano, in dialetto veneto perché c'erano i nonni che parlavano solo in italiano e io ho imparato solo quello. Dopo io ho imparato a parlare il brasiliano quando sono andato all'asilo, ho cominciato con cinque anni e allora ho imparato. Non mi*

ricordo di avere avuto delle difficoltà perché per me non c'era problema. (Entrevista 1 – Anexo A, p. 146).<sup>93</sup>

Em relação às questões identitárias, no que toca à continuidade da língua ao menos, temos vários relatos de nossos entrevistados que evidenciam a complexidade do tema em seus encontros e desencontros na construção de espaços identitários.

Questões estas que, por vezes, levaram ao encontro com o outro, como no relato abaixo, que coloca em evidência que no ato de aprender o português com pessoas simples de proveniência do nordeste do Brasil, por ocasião da expansão/abertura de Pedrinhas Paulista para as migrações internas brasileiras, criaram-se relações sociais de apreço e de trocas, inclusive gastronômicas. Deste modo, Michela, falando de seu pai italiano, nos diz:

Ele fala um português tudo errado porque a convivência dele quando ele chegou aqui foi com aquelas pessoas muito simples que vinham do nordeste e que vinham trabalhar aqui em Pedrinhas, eram os braçais. Então ele aprendeu a falar com este povo... ele aprendeu a falar o português com este povo. E é interessante que ele gosta muito de farinha de mandioca, cachaça e ele se relaciona muito bem com esse povo. Acho que ele tinha 19 ou 20 anos e ele casou com minha mãe aqui que era imigrante também e era da mesma região, o Abruzzo. (Entrevista 2, Anexo B, p. 153).

Mas, dando continuidade ao seu discurso, Michela nos contará também os eventos de desencontro através da utilização de uma língua diferente daquela do país de imigração:

Outra coisa que eu senti muita dificuldade quando a gente ia no jardim da infância e éramos obrigados a falar em italiano e é interessante que muitas vezes o nome de algumas verduras e frutas eu sabia em italiano e não sabia em português então eu tinha que pensar primeiro para depois... como é que isso chama mesmo? Já sentia este conflito né. (Ibidem, p. 153).

Bilinguismo dos desencontros entre as diversas solicitações, aquela de casa e aquela da escola, como nos diz Rita:

---

<sup>93</sup> É uma coisa boa e interessante porque você fala duas línguas, eu falo em português e falo em italiano. Mesmo porque você tem duas modalidades de cultura, não? A cultura brasileira e aquela italiana... Quando eu era menino e habitava no campo, até os cinco anos, eu falava só em italiano, em dialeto vênето porque tinham meus avós que falavam só em italiano e assim eu aprendi aquilo. Depois eu aprendi a falar o brasileiro quando fui para a escola infantil, comecei aos cinco anos e aí aprendi. Não me lembro de ter tido dificuldades porque eu não tinha problemas. Tr. MN.

Quando eu era criança, na minha casa, a gente falava só o italiano com meu pai e a minha mãe, pois nós começamos a estudar na escola e os professores pediram que a gente falasse só em português. Falávamos italiano em casa e português na escola porque a gente não conseguia aprender correto, falar o português correto. Minha mãe não teve estudo, teve só até o segundo ano, meu pai também só segundo ano e falavam só em italiano em casa então eu tive um pouquinho de dificuldade na escola em relação à língua. Falar em português e depois falar em italiano em casa era mais difícil... Era muito ruim para mim porque em casa falando em italiano e na escola falando em português às vezes a gente misturava e não conseguia fazer a frase inteira em português. Os amigos da gente, que tinham bastante brasileiros, apesar de ter bastante italiano também, eles tiravam sarro da gente porque acabávamos falando errado... Aí a gente foi acostumando e minha mãe também teve até que parar de ficar falando em italiano em casa. Hoje a gente já não conversa mais pelo costume de estar sempre falando em português. Mas quando a gente vai nas casas de nonos aí a gente ainda fala em italiano, quando tem os avós de minhas amigas a gente conversa em italiano senão só em português. (Entrevista 3, Anexo C, p. 158).

Ou ainda, como nos relata Elena, sobre as diversas broncas recebidas em casa e na escola:

Então, na minha primeira língua se falava o italiano. Nos éramos proibidas de falar o português durante as refeições. Então nós tínhamos que falar o italiano, o dialeto até hoje é o que eu falo. Eles vieram do *Lazio, Imperia*, os dois, pai e mãe. O português a gente falava na escola e nós tivemos muito trabalho porque eu não sabia nada de português, então as professoras naquela época elas não tinham paciência. Acho que elas não entendiam isso né que em casa nós falávamos uma língua e na escola outra. Então a gente levava bronca na escola. Quando brincava com as amigas a gente falava o português e na escola porque em casa era o italiano... Por exemplo, ela mandava falar alguma coisa e eu sabia aquilo só em italiano. Então já falava: “mas não sabe nem falar” e pedia para falar o português. (Entrevista 4, Anexo D, p. 164).

Ou, no relato de Michela, ao ser questionada em relação a possíveis problemas de “interculturalidade”, que nos diz que, com seu marido brasileiro, precisa prestar “atenção” em qual língua se manifesta com seus parentes italianos:

Às vezes acontece sim, às vezes acontece. Principalmente se ele estiver perto e tiver minhas tias eu já falo em dialeto e ele diz: “poxa, fala em português, assim eu entendo”. Ele já fala já meio emburrado. Ele conhece toda estrutura da língua italiana, já fez curso de italiano mas eu percebo que ele tem o comportamento dele que é bem brasileiro. (Entrevista 2, Anexo B, p. 156).

Giovanni, em um trecho de sua entrevista, vai manifestar a positividade, segundo ele, da solicitação em ambiente escolar para não falar em italiano como algo que produziu integração: *“Nella scuola non si parlava mai l’italiano allora non è mai stato un problema di accettazione con gli altri amici brasiliani... questo mai”*<sup>94</sup> (Entrevista 1, Anexo A, p. 151).

Assunto muito atual na Itália moderna, muito problemático e discutido exatamente nos mesmos parâmetros do que viveram os italianos em Pedrinhas. Se de uma parte se pensa na riqueza que uma segunda língua possa trazer em termos de conhecimentos, da outra, se consideram duas teses. A primeira, pensando nos imigrantes, o quanto o não saber falar bem a língua local pode contribuir para a produção de guetos culturais. Segundo, o medo de que a introdução de outras línguas possa provocar uma mudança “cultural” na chamada “identidade”. Ocorreu no Brasil, no período Vargas, na construção da ideia de um ser nacional, já explicitado em nosso trabalho, e ocorre hoje na Europa principalmente com as línguas não europeias e, nos Estados Unidos, com a língua espanhola. O recurso a este conflito, manifestado pelos nossos filhos de Pedrinhas, foi aquele de falar em dialeto em casa com os parentes e em língua portuguesa nos ambientes escolares e sociais.

Como já visto anteriormente e nas narrativas de nossos filhos de Pedrinhas, as questões linguísticas se manifestam como um “lugar-comum”, no sentido de que se repetem frequentemente, nas tentativas de afirmação e reafirmação das construções dos sentimentos de pertencimentos identitários. Contudo, reafirmamos que esta não é estrutura predeterminada e sim um campo de batalha como pode bem exemplificar os intentos de um de nossos protagonistas entrevistados que, sendo professor coordenador escolar, procura reafirmar seu sentimento de pertencimento através um ato político-educativo: “Olha, lá dentro, eu me sinto italiana mesmo eu trabalhando no Brasil, mas eu faço uma força danada para na minha escola ter língua italiana. Eu quero ensinar esta cultura para as crianças que estão aqui.” (Entrevista 4, Anexo D, p. 165).

---

<sup>94</sup> Na escola não se falava jamais em italiano e assim isto nunca foi um problema de aceitação com os amigos brasileiros... isto jamais. Tr. MN.



### 5.2.2. Cozinha

A alimentação é uma das características culturais primárias no sentido de que os grupos sociais podem até não desenvolver escritura, mas comer, ritualizar a comida e habituar-se a determinados alimentos é característica biológico-cultural de todas elas. Claro que, em nossa hermenêutica construcionista social, o modo no qual se desenvolveram estes hábitos são diversificados e, como sempre, tomados como sendo historicamente constituídos.

No que diz respeito à ideia da cultura e da interculturalidade, a cozinha é lugar privilegiado e, como afirmam Jose Sterza Justo e Mariele Rodrigues Correa, em um artigo intitulado *A interdição alimentar e o saber do especialista: análise das leis sobre venda de alimentos em escolas*: “A alimentação vem ocupando um lugar cada vez mais importante na cultura contemporânea, sendo objeto frequente de políticas governamentais, da ciência, da mídia e das conversas do cotidiano.” (JUSTO e CORREA, 2009, p.189). A Itália moderna, que enfrenta tantos problemas com a presença de imigrantes, confirmando aquilo que afirmam estes dois autores, tem na cozinha um ponto de encontro. Tantos são os eventos de “intercultural” onde italianos e estrangeiros partilham suas iguarias à mesa, numa autêntica tentativa político-cultural de dar ao fenômeno das migrações um sentido antropofágico de “engolir um ao outro”.

Aqui podemos notar, mais uma vez, uma tendência a considerar como sinônimo de cozinha/comida italiana aquilo que os pais de Pedrinhas tinham por hábito alimentar na Itália e como eles descreveram os hábitos alimentares brasileiros até com curiosidade, muitas vezes.

Uma ideia muito interessante sobre a importância da cozinha culturalmente é descrita por Alberto Capatti (professor de história da cozinha e da gastronomia na *Università di Scienze Gastronomiche di Pollenzo*, na Itália), que, na introdução intitulada *L'identità come scambio* de seu livro *La Cucina italiana*<sup>95</sup>, afirma ser a cozinha um lugar principalmente de trocas mais do que de origens:

---

<sup>95</sup> A identidade como intercâmbio. A cozinha Italiana. Tr. MN. Como se pode notar, cozinha na Itália é matéria também Universitária, o que indica a importância social que a gastronomia assumiu neste país depois da segunda guerra mundial com o crescimento das cidades e a extensão da boa cozinha às classes sociais até então subalternas.

La proposta di questo libro avanza è di spostare la nozione d'identità dal piano della produzione (cui normalmente viene riferita) al piano dello scambio [...] La cucina in tal modo si rivela per ciò che effettivamente è, ed è sempre stata: il luogo per eccellenza dello scambio e delle contaminazione, oltre che (più che) dell'origine. Se un prodotto può essere espressione di un territorio, il suo uso in una ricetta o in un menu è quasi sempre il frutto di un'ibridazione.<sup>96</sup> (CAPATTI, 1999, p.8)

Isto posto, mesmo considerando que a cozinha seja resultante de tantos encontros e misturas, não altera o fato de que esta seja interpretada como um dos lugares-comuns por excelência, pois através desta se promove, além da memória, a afirmação de um território. É exatamente esta consideração feita pelos filhos de Pedrinhas Paulista em suas narrativas de cozinha/memória/Itália.

Neste contexto, Giovanni afirma em modo entusiástico:

Il mangiare, questo è differente proprio. Io non sono stato in Italia ancora ma i miei zii e i miei genitori sono andati e il mangiare è tutto diverso. In Brasile sono il riso e i fagioli sono i titolari e in Italia no, è tutto diverso o per lo meno mi hanno detto i nostri genitori è che la mangiano tutto diverso, la pasta e mangiano cose più selvagge, le cunicci (che in dialetto veneto è coniglio) le colombine (uccello) e qua noi non abbiamo questo abito e si mangiano solo le cose già pronte, c'è il pollastro (pollo che in dialetto veneto può essere anche sempliciotto) che uno va al mercà (che in dialetto veneto è supermercato) e lo compra, mangiano la carne di ... come se dice... maiale, porcello, e c'è la carne di bò (che in dialetto veneto è bue) della vacca noi diciamo qui. In Italia per lo meno io so che i miei cucini vanno a caccio... come si dice in Italia non è cunicci che si dice... è cunicci, conigli... ecco conigli, vero? Le colombini o altri uccelli e qui da noi perché non si può cacciare ma non c'è questa abitudine come ce l'hanno gli italiani. Li mangiano sempre la pasta qui da me a casa mia è sempre riso e fagioli.<sup>97</sup> (Entrevista 1, anexo A, p. 146).

---

<sup>96</sup> A proposta deste livro é aquela de mudar a noção de identidade do plano da produção (a qual é normalmente referida) para aquela dos intercâmbios [...] A cozinha desta forma se revela pelo que realmente ela é e sempre foi: o lugar por excelência dos intercâmbios e das contaminações, bem como (mais do que) da origem. Se um produto pode ser a expressão de um território, a sua utilização em uma receita ou um menu é quase sempre o resultado da hibridação. Tr. MN.

<sup>97</sup> A comida, isto é diferente mesmo. Eu ainda não estive na Itália, mas os meus tios e meus genitores foram e o comer é todo diferente. No Brasil o arroz-feijão são os titulares e na Itália não, é tudo diferente, ou pelo menos assim me disseram os nossos genitores e que lá comiam tudo diferente, o macarrão e comem coisa mais selváticas, *cunicci* (que em dialeto vêneta é coelhos), os pássaros e aqui nos não temos estes hábitos e se comem somente as coisas já prontas, tem o frango (que em dialeto vêneta pode ser pessoa simples) que um vai ao *mercà* (que em dialeto vêneta é mercado) e compra, comem a carne de... como se diz... porco e tem a carne de boi, da vaca como dizemos aqui. Na Itália eu sei que meus primos vão caçar... como se diz na Itália, não é *cunicci* que se diz... é *cunicci*? Não, é coelho, verdade? Os pombos e outros pássaros e aqui não se pode caçar e não é um nosso hábito como na Itália. Lá comem sempre macarrão, aqui em casa é sempre arroz-feijão. Tr. MN.

As diferenças citadas por Giovanni são precisas, pois que, na Itália moderna, a pasta é a base da alimentação quotidiana mas também se utilizam muitos animais selvagens como *pietanças* (palavra veneta que hoje faz parte do vocabulário português), enquanto que, no Brasil, o arroz-feijão é a base da dieta alimentar nacional. Estes “lugares-comuns” das relações culturais alimentares acabam servindo como reforço da ideia de uma cultura estática.

Michela nos diz, diversamente de Giovanni, que a característica principal da dieta italiana em sua casa era aquela de não repetir os mesmos pratos todos os dias e a aceitação por parte de seu marido brasileiro daqueles hábitos alimentares, mas com a introdução de variantes:

Olha, quando eu morava com meu pai, a característica italiana era mais evidente. Eu falo minha tia porque minha mãe faleceu e meu pai casou-se novamente com a irmã mais velha de minha mãe. Eu lembro que minha tia, hoje era macarronada e amanhã não repetia-se a macarronada era um outro prato. Não eram muitos pratos, mas os pratos variavam dia a dia. Depois que eu me casei, já há trinta anos, eu adquiri muitos hábitos também por conta também do meu marido que gostava disso, é por exemplo, o uso de fazer coisas com o milho, o milho verde né. A gente faz muitos pratos com ele ou o palmito que a gente tem inclusive plantado em casa. Pratos assim, comer soja e isto vem depois, mas enquanto eu vivia na minha casa, a alimentação, não que eu não coma macarronada toda semana, mas eu acho que se aproxima mais do comportamento brasileiro hoje. (Entrevista 2, anexo B, p. 155).

Rita, diversamente da Giovanni e da Michela, nos dirá a importância da presença obrigatória do pão e do vinho, que podem ser considerados como referências à ideia religiosa da proveniência dos pais de Pedrinhas, e o quanto, em casa sua, seu avô odiava que se misturassem os alimentos:

Coisa de italiano, não sei. Lembro muito do meu avô que fazia questão que tivesse o pão na mesa, coisa que eu não tenho hoje né... queria que tivesse o vinho sobre a mesa e não misturava, por exemplo, ele fala esta mexida que a gente faz hoje né. Ele comia, não trocando de prato, mas ele comia uma coisa por vez né. Não misturava, por exemplo, sopa, macarronada com alface, por exemplo, né. Coisa que a gente faz hoje. (Entrevista 3, anexo C, p. 156).

Todas estas narrativas em nome da cozinha “típica” italiana, complementares e contraditórias ao mesmo tempo, tiveram e têm a função de construção de uma ideia cultural gastronômica de italianidade para os filhos de Pedrinhas ao tentarem elaborar as diferenças das

proveniências dos pais e também as próprias diferenças destes pais que, na Itália, não se sentiam italianos como categoria de cultura. Memória que se cristalizou no evento, realizado já há mais de 60 anos, da Festa Italiana anual de Pedrinhas Paulista, onde temos a *pasta* como alimento principal e símbolo da união destas diferenças. Nas palavras de Francesco Pomilio, segundo entrevista concedida ao Jornal *O Globo* em 07 de fevereiro de 2012, na ocasião desta festa em 2002: “A diferença entre a região é devido ao costume de cada um, ainda existe, mais nós juntamos todas estas diferenças, e fizemos uma diferença só que se chama Pedrinhas Paulista”. (O GLOBO, 2012).

*Pasta*, que na vida cotidiana de nossos filhos de Pedrinhas, é consumida conjuntamente com nhoque, lasanha, arroz-feijão e churrasco. Nas palavras de Rita, que, tentando construir seu pertencimento identitário gastronômico, por fim afirma sua italianidade de comedora de macarrão, mas com variantes:

Eu me sinto assim mais italiana realmente por causa da comida mesmo. Na minha casa se faz mais o macarrão, nhoque, lasanha e arroz e feijão também. Porém, por serem todos filhos de italianos a gente acostumou mais com sempre macarrão direto. Esse negócio de macarrão só de domingo é na casa do meu ex-marido que é brasileiro e de domingo come só macarrão. Na minha casa é ao contrário apesar de que na minha casa de domingo a gente só come lasanha e nhoque também que a gente gosta ou então churrasco. Mas é mais massas mesmo como costume e a gente come uma salada também. Sei lá, eu gosto muito de meus parentes na Itália, todos os meus parentes são de lá então eu acabo conversando mais com eles e me identifico mais. (Ibidem, p. 160).

Todas estas narrativas podem ser consideradas exemplos de uma construção de um sentido de pertencimento que, inicialmente, busca a ideia cultural já pré-estabelecida e constituída mas que, posteriormente, caindo em diversas contradições provenientes da própria insustentável ideia de cultura como algo hermético, abre-se às narrativas constituintes de uma outra italianidade, através do próprio processo de hibridação.

### 5.2.3. Família

As relações familiares, nas ciências humanas, são consideradas como o elemento fundamental para o início do processo de socialização do indivíduo a partir de seu nascimento. Na socialização primária, ou seja, aquela da infância, quando ocorrem as primeiras internalizações e trocas comunicativo/linguísticas do meio onde vive, segundo Berger & Luckmann (1974), é o momento em que a criança identifica-se com os outros significativos de seu meio em um processo de interiorização do mundo dos outros como sinônimo do único mundo existente. Já na socialização secundária, ainda segundo estes autores, o indivíduo passa pelo processo de alteração em que irá reinterpretar o mundo dando novas significações de legitimações às vivências do passado. Eis porque os nossos filhos de Pedrinhas, nascidos em certo contexto de formação identitária de pessoas provenientes do exterior, farão muitos relatos, com alta carga emocional, de ressignificação deste contexto em face do contexto social brasileiro onde cresceram.

No momento das narrativas sobre as famílias, o ambiente e, inclusive, o modo de expressão dos nossos protagonistas se tornaram mais íntimos. A afetividade destes relatos era distinta em relação aos outros relatos feitos em maneira de crônica de um pretérito perfeito. A condição aqui foi a de um pretérito imperfeito com narrativas nascidas em casa dos pais, mas que são um momento de construção/reinterpretação atual. Assim, sem uma nossa solicitação expressa de falar da família de proveniência e da atual, estes dois elementos fizeram texto em todas as narrativas. Ou seja, se falou da família italiana para pensar o estado atual das construções familiares destes filhos.

Em nossa primeira entrevista, Giovanni, em modo muito espontâneo, declara: “*la mamma è la mamma*”. E inicia um discurso sobre sua casa, onde se define como brasileiro, mas com hábitos italianos “*imparati da piccoli*”, ressaltando que as mães italianas são muito mais dedicadas aos filhos em relação às outras; que há união nestas famílias mesmo quando se briga; que a vida transcorre em famílias alargadas e que, diversamente, em famílias brasileiras estas coisas não seriam possíveis.

Sono brasiliano perché sono brasiliano... ma vedo che in certe cose ancora io ho dei costumi italiani, quelle cose che abbiamo imparato da piccoli. La cultura italiana, proprio questo che penso. [...] Ho sentito una volta dire in televisione che la mamma italiana, riguardo alla mamma di un altro paese, sono le mamme più dedicate ai figli e noi abbiamo questa cosa forte in famiglia. Di carezza, di unione familiare e vedo questo con i miei fratelli, noi siamo proprio uniti, abbiamo mai un problema di disturbo, di confusione o di parlare male, sempre di aiutare e dopo ci sono altre cose che non mi vengono in mente. Non so spiegare adesso ma gli italiani sono più di volontà, nel modo di famiglia penso io, come se dice... non restano preoccupati se vanno bene o male... resta così e basta. [...] Gli italiani quando sono venuti in Brasile abitavano tutti insieme le famiglie. C'erano sposati, c'erano i miei genitori e restavano tutti nella stessa casa e abitavano insieme per tanti anni senza problema. Ho visto questo che diversi brasiliani mi hanno detto che per loro era impossibile questo, vivere insieme no perché si fanno baruffa.<sup>98</sup> (Entrevista 1, anexo A, p. 146).

Giovanni, quando fala do passado de sua família, tende a ser rígido em suas convicções e as define como cultura qualitativamente melhor do que aquela brasileira. Mas quando fala *dei vecchi* na atualidade, tende a se distinguir e declara a sua distância dizendo não desejar mais parar para conversar com os velhos:

Quando io avevo 15 anni qui a Pedrinhas c'erano tanti italiani di più ed io con quindici anni io giocavo a bocce insieme con i vecchi e li si parlavano sempre, allora si aveva più contatto c'erano sempre cose da dire e l'approssimazione dei vecchi che sono venuti e mi piaceva molto. Dopo con gli anni che vanno passando e vanno via tutti vanno morendo e le cose vanno un po' restando distante perché le cose cambiano. Oggi non ho tanto contatto si che se si ferma per parlare si parla e mi piace ma già penso che sia una cosa mia che io non ho voglia di fermarmi e parlare con i vecchi. Sono stato tanti anni indietro più vicino a loro. Oggi no.<sup>99</sup> (Ibidem, p. 150).

---

<sup>98</sup> Eu sou brasileiro, porque eu sou brasileiro... mas vejo que, em algumas coisas, eu ainda tenho aqueles costumes italianos que aprendemos quando crianças. A cultura italiana é o que eu acho. [...] Uma vez ouvi dizer na televisão que a mãe italiana, em relação às mães de um outro país, são as mães mais dedicados aos seus filhos e nós temos a grande coisa na família. Carícia, união da família e eu vejo isso com meus irmãos, nós somos próprio unidos, nunca teve um problema de confusão, desordem, ou de falar mal, sempre ajudar e depois há outras coisas que vêm à mente. Eu não posso explicar agora, mas os italianos são de maior vontade, no modo de família penso eu, como se diz... Não permanecem preocupados se eles são bons ou ruins ...é assim e basta. [...] Quando os italianos vieram para o Brasil viviam todas juntas as famílias. Tinham casa dos meus pais e permaneceram todos na mesma casa e viveram juntos por muitos anos sem problema. Eu vi isto que muitos brasileiros me disseram que para eles isto era impossível, porque eles não viveriam juntos sem brigarem. Tr. MN.

<sup>99</sup> Quando eu tinha 15 anos, aqui em Pedrinhas, havia muitos italianos e eu, com 15 anos, jogava a *bocce* com os velhos e ali se falava sempre. Então tínhamos mais contato sempre com coisas a dizer e eu gostava muito desta aproximação com os velhos. Depois com o passar dos anos e todos vão morrendo, e as coisas vão ficando um pouco distantes, porque as coisas mudam. Hoje eu não tenho muito contato e, se eu paro para falar eu gosto, eu não quero parar e conversar com os velhos. Estive por muitos anos mais perto deles. Hoje não. Tr. MN.

Giovanini, em modo não academicamente justificado, faz uma distinção entre o passado em sua casa, socialização primária, como algo a dar continuidade, e o presente dos velhos, socialização secundária. Este tipo de relato se repetirá com os outros filhos de Pedrinhas e, quanto mais passada é a experiência migrante, como por exemplo aquela dos avós, mais a ideia de cultura vem carregada de uma certa condição de ideologia do ser italiano.

Michela nos narra algo importante enfatizando o quanto esta memória do passado da socialização primária de sua infância a faz sentir-se italiana:

Posso te contar uma coisa da minha infância? O que marcou muito a minha infância foi meu avô, como eu perdi a minha mãe, o meu avô era uma pessoa que mandava... não é que mandava, mas ele teve uma influencia bem grande sobre a gente e nestas grandes festas religiosas, tipo o Natal e Páscoa, nos íamos almoçar na casa de meu avô e quando nos chegávamos lá, como eu frequentava o jardim da infância, nos tínhamos que recitar e estas poesias eram em italiano. Então nos colocávamos *la letterina sotto il piatto*, (a carta embaixo do prato) e meu avô, olha só, eu era a mais velha então eu punha no prato dele. Ele ficava surpreso quando ele girava o prato e encontrava esta letterina né... ai ele lia em voz alta e nos subíamos em uma cadeira e recitávamos esta poesia. [...] Outra coisa do meu avô, por exemplo, é quando, quatorze de dezembro era o meu onomástico ele ia lá na minha casa, nos tínhamos um sitio vizinho, dizer para mim se eu lembrava que dia era aquele dia... *oggi è Santa Lucia*... lembro também quando nos íamos no jardim, como era o nosso catecismo, não era de reflexão, era uma coisa bem decorada... "*dov'è nato Gesù?*" e nos respondíamos: "a Betlemme sulla campana... *dov'è morto Gesù? sulla croce sul monte calvario... Bravi... così mi piace*". E assim era o nosso catecismo. (Entrevista 2, anexo B, p. 156).

Contudo, os nossos filhos de Pedrinhas, narram suas novas condições familiares também com a constituição de suas novas famílias mistas.

Uma outra questão muito interessante ligada às segundas gerações, que pode muito contribuir para a formação/crise dos sentimentos de pertencimento destes, é a experiência de observação dos pais que tentaram, por qualquer vez, retornar à Itália. A chamada imigração de retorno que hoje, no Brasil, em função das crises internacionais e ao mesmo tempo do crescimento econômico do Brasil no cenário internacional, tem sido estudada principalmente acerca do retorno de brasileiros dos Estados Unidos e Japão. Contudo, este tipo de deslocamento no passado no Brasil já ocorria de particular modo com italianos e espanhóis:

Dentre os tipos de movimentos migratórios estudados, o de retorno assume uma posição particular. Ainda que, para esse tipo de deslocamento, o desenvolvimento de estudos de

maior fôlego seja recente, a questão já era mencionada em 1885 por Ravenstein, o qual observou que “cada corrente migratória principal produz, em compensação, uma contracorrente”. Na América, particularmente na América Latina, o tema foi pouco considerado devido, num primeiro momento, à natureza dos fluxos. As migrações históricas, oriundas da Europa, Ásia e África, foram consideradas como de orientação única; por terem sido migrações de mão de obra, de povoamento, pareciam ter vocação a serem definitivas. No caso brasileiro, a preocupação pelo retorno, quando aparece, se encontra ligada ao estudo dos fluxos históricos de imigração, principalmente europeus (Bassanezi, 1995). Assim, o retorno dos imigrantes italianos, espanhóis etc. (FUSCO, W. e SOUCHAUD, 2010).

Michela tem uma narrativa muito interessante em relação à imigração de retorno que seguramente contribuiu e, ainda hoje, contribui para o seu processo de formação de sentimento identitário. Em certa ocasião, por desejo de seu pai, ela teve que retornar para a Itália com 15 anos e, sucessivamente, retornar ao Brasil:

Eu tenho uma história de quando eu tinha quinze anos de idade o meu pai tinha sempre em mente que queria voltar para a Itália e quando ele voltou a gente era todo mundo muito pequeno. Minha mãe já havia falecido e nós tivemos muita dificuldade em ficar lá por volta dos anos 70 e nós voltamos aqui e recomeçamos novamente a vida. Então na época isto foi muito conflitante porque nós, eu e minhas irmãs, não queríamos voltar, mas ele queria. E aí depois desta fase eu acho que realmente ele se assentou digamos assim. Ele se assentou e realmente disse não... eu acho que hoje sou realmente brasileiro porque até aquele momento era sempre aquela vontade de voltar para a terra de origem. (Entrevista 2, anexo B, p. 153).

Narra ainda o sofrimento de seu pai em seu desejo de retorno a uma Itália que não existia mais, pois a sua experiência de retorno a Itália real foi uma grande decepção, mas ao voltar para o Brasil, continuou a identificar-se com a sua construção da Itália:

E se essa saída foi muito difícil para eles porque eu lembro do meu pai... tinha uma coisa de voltar mas a gente via que aqui ele estava bem mas uma vontade de voltar à origem que era uma coisa impressionante. Eu não sei de onde... eu lembro que a gente era criança e nos já estávamos apegados aos tios, aos colegas, aos amigos, e eu não queria voltar para a Itália, eu não tinha o porque voltar. E toda a vida com esta coisa de voltar e dava a impressão que ele nunca estava aqui. Mas hoje não, eu acho que depois que ele voltou e viu ele se fixou aqui. Mas não deixa de defender a Itália dele com unhas e dentes. (Ibidem, p. 157).



Ainda sobre a experiência do retorno, temos a narrativa de Rita que, diversamente daquela de Michela, nos diz que parte de sua família retorna para a Itália, volta ao Brasil, retorna outra vez para a Itália e não volta mais para o Brasil. Tudo isto em um período histórico em que estas idas e vindas traziam um significado e construção de significantes diferente de hoje, devido às dificuldades com que estes deslocamentos eram realizados.

Meus avós paternos não voltaram mais para o Brasil. Depois de 10 anos que minha mãe e meu pai casou, meu pai sofreu um acidente de carro. Meu pai, o irmão dele e mais duas pessoas juntas, aí sim a minha avó paterna voltou para o Brasil e ficou mais um ano e meio mas não acostumou com o clima do Brasil e voltou para a Itália. (Entrevista 3, anexo C, p. 158).

Michela, por várias vezes, vai citar este seu pertencimento a estas famílias, mas também, ao mesmo tempo, o seu distanciamento em uma construção identitária de si mesma que aceita sim os “lugares-comuns”, mas os transforma em algo diverso. No trecho abaixo vemos uma crítica ao sentimento de superioridade, observado por Michela, que os seus pais de Pedrinhas demonstram em relação aos brasileiros, e inserindo-se entre os brasileiros:

Acho que o italiano e o europeu, de maneira geral, ele se sente um pouco superior a nós brasileiros. Eles se acham. A gente sente isso dentro da própria família e em outros momentos. Eles se acham não sei se você pensa assim como eu? O brasileiro não se é por causa da situação econômica não sei, ele se sente um pouco mais humilde, ele tem uma postura mais acolhedora. Não sei, mas eu diria mais humana. Eu acho que o brasileiro tem esta característica de ser mais acolhedor, mais sentimentalista digamos. (Ibidem, p. 154).

Faz uma crítica sobre esta criação familiar italiana rígida e a mistura com a condição de interiorana numa construção identitária muito interessante de notar:

Esta formação, nós somos muito comprometidos com as coisas, muito. Acho que era a rigidez com que nós fomos criados, né? Eu lembro muito de meu avô que me *diceva così*: “*io ho fatto la quinta sotto le armi e dobbiamo parlare e essere così... dobbiamo... una persona dev'essere reta e corretta*”<sup>100</sup> e vai por este caminho e eu acho que como nos morávamos em sítio e o domínio dele sobre a gente era muito maior nós éramos

<sup>100</sup> Dizia assim: Eu fiz a escola infantil no período da guerra e nós temos que ser pessoas retas e corretas. Tr. MN.

mais condicionados talvez né... nós que somos um pouco tímidas eu acho e eu falo por ela também. Eu acho que em tudo isto se deu a nossa formação. Eu acho que em tudo isto se deu a nossa formação interiorana. (Ibidem, p. 155).

Em todas estas narrativas de família temos uma momento inicial da casa com uma ideia rígida, lugar-comum, de identidade cultural muito ligada às tradições de família, mas, posteriormente, observamos também uma mudança nesta constituição de italianidade nos filhos que, idealmente, falam do passado, e ao mesmo tempo, na realidade, constituem uma outra italianidade que não é aquela *dei vecchi*, quase que em um movimento de recusa, não da italianidade, mas sim daquela italianidade.

#### 5.2.4. Trabalho

A ideia de trabalho que pretendemos discutir, por meio das narrativas dos filhos de Pedrinhas, não é somente aquela relacionada apenas ao desempenho profissional, mas também a ideia de trabalho como empenho de força sobre coisas e eventos na promoção de algo novo. O trabalho serviu muito ao estabelecimento de uma identidade de lugares-comuns da italianidade. Alguns setores foram privilegiados, como por exemplo, o cultivar a terra, a música, a gastronomia etc. São estes que pretendemos exemplificar, sempre na perspectiva de pensarmos os filhos de Pedrinhas e também de colocarmos em evidência limites destas identificações.

A dimensão da percepção sobre o trabalho realizado por seus pais, nos filhos de Pedrinhas, é de uma descrição de valores muito diferentes entre italianos e brasileiros, em que estes últimos vêm descritos como “folgados” e “preguiçosos”. Em muitas narrativas destes filhos esta foi a afirmação predominante.

Giovanni, depois de ter amplamente descrito a si mesmo como pessoa que pertence aos valores italianos de sua família, descrevera o quanto os italianos são trabalhadores e os brasileiros menos, dizendo que os italianos não conseguem estar parados. Mas por fim dirá que não é como estes italianos, pois gosta de fazer as coisas só quando tem vontade:

Qui i brasiliani lavorano e dopo il lavoro stanno più a volontà, vanno a spendere e vanno

al bar e tutti i giorni a bere e allora. Io vedo come sono i miei cugini in Italia e a volte parlo con un cugino mio che mi dice: adesso io arrivo dal lavoro e c'è sempre da fare, c'è l'orto da iniziare a lavorare e sempre cose da fare e allora. Noi qui facciamo le cose quando ci viene la volontà (la voglia) e lui no è tutti i giorni con il costume di trovare da fare. Trovar da fare, sempre da fare qualcosa. Non restare seduti fermi no... Quest'abitudine che gli italiani hanno, gli italiani di Italia che io so che sono così e anche c'è gli italiani qui ancora a Pedrinhas che non hanno l'abito di stare fermo. Già io sono differente mi piacere fare le cose quando ho voglia.<sup>101</sup> (Entrevista 1, anexo A, p. 148).

Rita, em concordância com a narrativa de Giovanini, descreverá a razão de os italianos serem mais trabalhadores em relação aos brasileiros:

Eu gosto, entendi? Só que eu não sei se é por ser filha de italianos que o costume da gente é... eu acho que o brasileiro é muito mais folgado, tranquilo entende? Muito menos responsável. Os italianos são mais trabalhadores. Saíram da pátria deles vieram para um outro mundo trabalhar e tentar uma nova vida. O Brasil é tão grande e muitos brasileiros não valorizam isso. A Itália é um país bem pequeno e os italianos trabalham bastante e se dedicam mais e querem crescer e tem responsabilidade maior e batalham por uma vida melhor. O brasileiro não, eu acho que eles pecam muito em curtir hoje e não amanhã. Eles não têm esta responsabilidade de um futuro melhor para os filhos. Muitas pessoas pensam diferente, mas o brasileiro brasileiro mesmo eu acho que eles não pensam muito no amanhã e ficam curtindo só hoje. Apesar que eu acho difícil ter o puro brasileiro né. Hoje a maioria tem alguma mistura no sangue né. Brasileiro de verdade é meio difícil. (Entrevista 3, anexo C, p. 161).

Ou ainda:

Porem o brasileiro é mais acomodado entende? E na Itália por ser primeiro mundo eu acho né a situação já é mais um pouquinho acelerada. Tem mais responsabilidade e tem que trabalhar mais. Mesmo que muitos brasileiros saem do Brasil pra fora, para a Europa para ver se consegue fazer a vida, um pé de meia. Lá na Europa a gente trabalha muito porque eu já trabalhei dois meses lá. Lá se trabalha e não é como aqui no Brasil que a gente se encosta. Trabalhamos sim, porém não chega nem no pé do que se trabalha na Europa. (Ibidem, p. 162).

Elena reafirma os mesmos sentimentos e convicções de Giovanni e Rita:

---

<sup>101</sup> Aqui os brasileiros trabalham e depois do trabalho ficam mais a vontade, vai gastar e vão até o bar para beber todos os dias. Eu vejo como são meus primos na Itália e, às vezes, eu falo com um primo meu que me diz: agora eu chego do trabalho e tem sempre algo para fazer. Tem o jardim para colocar em ordem e sempre coisas para fazer. Aqui nós fazemos as coisas quando temos vontade e ele não. Ele todos os dias encontra sempre algo para fazer. Não ficam sentado não ... Este hábito que os italianos têm, os italianos da Itália, que eu sei que são assim, mas também os italianos aqui de Pedrinhas que não têm o hábito de estarem sentados. Eu já sou diferente, eu gosto de fazer as coisas quando eu quero. Tr. MN.

Porque os italianos se sobressaíram muito aqui em nossa cidade. Eles chegaram aqui eles eram trabalhadores. [...] Eu aprendi sempre com minha mãe e ela dizia assim que o italiano trabalhava e pensava no futuro e o brasileiro não, ele trabalhava hoje para comer hoje. (Entrevista 4, anexo D, p. 165).

Em um outro momento ainda, Giovanni vai mencionar o seu vizinho de oitenta anos que ainda trabalha a terra como sinônimo da identidade italiana de homem trabalhador mas sem considerar que, para *i vecchi*, a ideia de trabalhar a terra tem também um função de memória, pois não podemos nos esquecer das origens camponesas dos pais de Pedrinhas. Enfatiza também que, para ele, o cultivar a terra, principalmente as uvas, é próprio da cultura italiana e que todos que tem um pedacinho de terra deveriam cultivá-las:

Come dicevo, il mio vicino ha ottant'anni e ha tutto a casa, l'orto con la verdura, l'uva, tutti i frutti e questa è una cosa degli italiani e i brasiliani qui non hanno questa cultura di avere un orto, di piantare l'insalata, tutte le cose di verdura. La cultura dell'uva sono pochi e a me piace. Ho quindici piedi e mi piace perché è della cultura italiana e, solo gli italiani hanno qui e questa è una cosa bellissima che tutti dobbiamo fare ma non dico tutti ma quelli che hanno un spazio per piantare queste cose e tenere in casa ma non perché debbono tenere in casa e si perché questa cultura di vedere le cose è proprio della cultura italiana. Vedo che quando finiscono questi vecchi finisce tutto.<sup>102</sup> (Entrevista 1, anexo A, p. 151).

A ideia do trabalho como produção de identificação cultural é muito importante, mas, por vezes, a ênfase recai sobre o resultado deste trabalho, cristalizando ideias de definição cultural. Seguramente que as uvas e os vinhos nos reportam à Itália, mas ao mesmo tempo reconhecemos que esta produção de uvas/vinhos é um processo de produção, trabalho desejado, constituído e constituinte, muito importante para a compreensão da formação das possíveis identidades culturais. Um exemplo dos limites da produção de trabalho como sinônimo de imediata produção de identidades culturais é a produção de kiwi na Itália. Segundo a *Food and Agriculture Organization of the United Nations*, a Itália é o primeiro produtor de kiwi no mundo e, certamente que, em nossa ideia de italianidade, não conseguimos associar kiwis aos italianos.

---

<sup>102</sup> Como eu estava dizendo, o meu vizinho tem oitenta anos e produz tudo em casa, horta com verdura, uva e todos os frutos e isto é uma coisa dos italianos e os brasileiros aqui não têm esta cultura de ter uma horta, de plantar a salada, todas as verduras. A cultura das uvas, só poucos e eu gosto desta e tenho quinze pés de uva e eu gosto porque é da cultura italiana e somente os italianos têm isto aqui, que é muito bonito e que todos aqueles que tem um pedaço de terra para plantar e que devemos todos fazer e ter em casa porque esta cultura é própria a cultura italiana. Vejo que quando os velhos morrerem, acaba tudo.

Entre os “lugares-comuns” da italianidade temos o desenvolvimento da música, e aqui, mais uma vez, a continuidade e descontinuidade se fazem presentes nos filhos de Pedrinhas. Neste sentido, Giovanni – que de profissão é cantor de músicas italianas e apresenta-se em festas italianas por todo o Brasil – desenvolve um repertório muito diferente daquele a que seus pais estavam habituados, com cantores como Pepino di Capri, Jimmy Fontana, Rita Pavone, Nico Fidenco etc. Assim, ampliando seu repertório e escolhendo Eros Ramazzotti, cantor de pop rock italiano da atualidade, seguramente desconhecido e não representativo de uma ideia de italianidade para seus pais, Giovanni pega um “lugar-comum”, a música, e o transforma em outra coisa:

Principalmente canto di tutto ma mi è piaciuto cantare le canzoni italiane quando ho sentito per la prima volta un cd di Eros Ramazzotti e con la mia voce un po' similare allora mi è piaciuto moltissimo cantare le canzoni di Eros [...] Oggi faccio anche le canzoni di Eros Ramazzotti nei show come cover delle sue musiche.<sup>103</sup> (Ibidem, p.145).

Giovanni utiliza a música também em outras atividades, como por exemplo, para ensinar um pouco de italiano aos filhos em casa: “*L’única cosa che posso passare ai miei figli sono le canzoni italiane che sempre in macchina*”.<sup>104</sup>

Concluindo esta conexão entre trabalho/música como dois “lugares-comuns” de construção identitária italiana, Giovanni declara acreditar que, no mundo, se falamos em trabalho e musica, estamos falando de italianos:

L’italiano è un emigrante importante nel mondo. Gli italiani sono i più immigranti nel mondo. Hanno costruito tanti paesi. L’italiano è una razza, come si dice? È una razza?! Non so dire la parola adesso perché mi è scapata. Ma è un... l’italiano è una persona, dei personali importanti nel mondo ed essere figlio di italiani e tenere questa cultura nel mondo mi piace moltissimo. Mi piace molto non so se è perché i miei genitori sono italiani, ma penso che essere italiano... l’italiano è importante perché quando si parla in musica, c’è nel mondo intero e l’italiano quando si parla in lavorare è nel mondo intero.

<sup>103</sup> Principalmente eu canto de tudo, mas eu gosto de cantar as canções italianas de Eros Ramazzotti desde quando eu ouvi pela primeira vez um CD seu e com a minha voz um pouco 'similar, então eu gostei muito de cantar as músicas de Eros [...] Hoje no show eu faço cover da música de Eros Ramazzotti. Tr. MN.

<sup>104</sup> A única coisa que posso passar a meus filhos são as músicas italianas que eu ouço no carro. Tr. MN.

Mi sento bene d'essere figlio d'italiani e aver un po' di questo sangue no?!.<sup>105</sup> (Ibidem, p.149).

Em relação ao trabalho/empreendimentos, os “lugares-comuns” – construídos pelos pais e reafirmados em parte, ao menos como ponto de partida, para depois se transformarem em uma construção identitária italiana diferente daquela dos pais – poderiam ser resumidos no discurso de Rita, que faz um balanço da memória italiana em positivo. Citando os principais elementos dos “lugares-comuns” em Pedrinhas, diz explicitamente que, para dar continuidade a esta “italianização”, por vezes, faltou o estudo desta língua na escola.

Agora da Itália aqui em Pedrinhas a gente comemora muito as festas italianas, as danças, a festa italiana que é tudo massas, tem as danças tradicionais e eu quando pequena sempre, acho que todos os filhos de italianos aqui dançavam tarantela, eu dancei, meu irmão dançou, minha filha dançou. Então o lado bom dos italianos aqui no Brasil é que a gente lembra, comemora sempre as partes de festa. O lado ruim que eu acho da Itália aqui no Brasil é que eu acho que a gente deveria na escola ter a língua italiana não só agora, sempre! (Entrevista 3, Anexo C, p. 160).

### 5.3. Outros lugares

Os nossos filhos de Pedrinhas, por vários momentos de suas entrevistas, deixaram transparecer muitos elementos de ruptura com diversas perspectivas da identificação cultural, próprios da procura de uma italianidade diferente daquela construída pelos pais de Pedrinhas. Pretendemos discorrer sobre os “outros lugares”, entendendo-os como aqueles discursos transversais que escapam das tentativas estruturais da formação de universais da cultura. Assim, utilizando-nos das narrativas dos filhos de Pedrinhas, pensamos em colocar em evidência as

---

<sup>105</sup> O italiano é um importante imigrante no mundo. Os italianos são os mais imigrantes no mundo. Eles construíram muitos países. Italiano é uma raça, como posso dizer? É uma raça?! Eu não posso dizer a palavra agora, porque não lembro. Mas é um ... italiano é uma pessoa, são pessoas importantes no mundo e eu gosto muito de ser filho de italiano e manter esta cultura no mundo. Eu realmente gosto, não sei se porque meus pais são italianos, mas eu acho que ser italiano ... O italiano é importante porque quando se trata de música e de trabalho, o italiano está por todo o mundo. Eu me sinto bem para ser filho de italiano e ter um pouco deste sangue, não?!. Tr. MN.

questões que fogem às estereotípias dos “lugares-comuns”, por meio de narrativas híbridas que se abrem a novas possibilidades de uma representação identitária de uma italianidade em construção.

Os nossos “outros lugares”, selecionados para podermos, de modo mais sistemático, explicitar nossos juízos sobre a formação das identidades culturais dos filhos de Pedrinhas, foram somente dois. O primeiro é o que denominamos “o rompimento com os velhos”, ou seja, as narrativas de incoerências entre a confirmação do discurso destes e, ao mesmo tempo, a interposição de outras vias de narração de si mesmo enquanto “italiano”. O segundo foi a questão dos matrimônios mistos, ou seja, entre os filhos de Pedrinhas e os brasileiros que chegaram depois nesta cidade.

A escolha destas duas categorias de “outros lugares” teve também como intento o estabelecimento de uma leitura que compreendesse o prospectivo, como formação histórica do já estabelecido pelos pais, e o prospectivo, como intento futuro de nossos filhos de Pedrinhas na formação destes novos italianos, ou melhor, ítalo-brasileiros-paulistas-interioranos.

### **5.3.1. Rompimento com os velhos**

Nos relatos que observamos, pudemos encontrar a grande estima, por parte dos filhos de Pedrinhas, *ai vecchi* e o empreendimento histórico destes, mas ao mesmo tempo, também pudemos observar elementos de desejo de ruptura. Estes elementos foram questionados com perguntas sobre o sentimento nacional de nossos protagonistas, os filhos de Pedrinhas, que à pergunta feita se eles eram italianos ou brasileiros, respondiam quase que imediatamente ou um ou outro. Mas, quando a partir desta pergunta, questionávamos também o que é ser italiano ou brasileiro, além das narrativas dos “lugares-comuns” já estabelecidos, pudemos notar a dificuldade em responder a esta questão. As contradições, necessárias para a ideia de uma construção híbrida do sentimento de identificação cultural, saltaram para fora, por vezes, seguidas por risadas. Como se diz vulgarmente, “uma saia justa”.

Giovanni, citado anteriormente, após fazer uma grande apologia dos trabalhadores

italianos e, inclusive, ter-se definido italiano, complementa dizendo que ele mesmo não é assim trabalhador e faz as coisas só quando tem vontade. A isto, concluiu, em modo muito irônico, com a frase: “*Allora un po’ di brasiliano io sono si!!! [sorrisi]. C’è un po di tutto.*”<sup>106</sup> (Entrevista 1, Anexo A, p. 148).

Michela, confirmando esta ideia de ter um pouco de tudo, vai afirmar:

pensar que eu me sinta mais brasileira que italiana, eu tenho dificuldade em separar estas coisas porque eu sinto as duas culturas muito embrenhadas uma na outra, na convivência com meus pais, na convivência com as pessoas da minha cidade. (Entrevista 2, Anexo B, p. 153).

Rita vai acrescentar uma contradição interessante, que nos leva a pensar na complexidade do tema das identificações culturais que, por anos, foram utilizadas, conforme já descrito na argumentação teórica desta dissertação, como instrumentos da formação dos Estados Nacionais e da ideia do “outro” como alguém de fora. A maior razão, nos filhos das chamadas segundas gerações, como em nosso caso, Rita, que, como segunda geração, vai dizer ser brasileira porque nasceu aqui, mas se sente italiana, por ser *oriundi* e viver em uma cidade de tantos *oriundi*, porém consciente de ser brasileira:

Sou brasileira porque nasci aqui, mas para mim eu sou italiana. Porque é pai e mãe italianos e minha família inteira é italiana. Eu só tenho uma tia que é a irmã de minha mãe que é brasileira. Todos são italianos então para mim eu sou italiana que mora no Brasil. Porem eu sei que sou brasileira que nasci no Brasil. (Entrevista 3, Anexo C, p. 159).

Diversamente, Elena – que dentre nossos protagonistas foi aquela que se demonstrou muito empenhada em manter o ensino da língua italiana e que, ao mesmo tempo, possui menor competência linguística na língua de Dante – utilizará os mesmos argumentos de Rita citados acima, para afirmar sem dúvidas que é italiana, italiana mesmo se nasceu no Brasil. Ou seja, uma italianidade que vai além do local de nascimento ou competência linguística:

---

<sup>106</sup> Então eu também sou um pouco brasileiro sim! [risadas] Tenho um pouco de tudo. Tr. MN.



Eu me sinto italiana pelos costumes que a gente tem na minha casa. Tudo italiano, fala italiano, comidas típicas italianas. Eu me sinto mais italiana porque eu moro no meio de um monte de italianos, costumes italianos, a maneira da gente falar, de agir e o pensamento meu também. Eu penso mais né como italiano, como se fosse uma religião, o católico o crente, você entende. A gente tem um costume tudo de italiano, as danças típicas italianas, a comida italiana, o modo de a gente agir e pensar e porque é de uma família italiana mesmo. Claro que nós, filhos de italianos, lembramos que moramos no Brasil. Quem veio embora da Itália para cá é porque deu algum problema lá e o Brasil é bom para nos morarmos porém a gente não esquece da Itália né. (Entrevista 4, Anexo D, p. 160).

Certamente que em nossas indagações não poderia faltar uma questão sobre o futebol, afinal, estamos falando de Brasil e Itália com ítalo-brasileiros que viveram a Copa de 1982 com seus pais italianos em Pedrinhas. Aqui temos os nossos filhos muito divididos entre torcedores dos canarinhos e “*degli azzurri*”, entre uma dialética, se é que esta palavra possa ser utilizada para o futebol, da continuidade e do rompimento, a partir da qual Michela nos diz: “Na minha casa quem é italiano torce para a Itália e quem é brasileiro para o Brasil”, e depois, afirma: “Eu torço para o Brasil” (Entrevista 2, Anexo B)

O fato é que, depois da fatídica, pelo menos para o Brasil, partida de disputa da semifinal Brasil-Itália em 1982, em uma cidade do interior de São Paulo, houve uma enorme festa segundo o relato de Giovanni:

Posso dire che quando avevo dodici anni già nella parte del calcio ero forte. Mi ricordo che nel 82 quando l'Italia è stata campione de mondo di cálculo, abbiamo fatto una festa talmente grande e è venuta tanta gente, tanti italiani di Pedrinhas che abitavano in campagna e abbiamo fatto una grande festa. Già ci sentivano italiani in questa parte perché è forte, erano forte, è sempre stata forte perché si sta sempre parlando l'italiano. Allora queste cose vanno dentro e dopo le altre maniere di essere penso io.<sup>107</sup> (Entrevista 1, Anexo A, p. 147).

---

<sup>107</sup> Posso dizer que quando eu tinha doze anos eu era já forte no futebol. Lembro que em 82, quando a Itália foi campeã do mundo de futebol, nós fizemos uma festa muito grande e veio muita gente. Tantos italianos de Pedrinhas que moravam nas zonas rurais e fizemos uma festa onde nos sentimos italianos. Isto sempre foi forte, porque se falava em italiano e estas coisas entram dentro e depois as outras maneiras de ser, penso eu. Tr. MN.

### 5.3.2. Casamentos Mistos

Além das segundas gerações como grupo interessante para observarmos a formação do sentimento identitário, um outro grupo que tem sido estudado é aquele dos casais misto, ou seja, dos casais de pertencimentos culturais distintos. Em nosso caso, temos praticamente os dois que colocam em questão a própria ideia do que é misto, pois mistos eram já os italianos de Pedrinhas e os mesmos brasileiros que se casaram com estes.

Em nossos relatos pudemos notar duas questões fundamentais. A primeira foi a orientação dos pais de Pedrinhas, no caso de nossos entrevistados, ou de desconfiança ou de clara proibição de casamentos mistos entre os Pedrinhenses *oriundi* e os Pedrinhenses brasileiros. A segunda foi a resposta de nossos entrevistados ao desobedecer a orientação de seus pais para não se misturarem com os brasileiros. Resposta esta que pode denotar uma autonomia de pensamento das segundas gerações em relação a seus pais, uma ruptura na procura de uma italianidade, não de confins e sim de novas construções. De fato, todos os nossos entrevistados casaram-se com brasileiros e não foram poucas as narrativas de desacordo familiar sobre este fato.

Um dos relatos mais carregados de emotividade foi o de Elena, que nos diz que os seus pais, mas não somente eles, os pais de Pedrinhas não queriam relações sociais mais estreitas com os brasileiros, muito menos um casamento. Mesmo entre aqueles *oriundi*, precisava ser de descendência próxima, senão era já brasileiro:

Quando eu era moça, o que eles diziam dos brasileiros? Eles queriam que a gente nem casasse com os brasileiros. Imagina namorar! Não podia nada. Nós tínhamos que namorar com os italianos e mesmo os italianos que vieram aqui como o meu marido que bisavô dele era italiano só que ele já tinha virado brasileiro. Ele era brasileiro para os meus pais e acabou. (Entrevista 4, Anexo D, p. 165).

Acrescenta Elena que existiam inclusive casamentos combinados entre os italianos: “Eu tive amigas que os casamentos foram combinados e a moça gostava de rapaz brasileiro, mas não casou não. Não pode casar nada e foi obrigada a casar.” (Ibidem, p. 165).

Elena, contou-nos a história de seu casamento, que, antecedido por tantas brigas e desencontros na família, somente com a intervenção do Padre italiano conseguiu ser realizado:

Eu comecei a namorar um brasileiro que não tão brasileiro ele era porque o bisavô dele era italiano de Veneza, então quando a minha família ficou sabendo, meu pai, mia mãe, meus tios, foi um alvoroço porque eu estava namorando um brasileiro. Aí muitas brigas porque meu pai não queria de jeito nenhum e minha *nonna*, meu Deus, então desconjurava. E aí os parentes, um deles chegou a falar assim para minha mãe: “então se fosse um preto a senhora iria deixar também?”. E minha mãe ficou assim decepcionada e foi falar com o padre de nossa cidade que era um padre italiano e que também era padre na cidade vizinha do meu namorado. E o padre falou que não tinha nada de mais e que era uma família boa e que podia deixar namorar tranquilo. Foi aí que eu comecei a namorar e foi daí que muitas amigas minhas as famílias começaram a deixar a namorar com brasileiros. (Ibidem, p. 166).

Acrescenta depois que hoje é diferente e se tornou normativa a união entre os Pedrinhenses de varias origens:

Hoje é normal. Nem se lembra que aquele é brasileiro e aquele é italiano. Eu morei só um ano sozinha com meu marido e depois meus pais vieram morar comigo. E ele entrou muito bem na nossa cultura. Ele aprendeu a comer a comida italiana porque minha mãe só fazia comida italiana. (Ibidem, p. 167).

Seguramente que o receio, por parte dos pais de Pedrinhas, do detrimento da ideia daquela italianidade de ao abrirem suas famílias para o recebimento dos “outros” de Pedrinhas, não era injustificado. Giovanni, como já relatamos em precedência, nos diz que na sua casa atual, com sua mulher brasileira e filhos, a língua italiana não é mais praticada como em sua casa de origem. Michela, também como já relatado antes, nos diz que, quando fala em dialeto com seus parentes, o seu marido fica emburrado e que se sente brasileira muito pela presença de seu marido.

Contudo, este receio de perder a italianidade, por parte dos pais de pedrinhas, poderia ser compreendido também com base em outra perspectiva, que não aquela da perda do poder que o discurso sobre aquele tipo de italianidade dava a estes pais em determinarem os caminhos de seus filhos. Seguramente que os filhos de Pedrinhas, na construção identitária híbrida deles, são portadores de um outro modo de conceber a italianidade, um modo diferente daquele de seus pais e constituinte de outras narrativas de italianidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS – OS NOSSOS ITALIANOS SÃO “MELHORES DO QUE OS OUTROS” OU “*IUS MIGRANDI*”

Existe um chiste muito interessante sobre a complexidade da identidade cultural em suas continuidades e mudanças, que pode servir de introdução a nossas considerações finais, obviamente considerando que qualquer exemplo é sempre circunscrito:

Un orsetto chiede alla sua madre: “Mamma, che razza di orso sono io?” La madre le risponde: “Sei un orso polare”. Il figlio, non convinto della risposta, chiede ancora, con insistenza: “Sei proprio sicura che io sia un orso polare? E se io fosse un orso bruno o un grizzly?”. La madre, già infastidita, risponde: “Ma perché non credi d’essere un orso polare?”. L’orsetto scoppia a piangere e dice: “Perché ho molto freddo”!<sup>108</sup> (RISATA, s/d)

Em nosso percurso, ao analisarmos a formação das identidades culturais da segunda geração, dos nossos filhos de Pedrinhas, procuramos colocar em evidência exatamente a questão do chiste acima, ou seja, das possíveis relações entre o velho e novo, entre as socializações primárias e secundárias, entre o significado e o significante, entre os nossos “lugares-comuns” e os “outros lugares”, sintetizando, entre o constituído e o constituinte.

Sem nenhuma intenção de negar a existência da ideia de cultura e todos os seus derivantes e efeitos, procuramos avaliar, segundo o paradigma das ciências pós-modernas e alguns de seus autores, o construcionismo social, os *Cultural Studies*, elaborando uma pesquisa qualitativa etnográfica imperfeita acerca da formação identitária de nossos protagonista. Para tanto, indagamos quais os possíveis significados e relações entre migrações, culturas, identidades dentro da história concreta de nossos filhos de Pedrinhas que, de modo similar ao urso de nosso chiste acima, reconhece toda a sua condição de urso polar, mas que, por sentir muito frio, questiona-se sobre as constituições históricas que o fizeram urso polar. Talvez seja o início da constituição de um *grizzly*.

---

<sup>108</sup> Um urso pergunta para a sua mãe: “Mamãe, de que raça de urso eu sou?” A mãe responde: “Você é um urso polar”. O filho, não convencido da resposta, pergunta ainda com insistência: “Você está segura de que eu seja um urso polar? E se eu fosse um urso marrom ou um *grizzly*?”. A mãe, já incomodada, responde: “Mas por que você não acredita ser um urso polar?” O ursinho inicia a chorar e diz: “Porque sinto muito frio”! Tr. MN.

Algum tempo atrás, no início da década de 90, uma multinacional japonesa do setor da tecnologia iniciou uma campanha publicitária com um *slogan* muito irônico e provocatório, no sentido de incitar reações sobre a identidade nacional da comunidade “*Nikkei*”<sup>109</sup> no Brasil. Obviamente que o interesse da empresa era aquele de ficar na memória do consumidor, utilizando-se de duas questões do imaginário coletivo a respeito de características culturais: o reconhecimento de que os japoneses são muito desenvolvidos tecnologicamente e o fato de que o Brasil possui a maior comunidade japonesa no exterior inclusive com um museu em Iokohama dedicado à memória desta imigração japonesa. O slogan era: "os nossos japoneses são melhores do que os outros".

A dupla mensagem aqui era evidente, a primeira dizia respeito à pertinência cultural de origem, o Japão, e a segunda dizia respeito aos “nossos japoneses”, que inclusive seriam melhores do que os outros, outros japoneses do Japão. A mensagem publicitária era de que tantos os carros de marcas japonesas fabricados no Brasil quanto os próprios japoneses residentes neste país seriam melhores do que os outros “originais”. Não demorou muito para que esta frase, pela sua capacidade comunicativa em um país como o Brasil feito de imigrantes, se espalhasse para outros ambientes de vários pertencimentos culturais, quando ainda não era lugar-comum falar de interculturalidade ou hibridação. Assim, rapidamente, também “os nossos italianos, os nossos poloneses, os nossos alemães etc.” transformaram-se em “melhores do que os outros”.

Este *slogan* pode ser utilizado como exemplo da criação de uma identidade pessoal/social cultural que vai além da proveniência dos pais e, ao mesmo tempo, além do país de nascimento/vivência. A ideia de uma identificação, “os nossos japoneses”, teria o duplo sentido de iguais e diferentes, duplo que depois se transforma em ainda outra coisa que é um outro “melhor”. Em outras palavras, dupla experiência pais/país que resulta em algo que não é a soma desta duplicidade e muito menos reduzível à fórmula nipo-brasileiro. Este exemplo que serve também aos italianos com “tracinho”: Ítalo-Brasileiro, Ítalo-Argentino, Ítalo-Americano etc. Hífen este que pode ser considerado como o símbolo de uma tentativa de soma de algo que não é possível somar porque vai além da matemática. Deste modo, os chamados ítalo-brasileiros, em nossa dissertação “os filhos de Pedrinhas”, podem ser considerados como resultantes de

---

<sup>109</sup> Denominação em língua japonesa para os descendentes dos japoneses nascidos no exterior ou que vivem regularmente fora do Japão.

processos histórico-culturais constituídos e constituintes, em uma formação identitária híbrida entendida como o processo mesmo da formação cultural que não pode ser reduzida ao seu resultado.

Contudo, não poderíamos ainda deixar de explicitarmos que o fato de a cultura ser um artefato, um produto cultural construído, não significa que esta seja um lugar vazio no universo, mas sim uma categoria de análise cheia de pessoas que nela se constituíram e vivem, percebendo-a como realidade, porque nela acreditaram e acreditam. Dito isto, aspiramos sim a que nossa dissertação, em todo seu percurso, possa servir de contribuição à reflexão sobre os temas das formações culturais nas segundas gerações. Mas, mais do que isto, aspiramos também a que nosso percurso profissional/afetivo com os filhos de Pedrinhas tenha servido e auxiliado como relação de respeito à história constituída e às possibilidades constituintes de cada um de nós, porque todos temos confins.

O ato de significação é derivado de uma negociação, que, no caso dos pais de Pedrinhas, resultou em ideias de uma italianidade em torno de um projeto comum imigratório. Lembramos que estes, provenientes das diversas regiões da Itália onde um sentimento de italianidade ainda não se tinha formado devido à forte propensão aos regionalismos com seus dialetos, decidiram por italianizarem-se demonstrando que, de certo modo, se pode ser mais italiano no exterior do que na Itália. Ao contrário, em nossos “filhos de Pedrinhas”, o ato de significação identitária se deu com uma maior variedade de possibilidades identificadoras com a inclusão das proveniências regionais de seus pais e de suas novas participações locais na produção de identificações culturais de uma italianidade como processo fluido e aberto em suas relações sociais. Portanto, em nossa dissertação, buscamos, ao caminharmos juntos aos nossos filhos de Pedrinhas, especificarmos como a atenção aos processos e às relações sócio-históricas nos permitiram observar as diferenças, as construções culturais e as possíveis identificações como construções sociais em um campo de confrontos e de trocas sociais entre as diversas culturas. Os nossos “filhos de Pedrinhas”, como “*ius migrantes*”, podem ser considerados um exemplo local do processo de hibridismo como processo e não somente como resultado na produção de novas matrizes de identificação

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIME, M. *Eccessi di culture*. Torino: Einaudi 2004.

ALBANESE A. “*Progettualità e management dei processi interculturali - Scenari, modelli e strategie*”. Milano: Cuem, 2002.

ALCADES, D. R. *Eles Fizeram a América: a saga dos imigrantes italianos em Pedrinhas Paulista*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Marília: UNESP, 2003.

AMBASCIATA D’ITALIA A BRASILIA. Disponível em:

<[http://www.ambbrasil.esteri.it/Ambasciata\\_Brasilia/Menu/I\\_rapporti\\_bilaterali/Cooperazione\\_politica/Storia/](http://www.ambbrasil.esteri.it/Ambasciata_Brasilia/Menu/I_rapporti_bilaterali/Cooperazione_politica/Storia/)> Acesso em: Maio 2012.

AMSELLE, J.L., *Logiche meticce. Antropologia dell’identità in Africa e altrove*. Torino: Bollani Boringhieri, 1999, p. 103 e 137.

BACHELARD, G. *Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2004.

BARTHES, R. *Miti d’oggi*. Torino: Einaudi, 1994.

BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Intervista sull’identità*. Roma: Laterza, 2003.

\_\_\_\_\_. In una Lectio Magistralis dal titolo “*Quali sono i problemi sociali, oggi?*”, 29 de outubro de 2011. Disponível em: <[http://www.editoriasociale.info/wp-content/uploads/2012/01/Bauman\\_web](http://www.editoriasociale.info/wp-content/uploads/2012/01/Bauman_web)>. Acesso em: Novembro 2011.

BHABHA, H. O terceiro espaço. In *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional*, n. 24. Entrevista concedida a Jonathan Rutherford, 1996.

BECK, U. *Che cosa è la globalizzazione. Rischi e prospettive della società planetária*. Roma: Carocci, 1999.

BERGER, P e LUCKMANN, T. *La realtà come costruzione sociale*. Bologna: Il Mulino, 1974.

BERMAN, M. *Tutto ciò che è solido svanisce nell’aria. L’esperienza della modernità*. Bologna:

Il Mulino, 2012.

BOLOGNINI, C.Z; PAYER, M.O. *Línguas de imigrantes*. Ciência e Cultura 2005; 57(2): p. 42-46. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200020&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252005000200020&script=sci_arttext)> Acesso em: Setembro 2012.

BONILHA, J.F. *Organização social e educação numa comunidade de imigrantes italianos e seus descendentes*. Tese de doutorado, USP, 1970.

BOSISIO R., COLOMBO E., LEONINI L., REBUGHINI P. *Una ricerca tra gli adolescenti figli di immigrati nelle scuole superiori*. Roma: Donzelli, 2005, p 68.

BOSI, A. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BURKE, P. 2003. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos. 2003.

CAMBI, F. *Intercultura: fondamenti pedagogici*, Carocci, Roma, 2001.

CAMPO JUNIOR, L. C. *O Cooperativismo no Vale do Paranapanema – Estudo das Cooperativas: Riograndense, Agropecuária de Pedrinhas Paulista e Coopermota*. Tese de Doutorado em História. Assis: UNESP, 1997.

CANEVACCI, M. 1996. *Sincretismos: uma exploração das hibridações culturais*. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

CAPATTI, M. *La cucina italiana. Storia di una cultura*. Roma: Laterza, 1999.

CAPRARA, G. *Personalità e rappresentazione sociale*, Roma: La Nuova Italia Scientifica, 1988.

CARITAS, *Dossier Statistico Immigrazioni, 2003*. Disponível em: <[http://www.caritasitaliana.it/pls/caritasitaliana/v3\\_s2ew\\_CONSULTAZIONE.mostra\\_pagina?id\\_pagina=404](http://www.caritasitaliana.it/pls/caritasitaliana/v3_s2ew_CONSULTAZIONE.mostra_pagina?id_pagina=404)> Acesso em: Outubro 2010

CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002.



CASTRO, G.M.. A língua como meio de conservação da identidade numa comunidade de imigrantes. *Revista INSIEME*, da APIESP – Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo. Vol. 9 pp. 147. 2002.

\_\_\_\_\_. *Pedrinhas paulista: memória e invenção*. Tese de doutorado em geografia humana. São Paulo: USP. 2002.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S.T.M & CODO, W. (Orgs). *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COLLETTA, F. *La storia delle piazze. Le piazze storiche: la costruzione delle piazze, storia, tipologia, modelli visuali e funzionali*. Disponível em: <<http://www.federica.unina.it/architettura/storia-della-citta-paesaggio/piazze-storiche/>> Acesso em: Fevereiro 2011.

CROCI, F. *Storia delle migrazioni*. Milano: FrancoAngeli, 2008.

Dal LAGO, A. *Non-persone. L'esclusione dei migranti in una società globale*. Milano: Feltrinelli, 2004.

DOLLOT, L. *Les migrations humaines*. Paris: Presses Universitaires, 1956.

FABIETTI, U., *L'identità étnica*. Roma: Carocci, 1998, p. 21

FERNANDES, L.L. *Língua e alimentação: dois elementos da identidade italiana em Pedrinhas Paulista*. Dissertação de mestrado em Letras. São Paulo: USP, 2006.

FEYERABEND, P. K. *Contro il metodo. Abbozzo di una teoria anarchica della conoscenza*. Milano: Feltrinelli, 2002.

FISCHER, S. R. *Breve storia del linguaggi*. Torino: UTET, 2004.

FOUCAULT, M. *La vita degli uomini infami*. Bologna: Il Mulino, 2009.

\_\_\_\_\_. *Storia della follia nell'età clássica*. Milano: Rizzoli, 1981.

\_\_\_\_\_. *L'ordine del discorso e altri interventi*. Torino: Einaudi, 2004.

\_\_\_\_\_. *Poteri e strategie. L'assoggettamento dei corpi e l'elemento sfuggente*. Milano: Mimesis, 1994.

\_\_\_\_\_. *Le parole e le cose*. Milano: BUR, 1998.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p.32.

FREUD, S. *Totem e Tabu*. Torino: Bollati Boringhieri, 1985.

FUSCO, W. e SOUCHAUD, S. *De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior*. Confins, 9, 2010. Disponível em: <<http://confins.revues.org/6469>> Acessado em: Setembro 2012.

GALIMBERTI, U. *Il gioco dell'opinioni*. Milano: Feltrinelli, 1989.

GENOVESE, A. *Per una pedagogia interculturale*, Bologna: Bnomia University Press, 2003.

GERGEN, K.J. *Construcionismo Social: um convite ao diálogo*, Roma: Editora do Instituto Noos, 2010.

\_\_\_\_\_. *The social constructionist movement in modern psychology*. American Psychologist, 40, 1985, p. 266-275.

\_\_\_\_\_. *Realities and relationships: soundings in social construction*. Cambridge: University Press, 1994, p. 264.

GEERTZ, C. *The interpretation of cultures*, New York: Basic Books, 1973.

GIDDENS, A. *Il mondo che cambia. Come la globalizzazione ridisegna la nostra vita*, Bologna: Il Mulino, 2000.

GIOVANNINI, D. *Colloquio psicologico e relazionale interpersonale*, Roma: Carocci, 1998.

GRAMSCI, A. In: *Quaderni dal carcere*. Paris: Einaudi, 2007 (*Quaderni 3 e 10*)

GRUZINSKI, S. 2001. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2001.

HAGG, C. *A saudade que mata*. Pesquisa FAPESP, 2010. Disponível em: <<http://revistapesquisa2.fapesp.br/?art=4151&bd=1&pg=1&lg=>>> Acesso em: Março 2011.

HALL, S. *Il Soggetto e la Differenza – per un’archeologia degli studi culturali post culturali*, Roma: Meltemi, 2006.

\_\_\_\_\_. *Politiche del quotidiano. Culture, identità e senso comune*. Milano: Il Saggiatore, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10a edição – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDER, F. *The psychology of interpersonal relation*. New York: Wiley, 1958.

HEWITT, J.P. *Sé e società*. Roma: Carocci, 1999.

HOBBSAWN, J. E. *Il secolo breve 1914-1991. L'epoca più violenta della storia dell'umanità* Trad. B. Lotti, Roma: Economica Laterza, 2003.

\_\_\_\_\_. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

HOLLANDA, H.B. *Os estudos culturais, seus limites e perspectivas: o caso da América Latina*. Disponível em: <<http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=205>> Acesso em: Outubro 2011

IBÁÑEZ, T.. *Constructing a Representation or Representing a Construction? Theory and Psychology*, n.4, 1994. p.46. Disponível em: <<http://odel.irevues.inist.fr/cahierspsychologiepolitique/index.php?id=1123.>>. Acesso em: Março 2011.

IBGE. *Cidades: Pedrinhas Paulista São Paulo*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=353715#>> Acessado em: Outubro 2011.

IÑIGUEZ, L. (Org.) . *Manual de análise do discurso em Ciências Sociais*. Trad. V. L. Joscelyne, Petrópolis: Vozes, 2004.

INGHILLER, P. *Esperienza soggettiva, personalità, evoluzione culturale*. Torino: Utet 1988.

COLLI, A. *Italiani in Brasile, 25 milioni di oriundi*. Italplanet. Janeiro/Fevereiro 2002. Disponível em: <[www.italplanet.it/interna.asp?sez=143&info=2344&ln=0](http://www.italplanet.it/interna.asp?sez=143&info=2344&ln=0)> Acessado em: 15 Fevereiro de 2012.

JERVIS, G. *La conquista dell'identità. Essere sé stessi, essere diversi*, Milano: Feltrinelli, 1977.

JUSTO, J.S. Prefácio. In: CONSTANTINO, E.P. (org.). *Percursos da Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo: UNESP/Arte & Ciência Editora. 2007, p. 8.

\_\_\_\_\_. *Andarilhos e trecheiros: errância e nomadismo na contemporaneidade*. Tese de Livre Docência. Assis: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. A chegada dos imigrantes japoneses e a partida dos decasségus: dois lados da mesma viagem. Em: HASHIMOTO, F. TANNO, J.K. & OKAMOTO, M.S. *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. São Paulo: Editora da UNESP, 2008.

JUSTO, J.S. e CORREA, M.R. A interdição alimentar e o saber do especialista: análise das leis sobre venda de alimentos em escolas. In: *Rev. Simbio-Logias*, V.2, n.1, 2009, p. 189.

KELLNER, D. *Cultural Studies, Multiculturalism, and Media Culture*. California: UCLA, 2006. Disponível em: <<http://www.gseis.ucla.edu/faculty/kellner/>> Acesso em: Abril 2011.

KLUCKHOHN, C. e KROEBER, A. L. *Il concetto di cultura*. Bologna: Il Mullino, 1982.

LE GOFF, J. *Os Intelectuais na idade media*. Lisboa: Gradiva, 1983.

LEWIN, K. *Teoria e sperimentazione in Psicologia sociale*. Bologna: Il Mulino, 1972.

LYOTARD, J.F. *La condizione postmoderna*. Milano: Feltrinelli, 2008.

MACHADO, A. A. *Brás, Bexiga e Barra Funda*. São Paulo: Saraiva, 2009.

MAALOUF, Amin. *L'identità*. Milano: RCS Libri, 1999.

MAFFESOLI, M. *Del nomadismo, per una sociologia dell'erranza*. Milano. FrancoAngeli, 1997.

MARTINS, Martins. Hegel, Texas: temas de filosofia e sociologia da técnica. In: *Hegel, Texas e outros ensaios de teoria social*. Lisboa: Edições Século XXI, 1996.

MARROU, H.I. *Storia dell'educazione nell'antichità*. Per il Liceo clássico. Firenze: Ed. Studium, 1978.

MEDRADO, B. *Psicologia Social: nos Desafios das Ações*. In: TOMANIK, E.A. e CANIATO, A.M.P. (Orgs). *Psicologia Social: Desafios e ações*. 1º. Ed. Maringá: Abrapso, 2011.

MEZZADRA, S. *Diritto di Fuga. Migrazioni, cittadinanza, globalizzazione*. Verona: Ombre Corte, 2006.

\_\_\_\_\_. Revista Trickster: *Metamorfosi della cittadinanza nella transizione postcoloniale*. *Intervista a Sandro Mezzadra*. S/D. Disponível em: <[http://trickster.lettere.unipd.it/doku.php?id=seconde\\_generazioni:mezzadra\\_origine](http://trickster.lettere.unipd.it/doku.php?id=seconde_generazioni:mezzadra_origine)> Acessada em: Abril 2011.

MINERVA, F.P. *L'interculturalità*. Roma-Bari: Laterza, 2002.

O GLOBO. *Festa em Pedrinhas Paulista, SP, serve uma tonelada de macarrão*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2012/08/festa-em-pedrinhas-paulista-sp-serve-1-tonelada-de-macarrao.html>>. Acessada em: Setembro 2012.

PEREIRA, J. B. Borges: *Italianos no Mundo Rural Paulista*. São Paulos: Edusp, 2002.

PEREIRA, P. A nova onda de imigração para o Brasil. In: *O Estado de São Paulo*. Matéria de 26 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://ambienteacreato.blogspot.it/2011/11/nova-onda-de-imigracao-para-o-brasil>> Acessada em: Dezembro 2011.

PESQUISA/FAPESP. *Revista de ciência e tecnologia*. São Paulo: Fapesp, nº 172, junho, 2010, p. 87-89.

PETOSCHI, M. *Menina, menina – storie da un'oasi italiano in Brasile, Pedrinhas 1951-1991, Quaderni sulle immigrazioni*. Molise: Cosme Iannone Editore, 1º edizione dicembre 2007.

PIRES, E. M. *História dos bairros paulistanos a Barra Funda*. Banco de dados da Folha. Disponível em: <[http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros\\_barra\\_funda.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/bairros_barra_funda.htm)> Acesso em: Dezembro 2011.

REMOTTI, F. *Contro l'identità*, Roma-Bari: Laterza, 1996, p. 29.

RICOEUR, P. *Ricordare, dimenticare, perdonare. L'enigma del passato*. Bologna: Il Mulino, 2004.

RISATA. *Barzulletta dell'orso*. Disponível em: <[http://www.risata.info/s/orso\\_polare.](http://www.risata.info/s/orso_polare.)>. Acesso em: Agosto 2012.

ROUANET, S. P. *A Razão Nômade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1993.

ROSO, A. e outros. *Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero*. In: Psicologia Social. Volume 14, no. 2. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822002000200005&script=sci\\_arttext&lng=en.](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010271822002000200005&script=sci_arttext&lng=en.)>. Acesso em: Novembro 2010.

SAID, E. *Cultura e imperialismo. Letteratura e consenso nel progetto coloniale dell'Occidente*, Roma: Ed. Gamberetti, 1998.

SALGADO, F.C.F. *As colônias Bastos e Pedrinhas*. Tese de Doutorado em sociologia. São Paulo: USP, 1971.

SANSONI, *Enciclopedia Filosofica*. Sansoni: Firenze, vol. 3, 1957.

SANTOS. Boaventura Sousa. *Um Discurso Sobre as Ciências*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SATO, L. & SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. in M. C. M. Matias & j. a. d. abib (orgs.), *Sociedade em transformação: estudo das relações entre trabalho, saúde e subjetividade*. (pp. 37-55). Londrina: EDUEL, 2007.

SAWAIA, B. B. A temporalidade no “agora cotidiano” na análise da identidade territorial. *Revista Margem* n.5, p. 81-95, 1996.

SCHNITMAN, D. *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

SHOTTER, J. The social construction of an "us": problems of accountability and narratology. In: R. Burnett, P. McGhee, D. Clark (eds.) *Accounting for relationships: explanation, representation and knowledge*. London: Methuen, 1987, pp. 225-247.

SPINK, M. J. P. (Org.). *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: abordagens teóricas e metodológicas*. 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

TOMANIK, E. A. Desafios e Ações na e para a Psicologia Social. In: TOMANIK, E.A. e CANIATO, A.M.P. (Orgs). *Psicologia Social: Desafios e ações*. 1º. Ed. Maringá: Abrapso, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Olhar no Espelho. Conversas sobre a pesquisa em Ciências Sociais*. Maringá, Eduem, 2004.

TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

TRECCANI. Enciclopédia. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/tag/ontologia/>> Acessado em: Outubro 2011.

\_\_\_\_\_. Enciclopédia. Disponível em: <<http://www.treccani.it/vocabolario/epistemologia>> Acessado em: Outubro 2011.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/cultura/>> Acessado em: Setembro 2011.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<http://www.treccani.it/enciclopedia/ricerca/identit%C3%A0/>> Acessado em: Março 2011.

TUSSI, L. *I concetti di multiculturalità, interculturalità e transculturalità*. Alcune precisazioni lessicali. Disponível em: <<http://www.auditorium.info/stampa.asp?id=368>> Acesso em: Dezembro 2010.

VARGAS, Getúlio. Entrevista concedida pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Doutor Getúlio Vargas, ao representante do Jornal "Paris Soir". In: *Boletim do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 59/60, s/p, jul./ago. 1939.

VELOSO, C. *Sampa*. Disponível em:

<[http://musicasbrasilbrasileiras.wordpress.com/2010/07/26/sampa-caetano\\_veloso/#comment-144](http://musicasbrasilbrasileiras.wordpress.com/2010/07/26/sampa-caetano_veloso/#comment-144)>

Acesso em: Outubro 2012.

VIRILIO, P. *Velocidade e Política*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

VITALINA, M. F; CARMEN, M. FAGGION; DAL CORNO, G. O. M. Prestígio e estigmatização: dialeto italiano e língua portuguesa. In: *Revista da ABRALIN*, v. 7, n. 2, p. 139-167, jul./dez. 2008.

ZEPPONI, Cristiano. in: "*L'emigrazione italiana, uno sguardo d'insieme dal 1876 ad oggi*". *Rivista Online di storia & informazione*, n. 23, novembro 2009. Disponível em: <[http://www.instoria.it/home/emigrazione\\_italiana.htm](http://www.instoria.it/home/emigrazione_italiana.htm)> Acesso em: Março 2011.

W.P. *I 100 anni di don Ernesto Montagner e i 60 di Pedrinhas Paulista*, 2012. Disponível em:

<[http://duomosandona.netsons.org/index.php?option=com\\_content&task=view&id=2118&Itemid=111](http://duomosandona.netsons.org/index.php?option=com_content&task=view&id=2118&Itemid=111)> Acesso em: Setembro 2012.



## ANEXOS

### Anexo A

#### Primeira Entrevista – Giovanni

Io sono [Giovanni – nome fittizio], sono brasiliano e i miei genitori sono italiani e sono venuti nel 1952. Sono un cantante, ho quarant'anni e lavoro con la musica italiana oggi. Che cosa posso dire?

#### **Tu ti senti di più brasiliano o italiano?**

È una domanda un po' difficile da rispondere perché penso che io sia italiano in certi pensieri, nella mentalità, nelle cose, nella cultura, nella maniera d'essere, la maniera d'essere nei pensieri. Brasiliano perché sono brasiliano... ma vedo che in certe cose ancora io ho dei costumi italiani, quelle cose che abbiamo imparato da piccoli. La cultura italiana, proprio questo che penso. Non so se è una cosa importante ma quando parliamo di calcio, l'Italia per me è in primo posto.

#### **In quali situazioni tu ti senti più brasiliano o italiano? Ci sono dei casi in particolari, dove tu ti senti più brasiliano o italiano?**

In quali situazioni. Le situazioni penso io... non so dire, spiegare ma ho sentito una volta dire in televisione che la mamma italiana, riguardo alla mamma di un altro paese, sono le mamme più dedicate ai figli e noi abbiamo questa cosa forte in famiglia. Di carezza, di unione familiare e vedo questo con i miei fratelli, noi siamo proprio uniti, abbiamo mai un problema di disturbo, di confusione o di parlare male, sempre di aiutare e dopo ci sono altre cose che non mi vengono in mente. Non so spiegare adesso ma gli italiani sono più di volontà, nel modo di famiglia penso io, come se dice... non restano preoccupati se vanno bene o male... resta così e basta. Io penso che noi, io le cose che ho imparato e cose che hanno passato i nostri genitori che sono venuti... adesso mi è venuto in mente... gli italiani quando sono venuti in Brasile abitavano tutti insieme le famiglie. C'erano sposati, c'erano i miei genitori e restavano tutti nella stessa casa e abitavano

insieme per tanti anni senza problema. Ho visto questo che diversi brasiliani mi hanno detto che per loro era impossibile questo, vivere insieme no perché si fanno baruffa, qualcosa e già fanno baruffa e non restano insieme e gli italiani erano così tutti stavano insieme ed erano uniti già i brasiliani no, non erano così. Questa è una cosa che noi, penso io, e la mia famiglia abbiamo ancora un po' dentro di noi... questa cosa di unione.

**Se tu dovessi elencare, farmi un elenco di diversità nel senso di parlare della cultura brasiliana o della cultura italiana quali sarebbero le differenze tra una cultura e l'altra oltre l'idea della famiglia?**

Come si dice... il mangiare, questo è differente proprio. Io non sono stato in Italia ancora ma i miei zii e i miei genitori sono andati e il mangiare è tutto diverso. In Brasile sono il riso e i fagioli sono i titolari e in Italia no, è tutto diverso o per lo meno mi hanno detto i nostri genitori è che la mangiano tutto diverso, la pasta e mangiano cose più selvagge, le cunicci (che in dialetto veneto è coniglio) le colombine (uccello) e qua noi non abbiamo questo abito e si mangiano solo le cose già pronte, c'è il pollastro (pollo che in dialetto veneto può essere anche sempliciotto) che uno va al mercà (che in dialetto veneto è supermercato) e lo compra, mangiano la carne di ... come se dice... maiale, porcello, e c'è la carne di bò (che in dialetto veneto è bue) della vacca noi diciamo qui. [commento persone della mia figlia nata in Italia e che a casa nostra in Italia mi chiede spesso riso e fagioli]. In Italia per lo meno io so che i miei cucini vanno a caccia... come si dice in Italia non è cunicci che si dice... è cunicci, conigli... ecco conigli, vero? Le colombini o altri uccelli e qui da noi perché non si può cacciare ma non c'è questa abitudine come ce l'hanno gli italiani. Li mangiano sempre la pasta qui da me a casa mia è sempre riso e fagioli.

**Come per te avere questa doppia cittadinanza. Essere italiano e brasiliano, italo-brasiliano?**

Non so dire. È una cosa buona e interessante perché tu parli due lingue, parlo in italiano e parlo in brasiliano. Anche perché tu hai due modi di cultura no?! La cultura brasiliana e la cultura italiana. Non lo so, non lo so dire. Penso che sia una cosa buona che aiutano in diverse situazioni no... penso io.

**Questa cosa della doppia tu l'hai vissuta di più come una crisi, ad esempio quando tu eri ragazzino o adolescente, o di più come una risorsa? Era avere un qualcosa in più o una difficoltà?**

Io difficoltà mai. Quando ero piccolo e si abitava in campagna e fino ai cinque anni io parlavo solo l'italiano, in dialetto veneto perché c'erano i nonni che parlavano solo in italiano e io ho imparato solo quello. Dopo io ho imparato a parlare il brasiliano quando sono andato all'asilo, ho cominciato con cinque anni e allora ho imparato. Non mi ricordo di avere avuto delle difficoltà perché per me non c'era problema. Quando io ero bambino c'era l'epoca che si piantava il cotone e c'erano tante famiglie brasiliane che abitavano proprio lì attaccate, insieme e io mi ricordo che io restavo insieme ad un bambino piccolo, un negrito proprio scuro ed io mi davo (trovavo) abbastanza bene con lui e giocavamo insieme.

**E da piccolo ti sentivi già italiano, italo-brasiliano con consapevolezza di questo o è stata una cosa che con gli anni hai acquistato?**

Questa cosa di italiano io mai... posso dire che quando avevo dodici anni già nella parte del **calcio** ero forte. Mi ricordo che **nel 82** quando l'Italia è stata campione (campione del mondo di calcio) abbiamo fatto una festa talmente grande e sono venuti tanta gente (è venuta tanta gente) tanti italiani di Pedrinhas dove si abitava in campagna e abbiamo fatto una grande festa e già lì si sentiva italiano in questa parte perché è forte, erano forte, è sempre stata forte perché si sta sempre parlando l'italiano allora queste cose vanno dentro e dopo le altre maniere di essere penso io anche.

**Se tu dovessi dire delle cose in negativo sia della cultura italiana sia della cultura brasiliana cosa diresti? In generale di quello che tu pensi che sia una cultura o l'altra.**

Negative non c'è. (di cose negative non ci sono). Di cose negative non posso dire niente nella cultura perché sono culture buone no... penso che di negative io non ho imparato per me non ho tenuto niente di negativo per me, per quello che mi serve.

**Se tu oggi dovessi definirti come persona cosa diresti di te stesso? Italiano, Brasiliano, come ti senti?**

Dipende della situazione. Se uno mi viene a domandare: tu sei brasiliano? Sì, io sono brasiliano però sono anche italiano da piccolo no. Allora diciamo che... io penso che io non abito... il mio abito (le mie abitudini sono) è ancora un po' diverso, differente di quelle persone... io non ho mai tenuto l'abito di... qui i brasiliani hanno l'abito di fine settimana sempre andare fuori...

sempre, sempre andare fuori (in portoghese “andare fuori” vuoi dire uscire da casa per divertirsi) e gli italiani proprio qui per lo meno chi a Pedrinhas sono più in casa (a casa) non vanno tanto fuori e questo è un abito più degli italiani... di sicuro. Questa è una cosa che posso dire che... se io mi metto a pensare che abito io ho per dire che quello che faccio io, io lavoro con la musica italiana e non ho l’abito di fare quello che i brasiliani fanno e quando sono a casa sono più familiare, mi piace stare a casa con mia moglie. Ai brasiliani piace così vanno ai Bar e gli italiani sono più sicuri (nel senso di economici) anche per spendere no. Diciamo questo i brasiliani per spendere non pensano no. Anche se non hanno i soldi se ne fregano... vanno e basta. Io sono un po’ sicuro e non sono una persona che va fuori sempre a spendere a volontà e questo è un abito più italiano per lo meno qui a Pedrinhas è così. Se io parlo del mio abito io sono più italiano nella mia maniera di pensare e di essere nella maniera chi sono gli italiani che sono i vecchi. Non so se è una cosa buona io non lo so. Io sono così. Lavoro con la canzone italiana e il mio modo d’essere è più chiuso allora penso che sono più italiano nel modo di essere ma sono un po’ brasiliano sì... perché qui noi siamo più a volontà è vero... noi sappiamo che in Italia non è così non si può stare a volontà così. Qui i brasiliani lavorano e dopo il lavoro stanno più a volontà, vanno a spendere e vanno al bar e tutti i giorni a bere e allora. Io vedo come sono i miei cugini in Italia e a volte parlo con un cugino mio che mi dice: adesso io arrivo dal lavoro e c’è sempre da fare, c’è l’orto da iniziare da sfurigliare e sempre cose da fare e allora. Noi qui facciamo le cose quando ci viene la volontà (la voglia) e lui no è tutti i giorni con il costume di trovare da fare. Trovar da fare, sfurigare sempre da fare qualcosa. Non restare sentado (seduto) fermo no... Questo abito che gli italiani hanno, gli italiani di Italia che io so che sono così e anche c’è gli italiani qui ancora a Pedrinhas che non hanno l’abito di stare fermo. Già io sono differente mi piacere fare le cose quando ho voglia. Allora un po’ di brasiliano io sono sì!!! (risos). C’è un po di tutto.

**Tu di lavoro fai il cantante italiano. Raccontami un po’ di questo tuo lavoro. Come ti è venuto in mente di fare queste mestiere ecc. Tu canti soltanto in italiano, vero?**

La musica da piccolo già era dentro di me... quando io avevo cinque sei anni. Ho fatto un po’ di musica brasiliana ma sono iniziato con la musica italiana solo con la musica italiana. Dopo ho cominciato a cantare un po’ di tutto. Ho suonato il sassofono dai 15 anni fino ai 19 anni e dopo mi sono fermato e non ho voluto più. Un cugino mio mi ha detto: “facciamo una band solo di

canzoni italiane” e lì io ho fatto il batterista per otto anni. Con questa band io ho cominciato a cantare un po’ le canzoni italiane al bar con play back e ho cominciato a fare questo piccolo lavoro con delle canzoni anche brasiliane. Dopo ho ottenuto la volontà di (mi è venuta la voglia di) gravare... come se dice gravare?! Registrare un cd. È cominciato così. Un cugino mio mi ha aiutato e abbiamo fatto questo cd e dopo tre anni ho fatto un altro cd italiano. Solo di canzoni italiane. E il cugino mio, un altro cugino che hanno (che ha) la banda Santa Fé che mi accompagna oggi che abbiamo un lavoro insieme mi hanno detto facciamo un lavoro insieme per feste italiane in Brasile perché c’è tanto lavoro e c’è poca gente che fa questo lavoro. Allora, io ho fatto di tutto in questa vita no e quando mi hanno detto questo io ho detto: “allora facciamo dai”. È un lavoro che è vero che ci sono pochi che fanno questo lavoro e oggi io lavoro con la musica italiana... è cominciato così! Principalmente canto di tutto ma mi è piaciuto cantare le canzoni italiane quando ho sentito per la prima volta un cd di Eros Ramazzotti e con la mia voce un po’ simile allora mi è piaciuto moltissimo cantare le canzoni di Eros che sono state le canzoni che quando ho cominciato c’era un repertorio grande delle canzoni di Eros quando facevo sui bar. Oggi faccio anche le canzoni di Eros Ramazzotti nei show come cover delle musiche.

**Questo tuo mestiere quanto ha contribuito per questo senso di italianità?**

Questo lavoro ha contribuito per parlare un po’ l’italiano dopo che ho cominciato a cantare le canzoni italiane lì ho imparato a parlare un po’ meglio l’italiano.

**Che cos’è per te essere italiano, nel senso che cos’è un italiano?**

L’italiano è un emigrante importante nel mondo. Gli italiani sono i più immigranti nel mondo. Hanno costruito tanti tanti paesi. L’italiano è un a razza, come si dice? È una razza? Non so dire la parola adesso perché mi è scapata. Ma è un... l’italiano è una persona un personali importanti nel mondo ed essere figlio di italiani e tenere questa cultura nel mondo mi piace moltissimo. Mi piace molto non so se è perché i miei genitori sono italiani ma penso che essere italiano... l’italiano è importante perché quando si parla in musica c’è nel mondo intero e l’italiano quando si parla in lavorare è nel mondo intero. Mi sento bene d’essere figlio di italiani e aver un po’ di questo sangue no.

**Raccontami un po' com'è il tuo rapporto con i vecchi (gli anziani) di questa città. Di quelli italiani che qui sono arrivati.**

Oggi un po' distante. Parlo poco. Quando io avevo 15 anni qui a Pedrinhas c'erano tanti italiani di più ed io con quindici anni io giocavo a bocce insieme con i vecchi e li si parlavano sempre, allora si aveva più contatto c'erano sempre cose da dire e l'approssimazione dei vecchi che sono venuti e mi piaceva molto. Dopo con gli anni che vanno passando e vanno via tutti vanno morendo e le cose vanno un po' restando distanti perché le cose cambiano. Oggi non ho tanto contatto sì che se si ferma per parlare si parla e mi piace ma già penso che sia una cosa mia che io non ho voglia di fermarmi e parlare con i vecchi. Sono stato tanti anni indietro più vicino a loro. Oggi no, non tanto penso che perché non ci sia più il gioco delle bocce e con questo i vecchi erano più vicini uno degli altri. Poi infelizmente (purtroppo) non per me ma vedo che i vecchi tanti vecchi sono distanti uno dagli altri a causa della politica che è un problema. Questo è un problema che penso che sia mondiale. È un peccato ma io sono più vicino dai vecchi che sono parenti i zii, i miei genitori e un po' qualcun altro ma non più di tanto.

**Com'è il tuo rapporto con i tuoi figli riguardo alla tua cultura, il tuo senso di essere italo brasiliano?**

Volevo che fosse una cosa più forte ma penso che infelizmente (purtroppo) io non passo niente. L'unica cosa che posso passare ai miei figli sono le canzoni italiane che sempre in macchina i figli sentono e quando i bambini saranno un po' più grandi posso portare insieme a far vedere il lavoro che faccio allora questa è la possibilità di passare un po' ma solo della musica perché parlare io non ho l'abito (abitudine) di parlare... (parlare in italiano) io parlo solo con i miei genitori solo e i miei cugini che a volte si parla per parlare e si parla più per scherzo ma non di parlare serio, si parla in dialetto veneto ma poche cose non con l'abito di parlare tutti i giorni come nelle città del Rio Grande do Sud dove sono stato e lì proprio si mantiene la cultura italiana e il parlare sempre è forte. Ma qui da noi infelizmente (purtroppo) io penso che non passo niente per i miei figli soltanto nel mio modo di essere.

Come dicevo il mio vicino ha ottant'anni e ha tutto a casa, l'orto con la verdura, l'uva, tutti i frutti e questa è una cosa degli italiani e i brasiliani qui non hanno questa cultura di avere un orto, di piantare l'insalata, tutte le cose di verdura. La cultura dell'uva sono pochi e a me mi piace (a

me piace) e io ho quindici piedi (rami) e perché mi piace? perché è della cultura italiana e solo gli italiani hanno qui e questa è una cosa bellissima che tutti dobbiamo fare ma non dico tutti ma quelli che hanno un spazio per piantare queste cose e tenere in casa ma non perché debbono tenere in casa e si perché questa cultura di vedere le cose è proprio della cultura italiana. Vedo che quando finiscono questi vecchi finisce tutto. Tutti vogliono andare dal mercà e comprare tutto pronto e questo è un male che noi abbiamo e per questo che dico che queste cose sono importantissime se avessimo passato ai nostri figli. A me mi piacciono (a me piacciono) queste cose anche perché ho un po' di spazio quindi faccio questo, no. E così le cose vanno si perdendo.

**Tu hai già finito tutto il tuo percorso scolastico e mi piacerebbe sapere se tu qualche volta hai avuto dei problemi di adattamento a scuola per il fatto d'essere italo-brasiliano. In qualche momento i brasiliani ti hanno fatto pesare il fatto che tu sia figlio di stranieri?**

Mai, neanche per il calcio perché per i brasiliani la prima cosa è il calcio. Io faccio vedere che sono tifoso dell'Italia e non c'è problema e i brasiliani accettano senza problema.

**In tutta la tua storia il fatto che tu ti sia sempre presentato da italo-brasiliano è stata una risorsa o un problema?**

Mai, mai un problema. Nella scuola non si parlava mai l'italiano allora non è mai stato un problema di accettazione con gli altri amici brasiliani... questo mai. Abbiamo fatto abbastanza amici e l'amicizia era forte perché io sono stato un bambino che non ho fatto mai... come si dice? Baruffa? Come si dice una briga? Mai... io non ho fatto mai una briga con una persona, mai mi è successo una cosa brutta così.

**Qualche volta qualcuno ti ha offeso con delle cose razziste?**

No, c'è stato sempre un rispetto grande. Sempre... sempre... sempre... fino d'oggi. Le persone mi chiamano di italiano. Tanti mi chiamano così: "Oh italiano" ma non ci sono stati mai dei problemi e le persone di Pedrinhas posso dire che mi rispettano abbastanza per questo lavoro che faccio io. Le persone, i brasiliani proprio, piacciono molto di questo lavoro che faccio. Danno valore... danno valore.

Io sono stato un ragazzo un po' pigro per studiare e i miei genitori non hanno mai fatto forza per me per studiare perché loro hanno studiato poco. Mia mamma è una persona che se poteva

studiare sempre... a mia mamma piace molto di leggere e a me non mi piace leggere e questo è un problema. Per me studiare è sempre stato un problema e non mi piaceva mai studiare e io non ho fatto di più per questo perché la scuola io l' ho lasciata prima di finire e questo non è una cosa bella che ho fatto. In questa parte gli italiani sono stati pochi che sono andati avanti per studiare della mia epoca. In questa parte per studiare gli italiani non erano molto di voler studiare no e sono stati pochi gli amici miei che sono andati avanti. Nella mia epoca si aiutava ai nostri genitori con il trattore e ci piaceva andare per lavorare con il trattore e non si pensava di studiare e questo è stato un problema e i nostri genitori non sono stati forti per mantenerci a scuola. Questo io posso dire che ho fatto poco fino d'oggi per questo. Posso dire che a me, nel mio lavoro, con quello che faccio oggi è proprio una sorte perché adatto questa mia voce buona e posso fare un lavoro che sono riconosciuto no. Penso che se non fosse questo lavoro io dovevo tornare alla scuola per finire e andare avanti perché senza studio è difficile e questo è un problema.

**Vorresti aggiungere qualcos'altro riguardo alla tua identità?**

Allora una cosa che mi piace molto penso che tu hai sentito. Quando viene una persona che abita in Italia l'attenzione che io do è di più. Tu hai sentito questo che ti ho sempre dato sempre attenzione e mi piace moltissimo per parlare e sapere delle cose dell'Italia. Questa è una cosa che identifica quando vengono ed è un persona italiana mi piace andare e parlare e sapere le cose... mi piace molto.

Grazie



## **Anexo B**

### **Segunda Entrevista – Michela**

Sou professora e sou coordenadora da [Escola...] já há alguns anos e já lecionei muito tempo em Cruzália que é uma cidade vizinha e sou filha de italianos imigrantes que vieram em 1952 e pensar que eu me sinta mais brasileira que italiana eu tenho dificuldade em separar estas coisas porque eu sinto as duas culturas muito embrenhadas uma na outra, na convivência com meus pais, na convivência com as pessoas da minha cidade.

#### **Teus pais te falam em italiano ou em português?**

Meu marido até ri de meu pai porque meu pai é uma pessoa estranha porque ele gosta... ele fala um português tudo errado porque a convivência dele quando ele chegou aqui foi com aquelas pessoas muito simples que vinha do nordeste e que vinham trabalhar aqui em Pedrinhas, eram os braçais. Então ele aprendeu a falar com este povo... ele aprendeu a falar o português com este povo. É interessante que ele gosta muito de farinha de mandioca, cachaça e ele se relaciona muito bem com esse povo. Acho que ele tinha 19 ou 20 anos e ele casou com minha mãe aqui que era imigrante também e era da mesma região, o *Abruzzo*.

Outra coisa que eu senti muita dificuldade quando a gente ia no jardim da infância e éramos obrigados a falar em italiano e é interessante que muitas vezes o nome de algumas verduras e frutas eu sabia em italiano e não sabia em português então eu tinha que pensar primeiro para depois... como é que isso chama mesmo? Já sentia este conflito né. É bom ter nascido nesta cultura? Eu não reclamo de nada não, só que eu tenho uma história de quando eu tinha quinze anos de idade o meu pai tinha sempre em mente que queria voltar para a Itália e quando ele voltou a gente era todo mundo muito pequeno. Minha mãe já havia falecido e nos tivemos muita dificuldade em ficar lá por volta dos anos 70 e nos voltamos aqui e recomeçamos novamente a vida. Então na época isto foi muito conflitante porque nos, eu e minhas irmãs, nos não queríamos voltar mas ele queria. E ai depois desta fase eu acho que realmente ele se assentou digamos assim. Ele se assentou e realmente disse não eu acho que sou realmente brasileiro porque até aquele momento era sempre aquela vontade de voltar para a terra de origem. É positivo? Muito, eu acho que eu já voltei para a Itália, eu passeie em 2007... muito lindo, eu achei muito lindo mas a gente tem assim uma riqueza interior muito grande. Eu que trabalho, convivo com os alunos

aqui da escola eu acho que a gente tem uma vantagem, uma noção de mundo muito maior que os nossos aluninhos que sempre ficaram aqui não tem. Essa valorização de comportamentos, de cultura, de posturas... a gente consegue lidar muito bem com isso.

**Se você tivesse que dizer coisas positivas e negativas de uma cultura e da outra o que você diria? Seja da cultura italiana que aquela brasileira. Qualidades e defeitos.**

Eu vou dizer o defeito primeiro. Acho que o italiano ou o europeu de maneira geral ele se sente um pouco superior a nos brasileiros. Eles se acham. A gente sente isso dentro da própria família e em outros momentos. Eles se acham não sei se você pensa assim como eu? O brasileiro não se é por causa da situação econômica não sei, ele se sente um pouco mais humilde, ele tem uma postura mais acolhedora. Não sei, mas eu diria mais humana. Eu acho que o brasileiro tem esta característica de ser mais acolhedor, mais sentimentalista digamos.

**No futebol se você torce para o Brasil ou para a Itália?**

Eu torço pro Brasil.

**Na tua casa como é?**

Na minha casa quem é italiano torce para a Itália e quem é brasileiro para o Brasil.

**As tuas amizades aqui na cidade elas são amizades que passam pela italianidade ou não? O teu círculo de amigos construído ao longo dos anos são todos filhos descendentes ou você tem amigos brasileiros também?**

Eu não faço diferença e nunca olhei por este lado então meus amigos são porque são e se são filhos de italianos é mera coincidência. Agora eu converso muito com a Iole aqui e eu sinto que nos temos uma formação diferente uma coisa meio rígida, não sei...

**Esta formação é feita do que, por exemplo?**

Esta formação, nos somos muito comprometidos com as coisas, muito. Acho que era a rigidez com que nos fomos criados né? Eu lembro muito de meu avô que me *diceva così*: “*io ho fatto la quinta sotto le armi e dobbiamo parlare e essere così... dobbiamo... una persona dev'essere reta e corretta*” e vai por este caminho e eu acho que como nos morávamos em sítio e o domínio dele sobre a gente era muito maior nos éramos mais condicionados talvez né... nos que somos um pouco tímidas eu acho e eu falo por ela também. Eu acho que em tudo isto se deu a nossa

formação. Eu acho que em tudo isto se deu a nossa formação interiorana.

**Você se sente italiana. Brasileira ou em qualquer modo ítalo-brasileira? Você sente esta italianidade na tua formação?**

Eu sinto e é impossível negar. Se eu encontrar as minhas tias de 70 e 80 anos a minha língua vai para o dialeto não é porque eu quero... “agora vou falar em italiano”... eu já falo... não sei. Eu já falo é espontâneo não dá pra separar, entendeu? [usa o dialeto como sinônimo de língua italiana]. O engraçado é que as minhas primas que são filhas das minhas tias italianas não me chamam de [nome] elas me chamam de [nome com o acento em italiano]. Ontem eu estive com elas e elas me chamam de [nome com acento em italiano] porque herdaram isso da mãe que não traduziu o meu nome.

**A tua relação com os parentes mais largos. Nestas relações você tem alguma italianidade? Você procura transmitir os valores de teus pais.**

Sim. É impossível separar. Com meus tios eu sou italiana, eu falo em italiano. Mesmo com as professoras daqui a gente fala frases em italiano. Como é que se chamam estas frases feitas e eles dizem. “olha a [nome] já vem com os dizeres do dialeto dela... ah a minha mãe fala isso... ah é igual a sua... eu herdei isso, estes falares. Estas frases a gente repete muito aqui na escola. E eu percebo assim que nos professoras que somos filhas de italiano eu acho que a gente tem um comportamento mais linha dura. Não sei? É a minha visão pode estar até enganada.

**A tua alimentação em casa como é constituída?**

Olha quando eu morava com meu pai a característica italiana era mais evidente. Eu falo minha tia porque minha mãe faleceu e meu pai casou-se novamente com a irmã mais velha. Eu lembro que minha tia, hoje era macarronada e amanhã não repetia-se a macarronada era um outro prato. Não eram muitos pratos, mas os pratos variavam dia a dia. Depois que eu me casei já a trinta anos eu adquiri muitos hábitos também por conta também do meu marido que gostava disso, é por exemplo, o uso de fazer coisas com o milho, o milho verde né. A gente faz muitos pratos com ele ou o palmito que a gente tem inclusive planta em casa. Pratos assim, comer soja e isto vem depois mas enquanto eu vivia na minha casa a alimentação, não que eu não coma macarronada toda semana, mas eu acho que se aproxima mais do comportamento brasileiro hoje.

**Interessante esta relação com o teu marido no sentido de que ele é brasileiro, totalmente**

**brasileiro e você é de família italiana, de pais italianos. Na relação de vocês você acha que teve alguma coisa de conflito por questão da cultura da formação cultural?**

Às vezes acontece sim, às vezes acontece. Principalmente se ele estiver perto e tiver minhas tias eu já falo em dialeto e ele diz: “poxa fala em português assim eu entendo”. Ele já fala já meio emburrado, irritado. Ele conhece toda estrutura da língua italiana, já fez curso de italiano mas eu percebo que ele tem o comportamento dele que é bem brasileiro, bem tranquilo de não se preocupar muito com as coisa e é diferente da gente que teve uma formação bem mais rígida.

Posso te contar uma coisa da minha infância? O que marcou muito a minha infância então o meu avô, como eu perdi a minha mãe, o meu avô era uma pessoa que mandava... não é mandava, mas ele teve uma influencia bem grande sobre a gente e nestas grandes festas religiosas tipo o natal e pascoa, nos íamos almoçar na casa de meu avô e quando nos chegávamos lá, como eu frequentava o jardim da infância, nos tínhamos que recitar e estas poesias eram em italiano. Então nos colocávamos *la letterina sotto il piatto* (a carta embaixo do prato) e meu avô, e eu como era mais velha, olha só, eu era a mais velha então eu punha no prato do meu avô. E a outra minha irmã, que já era a segunda da do meu pai, a outra do meu tio... e sempre o meu avo ficava surpreso quando ele girava o prato e encontrava esta letterina né... ai ele lia em voz alta e nos subíamos o sobreiro, uma cadeira e recitávamos esta poesia. Coisa de italiano, não sei. Lembro muito do meu avô que fazia questão que tivesse o pão na mesa, coisa que eu não tenho hoje né... queria que tivesse o vinho sobre a mesa e não misturava, [Marcellino pane e vino] por exemplo, ele fala esta mexida que a gente faz hoje né. Ele comia, não trocando de prato, mas ele comia uma coisa por vez né. Não misturava, por exemplo, sopa, macarronada com alface, por exemplo né. Coisa que a gente faz hoje.

Outra coisa do meu avô, por exemplo, é quando quatorze de dezembro é dia de meu onomástico ele ia lá na minha casa, nos tínhamos um sitio vizinho, dizer para mim se eu lembrava que dia era aquele dia... *Oggi è Santa [nome]*... lembro também quando nos íamos no jardim, como era o nosso catecismo, não era de reflexão, era uma coisa bem decorada... “*dov'è nato Gesù?*” e nos respondíamos: “*a Betlemme sulla campana... dov'è morto Gesù? Sulla croce sul monte calvario... Bravi... cosi mi piace.*” E assim era o nosso catecismo.

**Deixa eu te perguntar uma coisa. Você sabe que hoje na Itália o conflito entre as culturas é muito grande. Os italianos recebem os imigrantes e os filhos deste imigrantes são mais ou**

**menos o que você foi no Brasil. E lá tem muito conflito entre os italianos e esses imigrantes. Você foi uma filha de imigrantes no Brasil, se você tivesse que dizer alguma coisa para essas pessoas, você acha que você poderia contribuir em algum modo com a tua experiência. A experiência de ter sido criada filha de estrangeiro no Brasil que teve que criar uma identidade brasileira mas ainda sendo italiana. O que você diria para estas pessoas lá hoje?**

Olha, eu diria eu vou repetir o que os italianos falam aqui. Pelo fato de eles terem saído é que eles puderam usufruir do que ficou lá. Isso eles dizem a todo momento... graças a nos né. Eles dizem assim, por exemplo, que muitas vezes eles vão em busca ou querem voltar pra lá e não encontram mais o espaço que eles deixaram né. Eles falam, se vocês estão bem e estão em poucos graças a nos que saímos não é? E se essa saída foi muito difícil para eles porque eu lembro do meu pai... tinha uma coisa de voltar mas a gente via que aqui ele estava bem mas uma vontade de voltar a origem que era uma coisa impressionante. Eu não sei de onde... eu lembro que a gente era criança e nos já estávamos apegados aos tios, aos colegas, aos amigos, e eu não queria voltar para a Itália, eu não tinha o porque voltar. E toda a vida com esta coisa de voltar e dava a impressão que ele nunca estava aqui. Mas hoje não, eu acho que depois que ele voltou e viu ele se fixou aqui. Mas não deixa de defender a Itália dele com unhas e dentes. Eu me lembro que, hoje não, era dia das mães, por exemplo, quando você ia pras homenagens e eu lembro que na torre da igreja cantava-se aquelas musicas: "*mamma sono tanto felice*" e meu pai já se derretia em lágrimas só de ouvir, né. Então eu acho que, eu não sei se pelo sentimentalismo mas eu vou dizer uma coisa este povo ele ta aqui... eles foram heróis porque abandonar uma terra não é fácil.

**Como você gostaria de concluir?**

Eu acho que eu sou brasileira. Eu acho que eu sou. Talvez pelo meu marido também né? Talvez. Eu gosto, eu gosto daqui. O que eu admiro nos italiano é a organização deles eu acho que eles são muito organizados eles quando querem umas coisas eles vão a luta pelos direitos deles. Coisa que eu não sinto isso no brasileiro nos somos mais acomodados, aceitamos as coisas mais facilmente porque não sei. Pela história que os italianos tem já de luta né. Eu acredito nisso.

Obrigado.

## **Anexo C**

### **Terceira Entrevista – Rita**

O meu nome é [nome] tenho 45 anos, sou filha de italianos. Meu pai é [nome], ele nasceu em Foggia, ele veio ao Brasil com 10 anos com a família dele em 1952. A minha mãe é [nome], nasceu perto de Venezia veio para o Brasil também em 52 com nove anos. Eles se conheceram aqui em Pedrinhas e quando cresceram acabaram se casando. Os meus avos paternos acabaram voltando do Brasil para a Itália deixando meu pai e o irmão de meu pai solteiros cuidando das terras no Brasil e com isto o meu pai namorando a minha mãe teve que casar pra minha mãe acabar cuidando do meu pai.

#### **E seus avos não voltaram mais para o Brasil?**

Meus avos paternos não voltaram mais para o Brasil. Depois de 10 anos que minha mãe e meu pai casou, meu pai sofreu um acidente de carro. Meu pai, o irmão dele e mais duas pessoas juntas, ai sim a minha avó paterna voltou para o Brasil e ficou mais um ano e meio mas não acostumou com o clima do Brasil e voltou para a Itália. Os meus avos maternos continuaram morando no Brasil te falecerem com 74 e 80 anos. Eu continuei, cresci e acabei casando com um brasileiro, tive uma filha e os costumes do meu marido, ele é brasileiro, tinham aquelas danças típicas brasileiras, catira e essas coisas. Em Pedrinhas Paulista a gente é acostumado aos costumes italianos, porque aqui é uma cidade típico italiana mesmo, uma pequena Itália no Brasil é aqui em Pedrinhas. Quando eu era criança na minha casa a gente falava só o italiano com meu pai e a minha mãe e pois nos começamos a estudar na escola e os professores pediram que a gente falasse só em português. Falávamos italiano em casa e português na escola porque a gente não conseguia aprender correto, falar o português correto. Minha mãe não teve estudo, teve só até o segundo ano, meu pai também só segundo ano e falavam só em italiano em casa então eu tive um pouquinho de dificuldade na escola em relação a língua. Falar em português e depois falar em italiano em casa era mais difícil.

Quando eu casei com meu marido eu vi as tradições brasileiras com a família dele e ele conheceu as tradições italianas com a minha família. Eu acabei me separando e criei minha filha sozinha até hoje já fazem dezoito anos, dezoito anos que eu estou separada só que eu criei minha filha no costume italiano com a tradição de Pedrinhas que a maioria é de italianos. Falo em português

com ela em casa mas já fui a Itália com ela três vezes. Na Itália eu falo italiano e no Brasil não. Eu vejo que para mim adaptar com as coisas italianas para mim é fácil porque a minha família inteira é da Itália então para mim não tem problema nenhum. A dupla cidadania eu ainda não tenho, mas é interessante o fato de estar sempre indo pra lá e eu acho interessante para minha filha também puramente para poder estar indo para lá.

**Quando você era criança e em casa se falava em italiano e depois na escola não se podia falar em italiano, mas só em português, o que você sentia?**

Era muito ruim para mim porque em casa falando em italiano e na escola falando em português as vezes a gente misturava e não conseguia fazer a frase inteira em português. Os amigos da gente que tinha bastante brasileiro, apesar de ter bastante italiano também, eles tiravam sarro da gente porque acabávamos falando errado. Por exemplo, invés de falar amarelo eu falava esta coisa em italiano e então eles tiravam muito sarro e a gente acabava ficando com vergonha as vezes até de conversar na escola. Ai a gente foi acostumando e minha mãe também teve até que parar de ficar falando em italiano em casa. Hoje a gente já não conversa mais pelo costume de estar sempre falando em português. Mas quando a gente vai nas casas de nonos ai a gente ainda fala em italiano, quando tem os avós de minhas amigas a gente conversa em italiano senão só em português

**Se você tivesse que se definir culturalmente como você se definiria? Você é brasileira ou italiana?**

Sou brasileira porque nasci aqui, mas para mim eu sou italiana. Porque é pai e mãe italianos e minha família inteira é italiana. Eu só tenho uma tia que é a irmã de minha mãe que é brasileira. Todos são italianos então para mim eu sou italiana que mora no Brasil, porém eu sei que sou brasileira que nasci no Brasil.

**O que é ser italiana para você, onde é que você se sente italiana?**

Eu me sinto italiana pelos costumes que a gente tem na minha casa. Tudo italiano, fala italiano, comidas típicas italianas. Eu me sinto mais italiana porque eu moro no meio de um monte de italianos, costumes italianos, a maneira da gente falar, de agir e o pensamento meu também. Eu penso mais né como italiano, como se fosse uma religião, o católico o crente, você entende. A gente tem um costume tudo de italiano, as danças típicas italiana, a comida italiana, o modo de a gente agir e pensar e porque é de uma família italiana mesmo.

Eu me sinto assim mais italiana realmente por causa da comida mesmo. Na minha casa se faz mais o macarrão, nhoque, lasanha e arroz e feijão também. Porém por serem todos filhos de italianos a gente acostumou mais com sempre macarrão direto. Esse negocio de macarrão só de domingo é na casa do meu ex-marido que é brasileiro e de domingo come só macarrão. Na minha casa é ao contrario a pesar de que na minha casa de domingo a gente só come lasanha e nhoque também que a gente gosta ou então churrasco. Mais é mais massas mesmo como costume e a gente come uma saladas também. Sei lá eu gosto muito de meus parentes na Itália, todos os meus parentes são de lá então eu acabo conversando mais com eles e me identifico mais.

**Se você tivesse que falar de coisas positivas e negativas do ser brasileiro e do ser italiano o que é que você diria?**

De positivo do brasileiro o que eu acho assim que tem uma cultura, não são todos os lugares, mas tem lugares que lembram bastante as danças típicas porem deixa muito a desejar, fica muito no esquecimento. Agora da Itália aqui em Pedrinhas a gente comemora muito as festas italianas, as danças, a festa italiana que é tudo massas, tem as danças tradicionais e eu quando pequena sempre, acho que todos os filhos de italianos aqui dançavam tarantela, eu dancei, meu irmão dançou, minha filha dançou. Então o lado bom dos italianos aqui no Brasil é que a gente relembra, comemora sempre as partes de festa. O lado ruim que eu acho da Itália aqui no Brasil é que eu acho que a gente deveria na escola ter a língua italiana não só agora, sempre!

**Você me falou antes que quando você era pequena a língua italiana na cidade ela não vinha estudada, era quase proibida. Porque agora e quem é que quis se se voltasse a estudar a língua italiana. São vocês os filhos?**

Como a cidade teve prefeitos agora a quatorze anos atrás então os prefeitos começaram com os professores a recuperar a língua italiana porque a maioria são filhos de italianos aqui. Porem a maioria dos filhos italianos não falam mais o italiano. Falam aqueles que tem os avos em casa e ai falam. Por exemplo no meu caso que só tenho a minha mãe, meu pai morreu, meus avós estavam na Itália e os outros morreram, vai no esquecimento a língua italiana. Eu falo porque eu vou pra Itália na casa de meus parentes. O meu irmão caçula ele nunca foi para a Itália e ele não entende nem um bom dia em italiano. Então ai já vem os netos então... os prefeitos começaram junto com os professores e voltaram a língua italiana nas escolas. Principalmente aqui em Pedrinhas que é uma colônia italiana que seria muito interessante.



**Naquela ocasião em que os italianos chegaram como estrangeiros, os brasileiros quiseram que esses italianos falassem em português. Agora que os filhos dos italianos são prefeitos, como os brasileiros vem esta situação dos descendentes que querem estudar o italiano aqui na escola pública?**

Como uma aprendizagem a mais. Os brasileiros que vem morar em Pedrinhas sabem que é uma colônia italiana e eles gostam também. Hoje eles aceitam bem mais e eles querem que os filhos de italianos e ate mesmos os italianos lembrem que moram no Brasil. Claro que nos filhos de italianos lembramos que moramos no Brasil. Quem veio embora da Itália para cá é porque deu algum problema e o Brasil é bom para nos morarmos porem a gente não esquece da Itália né. Então eles estão aceitando bem.

**Se você tivesse que notar uma diferença muito forte entre uma cultura e outra o que você diria? O que é ser brasileiro e o que é ser italiano**

Ser brasileiro eu acho que é muito gostoso por um lado que a gente, vamos dizer assim, eu nasci brasileira apesar de ser filha de italianos, porem eu tenho que honrar onde eu moro. Eu gosto, entendi? Só que eu não sei se é por ser filha de italianos que o costume da gente é... eu acho que o brasileiro é muito mais folgado, tranquilo entende? Muito menos responsável. Os italianos são mais trabalhadores. Saíram da pátria deles vieram para um outro mundo trabalhar e tentar uma nova vida. O Brasil é tão grande e muitos brasileiros não valorizam isso. A Itália é um país bem pequeno e os italianos trabalham bastante e se dedicam mais e querem crescer e tem responsabilidade maior e batalham por uma vida melhor. O brasileiro não, eu acho que eles pecam muito em curtir hoje e não amanhã. Eles não tem esta responsabilidade de um futuro melhor para os filhos. Muitas pessoas pensam diferente mas o brasileiro, o brasileiro mesmo eu acho que eles não pensam muito no amanhã e ficam curtindo só hoje. Apesar que eu acho difícil ter o puro brasileiro ne. Hoje a maioria tem alguma mistura no sangue né. Brasileiro de verdade é meio difícil.

**Você sabe que hoje na Itália os imigrantes que estão lá sofrem. Tem muita crise entre os filhos dos imigrantes e os italianos mesmo. O que você acha desta crise e você acha que a experiência dos italianos no Brasil pode ensinar alguma coisa a estas pessoas? Por exemplo, hoje os filhos dos diversos imigrantes se encontram mais ou menos na mesma situação que você estava aqui.**

Que nem eu falei para você no começo quando a gente era pequeno e ia para a escola a gente teve este bloqueio que não podia falar o italiano. Então eu acho que na Itália deve ser a mesma coisa. Quando você vai para a Itália você tem que se adaptar ao país a língua italiana, né. É o que acontece quando eu vou para a Itália e os meus tios dizem: não aqui na Itália você tem que falar o italiano e no Brasil o português, né. Eu acho que eles devem passar a mesma coisa que nos passamos quando era no começo de Pedrinhas Paulista apesar que aqui em Pedrinhas eu achei que não foi tão discriminado porque não é que veio para uma cidade que já tinham os brasileiros. Veio para uma colônia que só tinham os italianos e depois foram chegando alguns brasileiros e foi dificultando a conversa. Antigamente era a minoria mesmo. Veio o padre, as famílias italianas e aí que eles começaram a conversar e conforme foi aparecendo os brasileiros que aí foi dificultando. Agora eu acho que lá na Itália é a mesma coisa que veio pra cá. Então os brasileiros vão pra lá e eles vão ter que se adaptar na língua italiana e ao sistema de lá. Porém o brasileiro é mais acomodado entende? E na Itália por ser primeiro mundo eu acho né a situação já é mais um pouquinho acelerado. Tem mais responsabilidade e tem que trabalhar mais. Mesmo que muitos brasileiros saem do Brasil pra fora, para a Europa para ver se consegue fazer a vida, um pé de meia. Lá na Europa a gente trabalha muito porque eu já trabalhei dois meses lá. Lá si trabalha e não é como aqui no Brasil que a gente se encosta. Trabalhamos sim porém não chega nem no pé do que se trabalha na Europa.

**Você gostaria de acrescentar alguma outra coisa que você gostaria de falar sobre a Itália e sobre o Brasil. Qualquer coisa.**

Olha o Brasil é... eu gosto muito do Brasil. Sou brasileira descendente de italianos. Aqui o país é calmo... calmo que eu falo é assim para você estar trabalhando tudo né porque tem lugares que são terríveis. É muito bom de viver a vida você entende?! Porque é calmo só que futuro mesmo no Brasil esta deixando a desejar. Eu acho que poderia puxar mais... é maravilhosa tem lugares muito bonitos e acho que a Itália também tem. Se eu pudesse ir ambara com minha família para Itália hoje eu iria porque eu me sinto muito bem lá. Tem as coisas que eu gosto e a maneira de falar. Eu entendo o italiano então é fácil de viver lá. A comida que a gente já esta acostumado a comer né... massas, eu não sinto falta do arroz e do feijão que eu não gosto porque eu gosto mais de massas. Eu já acostumei lá agora a minha mãe para morar ela não voltaria pra Itália por causa da época que ela veio com a guerra né então ela tem maus pensamentos de lá.

**Eles chegaram a voltar alguma vez para lá?**

A minha mãe ela foi já duas vezes quando ela veio para o Brasil em 1952 ela voltou depois de trinta e cinco anos e agora faz seis anos que ela voltou de novo.

**O que ela diz?**

Pra passear é muito bonito, ver a família dela, onde ela nasceu né... ela gosta e ela até se emociona tudo, mas pra morar ela não iria. Mas eu acho que é mais por causa que os filhos dela estão no Brasil e o caçula dela ele nunca viajou e não quer sair do Brasil porque ele gosta muito daqui. Eu já, se ela fosse embora, eu ficaria com ela lá. Eu gosto muito de lá e a família minha inteira, tanto de meu pai como de minha mãe, todos estão na Itália. Só minha *nonna* materna que morreu aqui no Brasil.

Muito obrigado.

**Anexo D –****Quarta Entrevista – Elena**

Eu me chamo [Elena... nome fictício], tenho 54 anos e sou diretora desta escola municipal .

Mia mãe veio grávida da Itália. Minha mãe veio aqui em abril e eu nasci em julho. Quando meus pais chegaram aqui eles não sabiam falar o português. Em 1955 eles chegaram aqui e eles deviam ter nem uma quarenta anos eu acho porque a minha *nonna* tinha cinquenta então eu acho que eles eram bem mais novos. Eu não lembro bem quantos anos eles tinham. Eles chegaram aqui com um acordo entre a Itália e o Brasil. Eles chegaram aqui e cada um deles tinham um sítio e minha avó tinha três filhos e os três ficaram morando juntos. Ai eles tinham um sítio eles trabalhavam, só que este sítio eles tinham que pagar. Então toda colheita eles tinham um pagamento. Quando eles chegaram aqui eles não sabiam falar nada de português e tinha aula a noite e eles frequentaram e aprenderam, aprenderam bastante coisas. As mulheres não. A minha mãe aprendeu com a vida, minhas tias e minha avó mas meu pai e os meus tios vieram para a escola assim só para aprender o português.

**Como foi para você ter nascido em uma família de italianos aqui em Pedrinhas. Qual foi a tua primeira língua?**

Então, a minha primeira língua se falava o italiano. Nós éramos proibidas de falar o português durante as refeições. Então nós tínhamos que falar o italiano, o dialeto até hoje é o que eu falo. Eles vieram do *Lazio, Imperia*, os dois pai e mãe. O português a gente falava na escola e nós tivemos muito trabalho porque eu não sabia nada de português então as professoras naquela época elas não tinham paciência. Acho que elas não entendiam isso né que em casa nós falávamos uma língua e na escola outra. Então a gente levava bronca na escola. Quando brincava com as amigas a gente falava o português e na escola porque em casa era o italiano.

**Como eram essas broncas?**

Por exemplo ela mandava falar alguma coisa e eu sabia aquilo só em italiano. Então já falava: “mais não sabe nem falar” e pedia para falar o português.

**No teu crescimento da criança e depois adolescente você teve algum problema em relação aos brasileiros. Você se sentia brasileira ou você se sentia italiana?**

Eu sempre me senti italiana, sempre. Até hoje eu ainda me sinto italiana. Se alguém me pergunta qual é a sua nacionalidade eu já falo sou italiana. E nasci aqui, né. Mas a gente viveu muito o italiano você entendeu? Muito, muito, muito em casa então eu me sinto até hoje italiana mesmo.

Os teus pais o que eles dizem dos brasileiros?

Quando eu era moça, o que eles diziam dos brasileiros? Eles queriam que a gente nem casasse com os brasileiros. Imagina namorar! Não podia nada. Nós tínhamos que namorar com os italianos e mesmo os italianos e mesmo os italianos que vieram aqui como o meu marido que bisavô dele era italiano só que ele já tinha virado brasileiro. Ele era brasileiro para os meus pais e acabou.

**Você lembra de alguma história trágica que aconteceu em Pedrinhas de famílias que não deixaram a relação entre brasileiro e italiano?**

A teve sim. Eu tive amigas que os casamentos foram combinados e a moça gostava de rapaz brasileiro mas não casou não. Não pode casar nada e foi obrigada a casar.

**Como é que os brasileiros viam isso?**

Eles viam que eles não podiam nem chegar muito perto da gente como se fosse... não podia ter muita amizade, aquela coisa que: “ela é italiana, entendeu?” Porque os italianos se sobressaíram muito aqui em nossa cidade. Eles chegaram aqui eles eram trabalhadores. Eram famílias assim unidas e ficou uma coisa assim bonita para eles e os brasileiros como se os italianos fossem intocáveis, entendeu? Ficou aquela diferença.

Você é italiana, brasileira ou ítalo-brasileira. Como você se sente como identidade?

Olha lá dentro eu me sinto italiana mesmo eu trabalhando no Brasil mas eu faça uma força danada para na minha escola ter língua italiana. Eu quero ensinar esta cultura para as crianças que estão aqui.

**Se você tivesse que dizer valores italianos e brasileiros e depois defeitos de uma cultura e da outra, o que você diria?**

O ser italiano pelo meu modo de ver e eu não sei se é bem assim. Como eu vejo o italiano, o italiano ele tem essa coisa de pensar no futuro e o brasileiro eu vejo que não. Eu aprendi sempre com minha mãe e ela dizia assim que o italiano trabalhava e pensava no futuro e o brasileiro não

ele trabalhava hoje para comer hoje. É isto que eu tenho dentro de mim. O brasileiro é bastante amigo, é acolhedor... o brasileiro é mais acolhedor do que o italiano entendeu? A casa do brasileiro esta sempre aberta para todos a dos italianos não. Já é uma coisa mais reservada. Eu me identifico mais com o italiano, eu sou mais fechada.

**Você sabe que na Itália hoje o conflito entre as culturas é muito grande com os filhos dos imigrantes. O que você acha que foi importante para você se integrar como filha de estrangeiro no Brasil?**

Eu acho que é vantajoso ter uma dupla cidadania, é vantajoso sim você ir para um outro país e sentir a integração. Eles aprenderam muito com os italianos e os italianos aprenderam muito com os brasileiros. Mesmo que no começo tenha sido difícil para os italianos aceitarem os brasileiros e para os brasileiros aceitarem os italianos. Mas hoje eu vejo que existe uma integração muito grande, entendeu? Os brasileiros aprenderam muito com os italianos. Nos, os italianos, também aprendemos muito com eles. Eu acho que tem que existir uma integração e que cada um tem que ir para um país onde a vida é melhor.

**Em relação a história do teu casamento, você poderia a me contar como foi esta história?**

Então vamos lá. Vou contar a história do meu casamento. Eu comecei a namorar um brasileiro que não tão brasileiro ele era porque o bisavô dele era italiano de Veneza, então quando a minha família ficou sabendo, meu pai, mia mãe, meus tios, foi um alvoroço porque eu estava namorando um brasileiro. Ai muitas brigas porque meu pai não queria de jeito nenhum e minha *nonna*, meu Deus, então desconjurava. E ai os parentes, um deles chegou a falar assim para minha mãe: “então se fosse um preto a senhora iria deixar também?”. E minha mãe ficou assim decepcionada e foi falar com o padre de nossa cidade que era um padre italiano e que também era padre na cidade vizinha do meu namorado. E o padre falou que não tinha nada de mais e que era uma família boa e que podia deixar namorar tranquilo. Foi ai que eu comecei a namorar e foi dai que muitas amigas minhas as famílias começaram a deixar a namorar com brasileiros.

**Hoje a relação deles como é?**

Hoje é normal. Nem se lembra que aquele é brasileiro e aquele é italiano. Eu morei só um ano sozinha com meu marido e depois meus pais vieram morar comigo. E ele entro muito bem na nossa cultura. Ele aprendeu a comer a comida italiana porque minha mãe só fazia comida italiana.

**Os teus pais chegaram a voltar para a Itália? Como foi?**

Chegaram, eles foram passear e a coisa foi muito boa. E eles ainda falavam assim: “nossa se fosse para eu morar na Itália eu não iria mais”. Eles gostaram muito daqui, da cidade.

**Você já foi para Itália?**

Já fui para a Itália uma vez. Eu gostei muito e estou morrendo de vontade de voltar de novo. Eu amei. Você vê, eu cheguei na Itália, eu falo o dialeto né, eu acho que nem uma semana e eu já estava falando o italiano. Eles até comentaram que eu cheguei falando de um jeito e já estava falando de outro.

**Você ainda tem parentes lá?**

Eu tenho os primos de meu pai e minha mãe e eu tenho bastante contato. Eles vieram para cá várias vezes. A gente se escreve e às vezes se telefona. Eles gostam muito daqui e têm vontade de vir passear aqui bastante.

Olha, eu gosto muito de ter uma dupla identidade. Eu acho que é importante. Eu me sinto importante com isso de saber que eu tenho duas nacionalidades. Para mim isto é uma coisa importante... acrescenta. Eu tenho orgulho de ser assim.

Muito obrigado.